



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
JORNALISMO

**POR DENTRO DA ÁFRICA: MUITO ALÉM DE UMA
HISTÓRIA ÚNICA**

GABRIEL KUPFER DA SILVA RODRIGUES

RIO DE JANEIRO

2017

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
JORNALISMO

**POR DENTRO DA ÁFRICA: MUITO ALÉM DE UMA
HISTÓRIA ÚNICA**

Monografia submetida à Banca de Graduação como
requisito para obtenção do diploma de
Comunicação Social/ Jornalismo.

GABRIEL KUPFER DA SILVA RODRIGUES

Orientador: Prof. Dr. Marcio Tavares d'Amaral

Coorientadora: Janine F. S. Justen

RIO DE JANEIRO

2017

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

TERMO DE APROVAÇÃO

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, avalia a Monografia **Por Dentro Da África: Muito Além De Uma História Única**, elaborada por Gabriel Kupfer da Silva Rodrigues.

Monografia examinada:

Rio de Janeiro, no dia/...../.....

Comissão Examinadora:

Orientador: Prof. Dr. Marcio Tavares d'Amaral
Pós-doutorado em Filosofia pela Universidade de Paris V Sorbonne Sciences Humaines

Coorientadora: Janine F. S. Justen
Mestra em Comunicação e Cultura pela Escola de Comunicação – UFRJ

Profª. Drª. Cristina Rego Monteiro da Luz
Doutora em Comunicação e Cultura pela Escola de Comunicação – UFRJ

Prof. Dr. Igor Pinto Sacramento
Doutor em Comunicação e Cultura pela Escola de Comunicação – UFRJ

RIO DE JANEIRO

2017

FICHA CATALOGRÁFICA

RODRIGUES, Gabriel Kupfer da Silva.

Por Dentro Da África: Muito Além De Uma História Única. Rio de Janeiro, 2017.

Monografia (Graduação em Comunicação Social / Jornalismo) – Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Escola de Comunicação – ECO.

Orientador: Marcio Tavares d'Amaral

Coorientadora: Janine F. S. Justen

*À minha Mãe, Katia, por sempre
acreditar em mim, por me fazer
rir e por estar ao meu lado nos
momentos em que mais precisei.
E à meu Avô, José Julio, por sua
luta e perseverança na vida.*

*Agradeço à minha família, às
minhas queridas amigas e aos
meus queridos amigos por todo
apoio e pela paciência ao longo
desta jornada.*

*Ao professor Márcio por ter me
acolhido e aceitado me orientar.*

*E à professora Janine Justen, por
sua militância e por seu
engajamento contagiantes e pelo
papel fundamental na realização
deste trabalho.*

"Histórias importam. Muitas histórias importam. Histórias têm sido usadas para expropriar e tornar maligno. Mas as histórias podem também ser usadas para capacitar e humanizar. Histórias podem destruir a dignidade de um povo, mas histórias podem reparar essa dignidade perdida."

Chimamanda Ngozi Adichie, O Perigo De Uma História Única (2009)

RODRIGUES, Gabriel Kupfer da Silva. **Por Dentro Da África: Muito Além De Uma História Única**. Orientador: Marcio Tavares d'Amaral. Coorientadora: Janine F. S. Justen. Rio de Janeiro: UFRJ/ECO. Monografia em Jornalismo.

RESUMO

Este trabalho pretende analisar como a prática jornalística vem sendo influenciada e comprometida pelo discurso da pós-modernidade, que se apresenta em forte consonância com as características socioculturais de um mundo cada vez mais globalizado. A partir da palestra da escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie no *TEDGlobal* 2009 sobre o perigo de uma história única, procura-se traçar um paralelo com a dominância da eficácia sobre a essência e das relações virtualizadas e financeirizadas, investigando como os meios de comunicação tradicionais vêm sendo regulados por tais características. E, ao mesmo tempo, procura-se ressaltar a importância do surgimento das novas mídias para discutir de que maneira o *site Por Dentro da África* contribui para a desconstrução de estereótipos do continente africano, assumindo-se como uma alternativa ao discurso único da mídia tradicional, que não nos permite enxergar sua complexidade e seu dinamismo cultural.

SUMÁRIO

1.Introdução.....	p.1
2.Os perigos de um discurso único.....	p.7
2.1.Por dentro da África: muito além de uma história única.....	p.15
2.2.Discurso único e suas representações.....	p.20
3.Novas mídias como rotas de fuga.....	p.27
3.1.Opinião pública.....	p.27
3.2.Poder x resistência.....	p.35
3.3.Estereótipos.....	p.44
4.Ajustando o foco.....	p.54
4.1.Ciência.....	p.54
4.2.Cultura.....	p.61
4.3.Política.....	p.67
5.Considerações finais.....	p.74

Referências bibliográficas

1. INTRODUÇÃO

A proposta deste trabalho surgiu após alguns questionamentos pessoais do autor e da percepção de que muitas vezes, involuntariamente, carregamos em nós discursos ou visões que em diversos casos não refletem, não condizem ou simplesmente não dão conta de representar a real natureza de algo ou de alguém. Por muito tempo acreditei, como qualquer outro jovem, que poderia mudar o mundo, promover transformações radicais acerca de questões que vinham me causando certo incômodo. Porém, não conseguia enxergar de que maneira seria possível atingir tal feito.

Foi então que, estando próximo de concluir meu ensino médio e prestes a fazer o vestibular, comecei a perceber que o jornalismo poderia ser uma importante ferramenta para que de alguma forma eu pudesse transformar essa minha vontade de mudar as coisas, que cada vez mais vinha crescendo, em algo concreto, factível. Tendo estudado minha vida inteira em colégios particulares, decidi que precisava experimentar novas realidades, conhecer pessoas diferentes, entrar em contato com as tensões que a vida tem a oferecer, fossem elas para o bem ou para o mal. E na minha cabeça a única maneira de conciliar essas duas coisas seria em uma universidade pública, mais especificamente, a Universidade Federal do Rio de Janeiro. Não havia outra opção além dessa.

Por mais que algumas forças tentassem me induzir a outros caminhos, cheguei à conclusão de que teria que ser, a qualquer custo, na Escola de Comunicação da UFRJ, mesmo não sabendo ao certo o que iria encontrar pela frente. E após conquistar a tão concorrida e almejada vaga, o ingresso na faculdade de Comunicação resultou em uma tremenda euforia, como o seria para qualquer um. O encantamento com o ambiente universitário, com um mundo completamente novo, com uma diversidade de pensamentos e de pessoas, já fugia totalmente de tudo aquilo que minhas experiências prévias haviam me proporcionado.

O entusiasmo propiciado por tal acontecimento, no entanto, durou apenas dois semestres. Antes mesmo de concluir o Ciclo Básico, para ser mais específico, no terceiro período, me percebi envolvido por um profundo desencanto e um curioso descontentamento com a faculdade, sentimento que, para ser sincero até hoje me pergunto de onde teria surgido, mas que veio a se reforçar nos períodos seguintes, inclusive quando comecei de fato a cursar a habilitação de jornalismo. Foram vários os momentos em que fui seduzido pelo desejo de trancar momentaneamente o curso ou ainda de abandonar de

vez o curso que, apenas alguns meses antes, tinha a absoluta certeza de que era aquele a ser seguido.

Já não sabia mais se o jornalismo era de fato o dispositivo pelo qual eu iria conseguir alcançar meus objetivos, muito menos se ele realmente poderia me ajudar nesse sentido, além de já não conseguir mais enxergar que tipo de contribuição ou de retorno eu poderia trazer à prática jornalística. Porém, mesmo diante de tais circunstâncias, resolvi seguir em frente e fui, período após período, tentando me agarrar em algo que me fizesse ver novamente o jornalismo como um mecanismo de mudança. E foi somente no oitavo período, em uma das minhas últimas eletivas da faculdade, porém, sem sombra de dúvida uma das que mais me marcou, que voltei a sentir aquela mesma sensação que há cinco anos fez com que eu decidisse escolher o jornalismo como profissão. Só que dessa vez com um olhar totalmente diferente.

E isso ocorreu justamente na aula em que a jornalista Natalia da Luz foi apresentar o *site* criado por ela no ano de 2013 chamado *Por Dentro da África*, um portal inteiramente voltado ao continente africano, com o intuito de desconstruir um imaginário extremamente pessimista que temos a respeito da África. O que mais me chamou atenção naquele dia foi o quanto a jornalista estava motivada para falar sobre o *site* e compartilhar as inúmeras histórias e experiências que ele havia lhe proporcionado não só enquanto jornalista, mas também como ser humano. Senti que mesmo não tendo nenhum tipo de incentivo ou retorno financeiro com seu projeto, Natalia demonstrava acima de tudo ter paixão por aquilo que estava fazendo, algo que atualmente, a meu ver, se demonstra cada vez mais necessário.

Foi então que depois de ficar alguns dias refletindo sobre aquele momento, me dei conta de que seguindo o exemplo de Natalia, isto é, unindo os compromissos necessários à atividade jornalística com a paixão, talvez fosse sim possível, através do jornalismo, promover algum tipo de mudança. Ao mesmo tempo, percebi o quanto minha forma de olhar para o continente africano, e acredito que assim o seja para muitas pessoas, era (e ainda é) problemática, como ela é influenciada por estereótipos e como ela se resume basicamente a aspectos negativos da África.

Me dei conta de que normalmente quando pensamos na África, as primeiras — ou talvez as únicas — imagens que nos vêm à cabeça remetem às guerras civis, às doenças, à fome, à pobreza, enfim, apenas imagens de tragédias humanitárias. Na escola, desde pequenos, quando aprendemos algo a respeito da história do continente africano, na

maioria das vezes o conteúdo é relacionado ao tráfico de escravos ou à época da colonização europeia. Sabemos tanto sobre a Europa e sobre os Estados Unidos, mas quando se trata da África, um continente cuja relação com o Brasil é tão forte e importante, tudo que vemos a seu respeito é sempre de forma superficial e com muitas generalizações. Somos ensinados a desconhecer sua História.

É claro que muitas tragédias ocorreram e continuam ocorrendo em muitos países africanos, questões como essas estão de fato presentes no continente, porém, a sua história e a sua realidade não se resumem apenas a esses fatores. Até hoje, por motivos diversos, carregamos no nosso imaginário uma visão que não nos permite enxergar a África em sua complexidade e diversidade cultural, demonstrando nosso total desconhecimento em relação ao continente e às pessoas que lá vivem.

Foi então que decidi que como trabalho final para esta minha última eletiva, eu iria escrever um artigo abordando justamente essas questões que despertaram em mim muitas inquietações. E quando fui apresentado a uma palestra da escritora nigeriana Chimamanda Adichie Ngozi, na qual ela fala sobre o perigo de uma história única, isto é, o perigo de se tomar e, conseqüentemente, tornar uma história a respeito de algo como a sua única história, encontrei mais um excelente motivo para (tentar) escrever sobre todas essas questões, que desde meu primeiro contato com o *site Por Dentro da África* e com sua criadora, vinham me causando diversos questionamentos pessoais.

Minha motivação foi tão grande que este artigo acabou se tornando o embrião para o tema desta monografia. No entanto, para transformar esse artigo em um projeto tão importante quanto um trabalho de conclusão de curso, faltava algo a mais, um componente que desse um embasamento maior e uma fundamentação mais elaborada, foi aí que entrou em voga o chamado discurso pós-moderno. Um discurso que em muito se assemelha e que é, portanto, tão perigoso quanto uma história única.

Com a pós-modernidade valores historicamente construídos e ligados à existência humana como Fundamento, Verdade e Real, responsáveis por produzir sentido a tudo aquilo que estamos acostumados, passaram a ser questionados. A condição pós-moderna munida de um discurso complexo e temerário chega para abalar estruturas sólidas e que há muito tempo se apresentam como inquestionáveis.

Nesse cenário de inúmeros contornos, o consumismo é pontencializado e seu crescimento vertiginoso e perturbador passa a desempenhar uma posição preponderante na sociedade, ditando as regras do jogo social, servindo como ferramenta para satisfazer

prazeres momentâneos e, simultaneamente, como um mecanismo que promove a exclusão daqueles que não se enquadram nas regras de aceitação.

O avanço das tecnologias serve de substrato para esse discurso, como o Real já não é mais interessante a busca por resultados imediatos e pela eficácia acima de qualquer coisa nos transfere para uma outra esfera, que na pós-modernidade se torna muito mais intrigante: a virtual. E nesse contexto as simulações e os simulacros também adquirem status importante nas relações sociais contemporâneas.

De tal forma que tentar compreender como funcionam as relações e os estilos de vida imperantes na atualidade e de que modo isso se reflete no comportamento de cada indivíduo em nossa sociedade é de extrema importância para que se possa fundamentar também as maneiras pelas quais o jornalismo tradicional é influenciado diante desse panorama. Uma vez que ele assume cada vez mais o papel de principal mediador das formas de sociabilidade, se tornando referência de lugar de fala e dispondo de certa autoridade para imprimir e reprimir discursos.

Nesse sentido, o principal objetivo do presente trabalho é fazer perceber o surgimento de alternativas ao que propõe a referida pós-modernidade: novos modelos de produção que, imbuídos de uma atitude renovada que preza por abordagens mais plurais e que reivindicam um fazer jornalístico contestador, servem de contraponto às formas tradicionais de produção, que no atual panorama se encontram cada vez mais regidas pela lógica da eficácia e em confluência com uma prática que se caracteriza pelo enquadramento e pela subordinação a padrões industriais.

Através de uma análise do cenário midiático contemporâneo, o propósito aqui é tentar compreender de que forma as chamadas mídias alternativas ou independentes, como é o caso do *site Por Dentro da África*, em paralelo às técnicas tradicionais já estabelecidas e consolidadas, vêm se transformando numa válvula de escape a uma atividade na qual a informação é vista como uma mercadoria extremamente cobiçada. Indicando como as novas mídias suscitam a importância de se buscar versões mais plurais acerca de um acontecimento, provocando a emergência de performances que se diferenciem das que já são conhecidas no âmbito midiático. E apontando para a visibilidade e a emergência cada vez maior desses novos dispositivos, que proporcionam uma tensão entre diferentes visões de mundo, isto é, aquelas que trazem em si e aquelas pertencentes às grandes conglomerações midiáticas, que em muitos sentidos não se demonstram suficientes.

Para isso, os capítulos serão divididos em três. O primeiro deles, *Os perigos de um discurso único*, consistirá em uma abordagem mais profunda a respeito do anteriormente mencionado discurso pós-moderno a partir de um diálogo com o filósofo francês Jean Baudrillard e, ao mesmo tempo, será traçado um paralelo com o alerta da escritora nigeriana Chimamanda Adichie Ngozi sobre os perigos de uma história única. De que maneira isso se reflete nos meios de comunicação tradicionais a ponto de eles serem atualmente um dos principais responsáveis por reforçarem uma visão pessimista sobre o continente africano. E por último, ainda em cima disso, será feita também uma apresentação mais aprofundada do *site Por Dentro da África*.

No segundo capítulo, *Novas Mídias Como Rotas De Fuga*, que consiste na parte mais teórica deste trabalho, por meio dos conceitos de opinião pública, poder e estereótipo, o objetivo é tentar entender como as formas de sociabilidade vêm sendo influenciadas e modificadas no tortuoso cenário da pós-modernidade. Quer-se investigar quais são os seus reflexos nos meios de comunicação tradicionais, que se caracterizam cada vez mais por reproduzirem e reforçarem um discurso único sobre determinados acontecimentos — no que remete a este trabalho, os que dizem respeito ao continente africano. E procura-se indicar, ainda, de que maneira as chamadas novas mídias — como o *site Por Dentro da África* — começam a desempenhar um importante e fundamental papel na prática jornalística contemporânea. Além de apontar também para a necessidade de ver esses novos modelos como caminhos alternativos que, em paralelo às formas de produção convencionais, buscam imprimir diferentes versões de uma história, prezando pela multiplicidade de vozes e por um maior relativismo acerca dos fatos.

Já o terceiro e último capítulo, *Ajustando o Foco*, que tem uma abordagem inteiramente prática, se destina a justamente apresentar exemplos de matérias do *site Por Dentro da África* que não reforcem uma identidade estereotipada do continente e do próprio povo africano e que permitam aos seus leitores ter a oportunidade de entrar em contato com toda a sua diversidade e com novas vozes, a fim de conhecer e aprender mais sobre ele, independente de qual âmbito for explorado. Matérias que possibilitem enxergar a África muito além de um continente uniforme, que nos demonstrem suas nuances, suas diferenças e particularidades.

Enfim, que fujam dessa imagem rígida e engessada e dessa noção negativa que por inúmeras razões temos incorporada e vemos com frequência na mídia tradicional quando o assunto é a África. Para isso foram escolhidos três temas — a saber: Ciência, Cultura e

Política — selecionados previamente, de acordo com as seções disponíveis no próprio *site*. Como forma de mostrar que é sim possível trazer à tona histórias que busquem novos olhares sobre o continente africano, para que essa nossa percepção vá, aos poucos, sendo desconstruída.

2. OS PERIGOS DE UM DISCURSO ÚNICO

"Eu sou uma contadora de histórias e gostaria de contar a vocês algumas histórias pessoais sobre o que eu gosto de chamar de 'o perigo de uma história única'" (ADICHIE, 2009)¹. Com essas palavras, a escritora Chimamanda Ngozi Adichie inicia seu discurso no *TEDGlobal*² de 2009³, realizado em Oxford, na Inglaterra. Nascida em Enugu, na Nigéria, no ano de 1977, Chimamanda é uma escritora cujas obras costumam abranger questões étnicas, de gênero e de identidade, com trabalhos que estão profundamente conectados a seu país e a seu continente de origem, a África.

Vinda de uma família convencional nigeriana de classe média, seu pai era professor e sua mãe administradora. E como era de costume, sua família tinha uma empregada doméstica que frequentemente vinha de aldeias rurais próximas do local onde ela morava. Quando ela tinha oito anos, um menino cujo nome era Fide, passou a trabalhar para sua família. Tudo o que a futura escritora sabia sobre ele era que sua família era muito pobre. E devido a isso, a única coisa que ela sentia pelo menino e por sua família era pena.

Até que um dia, Chimamanda e sua família foram visitar a aldeia de Fide e a pequena menina ficou surpresa ao ver um cesto produzido artesanalmente pelo irmão do menino. Ela nunca havia pensado que alguém na família de Fide pudesse realmente criar algo. Tudo o que Chimamanda havia ouvido sobre essas pessoas era como elas eram pobres. De tal maneira, se tornara impossível para ela vê-los como alguma coisa além disso. A pobreza era a história única que Chimamanda tinha sobre essa família.

Aos 19 anos, Chimamanda deixou a Nigéria para cursar universidade nos Estados Unidos⁴. Lá ela experimentou o caminho inverso daquilo que havia pensado sobre Fide e sua família: sua colega de quarto estadunidense ficou chocada ao saber que o inglês era também uma língua oficial na Nigéria e ficou bastante desapontada quando pediu para ouvir o que ela chamava de "música tribal" e escutou uma cantora *pop* estadunidense tocar na fita cassete que a nigeriana havia levado consigo.

¹Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=D9Ihs241zeg>. Último acesso: 3/05/2017. Tradução do autor. Original em inglês: I'm a storyteller. And I would like to tell you a few personal stories about what I like to call "the danger of the single story".

²Conferência, sem fins lucrativos, que abrange pesquisadores de três áreas: Tecnologia, Entretenimento e Design. E que tem como objetivo disseminar ideias - segundo as palavras da própria organização, "ideias que merecem ser disseminadas". A ONG realiza duas grandes conferências anuais, além do site TEDTalks, o TEDConversations, TEDFellows e os programas TEDx produzidos independentemente.

³Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=D9Ihs241zeg>. Último acesso: 3/05/2017.

⁴Estudou na Universidade Drexel, na Filadélfia. Depois se transferiu para a Universidade de Connecticut. Fez estudos de escrita criativa na Universidade Johns Hopkins, em Blatimore, e mestrado de estudos africanos na Universidade de Yale.

Sua colega de quarto havia sentido pena antes mesmo de vê-la. Sua posição em relação a ela, como africana, foi a mesma que Chimamanda teve, num primeiro momento, em relação a Fide e sua família, uma certa arrogância bem intencionada: pena. Sua colega de quarto tinha uma história única sobre a África:

Nessa história única não havia a possibilidade de africanos serem iguais a ela de forma alguma. Nenhuma possibilidade de sentimentos mais complexos do que a pena. Nenhuma possibilidade de conexão como humanos iguais. [...] Então, depois de ter passado alguns anos nos EUA como uma africana, eu comecei a entender a reação da minha colega de quarto para comigo. Se eu não tivesse crescido na Nigéria e tudo o que eu soubesse sobre a África viesse das imagens populares, eu também pensaria que a África era um lugar de paisagens bonitas, animais bonitos e pessoas incompreensíveis, disputando guerras sem sentido, morrendo de pobreza e AIDS, incapazes de falar por si mesmas. E esperando para serem salvas pelo estrangeiro branco e gentil. Eu veria os africanos do mesmo jeito que eu, quando criança, havia visto a família de Fide (ADICHIE, 2009)⁵.

Muitas outras questões que Chimamanda levanta ao longo do seu discurso merecem ser destacadas (e serão) no decorrer deste trabalho. Mas essas passagens citadas até agora já são suficientes para fazer deste discurso, um dos pilares que, assim espero e acredito, sustentarão este trabalho. O que Chimamanda diz a respeito dos perigos de uma história única, muito se relaciona com um determinado discurso, o qual se tornou recorrente chamar (ainda que haja muita controvérsia quanto ao seu uso e sua pertinência) pós-moderno:

Há hoje, da década de 90 do século passado para cá, um tipo de discurso que se chama pós-moderno. É um nome não isento de problemas, como se verá. E é disseminado, não faz unidade, não constitui escola, não defende, propriamente, doutrinas. É mesmo difícil de localizar na sua forma discursiva pura. Aliás, a noção de puro é estranha à sua eficácia de discurso (AMARAL, 2010, p.352).

É preciso voltar algumas décadas. Para a década de 40 do século passado. Quando as bombas atômicas devastaram as cidades de Hiroshima e Nagasaki, ficou difícil saber ou questionar o que seria ficção e o que seria real. Sua distinção se tornou tarefa complicada. Até que, avançando algumas décadas, mais especificamente no ano de 1989, com a queda

⁵Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=D9Ihs241zeg>. Último acesso: 3/05/2017. Tradução do autor. Original em inglês: In this single story there was no possibility of Africans being similar to her in any way. No possibility of feelings more complex than pity. No possibility of connection as human equals. [...] So after I've spent some years in the US as an African, I began to understand my roommate's response to me. If I had not grown up in Nigeria and if all I knew about Africa were from popular images, I too would think that Africa was a place of beautiful landscapes, beautiful animals and incomprehensible people fighting senseless wars, dying of poverty and AIDS, unable to speak for themselves. And waiting to be saved by a kind white foreigner. I would see Africans the same way that I, as a child, had seen Fide's family.

do Muro de Berlim, a modernidade sofreu seu golpe derradeiro. A partir de então, na pós-modernidade o *real* virou algo desinteressante, e já não poderia mais dar conta de sustentar o *fundamento* ou a *verdade*:

Digamos que se trata de um fato. (Essa palavra também perdeu rapidamente o seu vigor, e não sem alguma razão). Falo de um fato. Que se diz, aventureiramente, assim: na sequência de certos impedimentos que a cultura que veio a caracterizar o século XX criou na sua relação com o que poderia ter sido sua herança (a cultura “histórica” do século XIX), tornou-se problemático continuar a dizer real, verdade, fundamento como se fossem coisas seguras, ainda que a todo tempo questionáveis. Ter com o mundo, o real, uma relação tal que, desvelados os seus fundamentos, dele se pudesse apreender, fabricar, ficcionar — o que fosse — a verdade, e dizê-la — isso se tornou o totalmente não óbvio (AMARAL, 2010, p.352-353).

O que sustenta a pós-modernidade é a lógica da eficácia. Antes o fundamento e a verdade estavam necessariamente ligados à dimensão do real e apenas através do processo de representação, se poderia acessá-lo. Agora, na pós-modernidade, a busca incessante pela produção de resultados faz com que essa relação se desloque para o campo do virtual, e que seu acesso se dê por meio da simulação, do simulacro. Para os pós-modernos⁶, "o real, a verdade e o fundamento fazem obstáculo à eficácia, são uma teimosia ressentida que se levanta contra o acontecimento representado pelo advento tecno-lógico" (AMARAL, 2010, p.353).

Com o surgimento e o consequente avanço de novas tecnologias, de forma tão rápida e feroz nas últimas décadas — podemos pensar desde a criação e o desenvolvimento da televisão, dos computadores, da linguagem informática e da internet; até a chegada de aparelhos mais recentes, como os laptops, os smartphones, os tablets, por exemplo — não só fomos atirados para a dimensão do virtual como também, diante de uma sociedade tecnocrata, percebemos a fusão entre o saber-saber e o saber-fazer, como se fossem uma coisa só, singulares:

[...] é *como se* para eles [os pós-modernos] o ato de pensar tivesse a ver intrinsecamente com a eficácia de um mundo crescentemente regido pela fusão entre o saber-saber que desde os antigos gregos, pelo menos, carregou o peso da verdade, e o saber-fazer, que também arcaicamente, e

⁶Acerca do discurso e dos autores considerados pós-modernos: "Penso reconhecê-lo em autores franceses como Lyotard, Baudrillard, Serres, Latour (mas não, como às vezes apressadamente se diz como quem reivindica laços de família, em Foucault, Deleuze, Derrida, Simondon, Lévinas). Suspeito que andem também entre os neo-pragmatistas americanos, como Rorty, mas não me arrisco a fazer dessa suspeita um diagnóstico. Esses autores, que enumero apenas para indicar alguém e não falar excessivamente no abstrato, têm diversas proveniências, da sociologia à filosofia da ciência, derivaram para outros campos do conhecimento e da prática [...]" (AMARAL, 2010, p.352).

também gregamente, vinha suportando aquelas coisas que nós, humanos, acrescentamos ao que há e se dá de si mesmo (AMARAL, 2010, p.352).

Um dos autores no qual é possível reconhecer esse tipo de discurso é o filósofo e sociólogo francês Jean Baudrillard. Ainda que em vida ele negasse tal constatação, é possível perceber em muitas das suas obras as "marcas" do discurso pós-moderno. Aqui pretende-se analisar com olhar especial o conteúdo daquele que talvez seja seu livro mais famoso: *Simulacros e Simulações* (1981). Pode-se, portanto, considerar esta obra um outro pilar deste trabalho.

Segundo Baudrillard, com as novas tecnologias e com os novos modelos de organização cultural e social, a pós-modernidade seria constituída de simulações. As palavras de ordem desse momento seriam o *simulacro* e a *simulação*. Não à toa, ele batiza nossa época como sendo a "era da simulação" (BAUDRILLARD, 1981, p.9). Uma era em que as informações são governadas por modelos, por códigos, na qual perdem-se as referências, perde-se a substância.

Por meio da simulação, elimina-se a verdade a partir de práticas que lhe são verossímeis — os simulacros — reproduzindo a imagem do real em outra dimensão, isto é, a virtual:

Baudrillard dá um bom exemplo dessa mecânica de substituição em seu ensaio "A precessão dos simulacros" (in *Simulacros e Simulação*, Lisboa, Relógio d'Água). Lá um dia o Imperador determinou aos seus cartógrafos que fizessem o mapa mais perfeito do Império, um que o representasse tão completamente quanto uma representação pode fazer. Os cartógrafos construíram um mapa que recobria todo o território: subia onde havia montanhas, descia onde afundavam vales, corria horizontalmente onde corriam planícies. Mas o Império acabou. Não há mais. Sobrou apenas o mapa. Mapa de nada, representação de coisa alguma, não-mapa, portanto. É algo, porém, o antigo mapa, algo que tem como única referência a si mesmo. Baudrillard diz: um hiper-real. Em geral se usa a palavra virtual. Para todos os efeitos, é a mesma coisa. O mapa é uma simulação de um território inexistente; é o próprio território, como virtual. É um jogo. Não representa nada. É pura imagem — de imagem, de imagem, de imagem... É como funcionam as simulações e simulacros (AMARAL, 2010, p.355-356).

Com a simulação enfraquece-se o imaginário da representação, mas é preciso atentar para o fato de que simular não se trata meramente de fingir, pois para Baudrillard, "fingir, ou dissimular, deixam intacto o princípio da realidade" (BAUDRILLARD, 1981, p. 9), enquanto que a simulação "põe em causa a diferença do 'verdadeiro' e do 'falso', do 'real' e do 'imaginário'" (BAUDRILLARD, 1981, p. 10):

A simulação parte, ao contrário da utopia, do princípio de equivalência, parte da negação radical do signo como valor, parte do signo como reversão e aniquilamento de toda a referência. Enquanto que a representação tenta absorver a simulação interpretando-a como falsa representação, a simulação envolve todo o próprio edifício da representação como simulacro (BAUDRILLARD, 1981, p.13).

Percebe-se, portanto, que há nos simulacros e nas simulações uma implosão entre o que é real e o que é virtual, suas fronteiras vão se diluindo cada vez mais. Sendo assim, estaríamos, de forma crescente, numa condição em que se torna difícil qualquer distinção entre o "real" e o "hiper-real". O mundo no qual vivemos se encontra agora organizado em torno das simulações e dos simulacros. Somos, ininterruptamente, atingidos e bombardeados pelo jogo dos simulacros, pelo virtual, nossa experiência de vida é alterada radicalmente, assim como os sentidos e as significações. Aquilo que tínhamos para nós como sendo a realidade esvaziou-se completamente de sentido.

Grande parte desta simulação e virtualidade, como já dito anteriormente, deve-se à informatização, à era dos computadores e das novas tecnologias, pois a partir delas é que se constrói uma nova "realidade". A emergência de uma sociedade cada vez mais consumista em meio a um mundo que também se encontra cada vez mais conectado, globalizado, contribuem para a consolidação desse novo sistema no qual nos encontramos imersos.

Uma das principais características da pós-modernidade é a potencialização da sociedade de consumo⁷, na qual o indivíduo é reduzido à condição de consumidor. Tudo está relacionado ao consumo, novos espaços são constantemente criados para esses consumidores, fazendo do consumismo um sistema global onde as relações entre indivíduos são moldadas de acordo com os padrões de consumo, que determinam as maneiras de ser e de ter do sujeito pós-moderno.

Na lógica consumista tudo é feito com o intuito de chamar a atenção do consumidor, as imagens tornam-se fundamentais. Não se vende mais apenas um produto ou uma mercadoria, se vende uma ideia, uma sensação, que leva o indivíduo na direção do consumo, criando a ilusão de que nas práticas consumistas encontram-se as soluções para os problemas da vida. A produção exacerbada de imagens, de signos e de mensagens, numa sucessão de simulações que neutralizam umas às outras, faz com que os significantes

⁷Em meados do século XX, a Escola de Frankfurt (com Benjamin, Adorno e Horkheimer), já atentava para questões que envolviam a sociedade de consumo como comunicação de massa, alienação, estados totalitários e opinião pública e Guy Debord, ainda nos anos 60, anuncia a "sociedade do espetáculo", por exemplo. Por isso, no discurso pós-moderno, dos anos 80/90 pra cá, ocorre sua maximização e consolidação.

se tornem desconexos levando a uma completa estetização, na qual se perde a noção de uma realidade concreta.

Sob este aspecto, Baudrillard destaca os meios de comunicação como sendo uma das principais forças responsáveis por nos mergulhar nesse jogo de simulações, simulacros e de consumismo. Os próprios meios de comunicação seriam responsáveis por estarmos diante do que ele chama de uma "implosão do sentido" (BAUDRILLARD, 1981, p.103). Para ele a sociedade encontra-se hoje "num universo em que existe cada vez mais informação e cada vez menos sentido" (BAUDRILLARD, 1981, p.103). E sua hipótese é de que "a informação é diretamente destruidora ou neutralizadora do sentido e do significado. A perda do sentido está diretamente ligada à ação dissolvente, dissuasiva, da informação, dos *media* e dos *mass media*" (BAUDRILLARD, 1981, p.104).

A informação, portanto, não produz sentido, pelo contrário "a informação devora os seus próprios conteúdos. Devora a comunicação e o social" (BAUDRILLARD, 1981, p.105). Partindo do pressuposto de que a exposição às mensagens mediáticas é definidora da socialização de um indivíduo, aquele que não tem acesso aos *media*, encontra-se "dessocializado, ou é virtualmente associal" (BAUDRILLARD, 1981, p.104).

É o que Muniz Sodré descreve como "bios virtual" (SODRÉ, 2002, p.11) ou "bios midiático" nos livros *Antropológica do Espelho* e *Estratégias Sensíveis*. Onde por meio de uma releitura da teoria clássica de Aristóteles, que definiu os bios do conhecimento, do prazer e da política, o teórico propõe uma quarta dimensão: a midiática. Uma nova qualificação da vida que altera os "costumes, conduta, cognição e sensorialismo" (SODRÉ, 2002, p.11) humanos.

A informação é tida como a responsável por uma produção acelerada de sentido e poderia ser vista também como "criadora de comunicação" (BAUDRILLARD, 1981, p.104). No entanto, Baudrillard ressalta que com as novas tecnologias de informação, estaríamos em meio a uma sobrecarga, a um excesso de sentidos e com isso "onde pensamos que a informação produz sentido, é o oposto que se verifica." (BAUDRILLARD, 1981, p.104). Estaríamos, assim, num grande processo de simulação, no qual a comunicação e o sentido não são nada mais do que pura encenação, não passam de meros simulacros. Nos encontramos imersos em um sistema no qual a implosão dos sentidos já não permite mais que encontremos uma realidade para nos sustentarmos, para nos agarrarmos.

Para Baudrillard a comunicação seria um sistema de clonagem, no qual há apenas repetição. Pensando na comunicação como uma troca, na mídia ("bios midiático") não haveria nenhum tipo de troca possível, já que por meio das tecnologias e de suas telas só funciona um sistema infinito de reprodução e de duplicação de imagens. Não estaria em jogo a alteridade das coisas, mas a clonagem de algo imutável. Passa-se do mesmo ao mesmo. Extermina-se a diferença e tudo se esgota na comunicação.

E não apenas isso, pois, com os avanços tecnológicos, a informação não só levaria a uma dissolução do sentido, mas também do social, pois na medida em que seguem para uma desestruturação do real "os *media* são produtores não da socialização mas do seu contrário, da implosão do social nas massas" (BAUDRILLARD, 1981, p.104-105). Em outras palavras, "para além do sentido, há o fascínio, que resulta de uma neutralização e implosão do sentido. Para além do horizonte do social, há as massas, que resultam da neutralização e da implosão do social" (BAUDRILLARD, 1981, p.109).

Percebe-se, através dos argumentos do filósofo francês, um certo pessimismo em relação aos meios de comunicação. Tais argumentos giram em torno da dominação total e de uma negatividade extrema em relação às novas tecnologias de informação, que fazem com que o consumismo cada vez mais molde as relações entre os indivíduos na pós-modernidade.

Imersos nas práticas de um consumo globalizado, esses indivíduos já não reagem, encontram-se num estado de inércia permanente, não procuram mais significados coerentes e são reduzidos à condição de consumidores passivos. Dado o poder persuasivo das tecnologias de reprodução, os indivíduos buscam ao máximo explorar as sensações rasas e imediatas, visando um prazer estético em ilusões superficiais e inatingíveis. Diante de tal panorama, Baudrillard acredita não haver escapatória desse sistema, pois:

um bom uso dos *media* — ele não existe. Os *media* carregam consigo o sentido e o contra-sentido, manipula em todos os sentidos ao mesmo tempo, nada pode controlar esse processo, veiculam a simulação interna ao sistema e a simulação destruidora do sistema, segundo uma lógica absolutamente moebiana e circular — e está bem assim. Não há alternativa, não há resolução lógica. Apenas uma exacerbação lógica e uma resolução catastrófica (BAUDRILLARD, 1981, p.110).

Dessa forma, qualquer tipo de resistência seria inútil. Pois na medida em que estamos inseridos em um sistema de "hiper-realidade da comunicação", do sentido e do social, onde tudo é imagem de imagem, de imagem, não é possível estabelecer uma referência, definir o que é real, verdadeiro, para então estabelecer algum tipo de estratégia

de combate ou de resistência. Tudo leva a uma reduplicação dos mecanismos e da lógica do próprio sistema:

A um sistema cujo argumento é de opressão e repressão, a resistência estratégica é de reivindicação libertadora do sujeito. Mas isto reflete sobretudo a fase anterior do sistema e, se ainda nos confrontamos com ela, já não é o terreno estratégico [...]. Enganar-se de estratégia é grave. Todos os movimentos que só se jogam sobre a libertação, a emancipação, a ressurreição de um sujeito da história, do grupo, da palavra sobre uma tomada de consciência e até sobre uma tomada de inconsciência dos sujeitos e das massas não veem que eles vão no mesmo sentido do sistema, cujo o imperativo é hoje em dia precisamente de sobreprodução e de regeneração do sentido e da palavra (BAUDRILLARD, 1981, p.111-112).

De fato, em larga escala, Baudrillard descreve um panorama de como realmente percebemos o mundo de hoje. Ao por em xeque referências como Verdade, Fundamento e Real, a pós-modernidade nos suscita uma série de questionamentos que dizem respeito à nossa própria existência. Diante de uma sociedade cada vez mais imersa em simulações e simulacros, em um consumismo exacerbado, nota-se uma desestabilização da noção original das coisas.

Numa crise de identidade coletiva, cada vez mais os indivíduos, como forma de se proteger, adotam uma postura individualizada e individualizante, sem engajamento e desmotivada, que se reflete num estado de apatia e submissão vertiginoso. E quando pensamos nos meios de comunicação tradicionais, no poderio midiático contemporâneo — que é o que se pretende investigar aqui — esse cenário é extremamente favorável. As práticas jornalísticas atuais, cada vez mais influenciadas e controladas pela lógica do lucro e do consumo, fazem da informação uma mercadoria.

Regulados pela eficácia e por seus efeitos, nota-se nos veículos hegemônicos um vertiginoso esvaziamento de análises mais profundas, com teor mais crítico e que procurem mostrar diferentes versões de um fato ou acontecimento. Em meio a isso a informação se encontra cada vez mais envolta por uma lógica industrial, sujeita às cotações e tendências do mercado. Pautadas por interesses políticos e financeiros, as notícias são reificadas e, como produto, representam valor de troca.

A quantidade de informação que se transmite se torna fator preponderante aqui, se sobrepondo à qualidade dessa informação, que já não é mais interessante. Contribuindo para o triunfo de estratégias dissuasivas que são amplamente empregadas pelas instituições detentoras de poder, como as grandes corporações midiáticas. E que tem como objetivo

fomentar as condições para uma manipulação absoluta, visando apenas manter o sistema em perfeito funcionamento.

E como para os pós-modernos nos encontramos diante de uma sociedade cínica, já não podemos ou não conseguimos mais intervir em nossa própria realidade. Ao negar conceitos culturalmente arraigados, livra-se e esvazia-se de fundamento. E esse esvaziamento consome e se apodera do indivíduo. Resvalando qualquer ética ou moralidade ainda existentes.

E é justamente nesse ponto em que o discurso pós-moderno se relaciona com o que Chimamanda Adichie fala sobre os perigos de uma história única. Na pós-modernidade não seriam possíveis desvios ou rotas de fugas, não há espaço para outra alternativa que não seja aceitar e se ajustar ao sistema. Por essa razão o discurso pós-moderno, de uma história única regida pela eficácia, pelas relações virtualizadas e financeirizadas, deve ser visto como algo redutor, como uma ameaça.

Se os pós-modernos estiverem de fato corretos, não há nada que se possa fazer, a não ser aceitar as condições nas quais nos encontramos. Mas o que este trabalho pretende é justamente mostrar que existem saídas, que existem formas de confrontar o que pensam os pós-modernos. É possível encontrar caminhos alternativos e não podemos deixar que eles sejam excluídos nessa lógica da pós-modernidade. Trata-se de uma questão ética e moral. Trata-se de um dever.

2.1. Por dentro da África: muito além de uma história única

Na década de 1980, quando o livro *Simulações e Simulacros* foi lançado, por mais que a internet já existisse há um bom tempo, ela tinha uma função completamente diferente do que vemos hoje. A forma como era vista naquela época e ainda nas décadas seguintes⁸, nem de longe se compara com as inúmeras maneiras que a internet é utilizada hoje em dia. Com seu crescimento, ela passou a ser um diferencial, um contraponto às plataformas tradicionais. A partir deste novo meio de comunicação, que cresce cada vez mais ao redor do mundo, tornou-se possível produzir conteúdos maiores, matérias com análises mais profundas, por meio da convergência de mídias, como vídeo, fotos, áudio, *hiperlink*, e na maioria das vezes a um custo mínimo ou nulo.

⁸Vale dizer que num primeiro momento, a internet possuía apenas valor militar. Criada na Guerra Fria servia principalmente para otimizar experimentos, acelerar a produção de códigos, criptografias, sistemas de segurança e troca de mensagens oficiais e estratégicas.

E é pensando nisso que não se pode acreditar que novas alternativas à pós-modernidade estejam esgotadas. Pois é exatamente aí que se encontra o perigo. E como forma de combater esse discurso pós-moderno, é preciso trazer à luz as rotas de fuga, os desvios a esse discurso totalizante e excludente.

Como é o caso do *site Por Dentro da África*. Lançado em 2013 pela jornalista Natalia da Luz, — que tem especialização em História e Cultura Afro Descendente e trabalha como Assistente de Informação Pública das Nações Unidas — o *website* foi criado "a fim de abordar a realidade africana contada pelos próprios africanos e especialistas, que buscam destruir estereótipos a partir de uma África que tem muitos avanços" (PORDENTRO DA ÁFRICA, 2017)⁹, através de notícias, pesquisas, teses e coberturas exclusivas que tratam de temas diversos.

Lancei o site em março de 2013 porque acreditava que ele criaria uma ponte para que estudiosos, curiosos e africanistas pudessem compartilhar. Independentemente do formato, o conhecimento precisa navegar, ser incrementado, debatido, discutido. "Teses e monografias", uma seção do site, nutre bastante essa ideia. Em vez de uma pesquisa acadêmica ficar guardada na gaveta e ser lida por seis pessoas, por que não compartilhar esse aprendizado? Há dissertações publicadas no site com seis mil visualizações! Aos poucos, o site foi crescendo com uma audiência de cerca de 100 mil pessoas por mês. Muitas pessoas que estudam diferentes áreas entraram em contato comigo e, assim, fomos aumentando a nossa rede (DA LUZ, 2017)¹⁰.

O projeto, que atualmente conta com aproximadamente 540 mil seguidores no *Facebook*, não recebe patrocínio de nenhuma empresa e nem de órgãos governamentais, ele é totalmente custeado pela própria criadora. E para isso ela conta com a ajuda de cerca de 20 colaboradores, os quais não são todos do Brasil, mas também de países africanos lusófonos como Angola, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe, Moçambique, entre outros. É importante ressaltar também que todos os colaboradores brasileiros realizam pesquisas cujos objetos de estudo são a história e a cultura de matrizes africanas, o que contribui bastante para que o *site* vá na contramão dos meios de comunicação tradicionais, e consequentemente não reforce uma história única e limitada da África.

Acho que o continente africano é absolutamente desconsiderado pelos veículos convencionais brasileiros. Principalmente, na versão online, republicam pequenas matérias de agências de notícias que, na maioria das vezes, não têm entrevistados e não ouve africanos. Quando optam por uma reportagem exclusiva é, na maioria das vezes, para lembrar de uma crise, conflito, epidemia. A África possui 54 países de riqueza e potencial

⁹Disponível em: <http://www.pordentrodaafrica.com/quem-somos>. Último acesso: 3/05/2017.

¹⁰Entrevista concedida ao autor.

imensuráveis. Marrocos está construindo a maior usina de energia solar do mundo, a África do Sul está coordenando o desenvolvimento do maior radiotelescópio do mundo [...]. Ruanda tem cerca de 70% do seu Parlamento composto por mulheres. Por que não sabemos disso a partir dos veículos convencionais? [...] É preciso falar sobre o que é urgente, mas exibir e repetir mil imagens de campos de refugiados e pessoas em situação de insegurança alimentar sem contextualizar e informar, é, no mínimo, promover a tragédia. Até hoje, muitas pessoas têm a imagem da Etiópia como se o país fosse um grande bolsão de miséria. As imagens da crise alimentar na década de 90 repetidas milhares de vezes pela imprensa ajudaram a alimentar a ignorância sobre o país (DA LUZ, 2017)¹¹.

Uma forma interessante para se pensar o portal é a partir da abordagem do professor e antropólogo da USP, José Guilherme Cantor Magnani. Ao estudar e analisar os rumos e as consequências do processo de urbanização nas cidades, partindo das diferenças e realidades dos espaços urbanos, ele aponta para a necessidade de um novo olhar sobre a cidade, de um ajuste de foco:

Não há como negar os problemas, comprovados pela própria experiência do dia a dia nas metrópoles e que prejudicam a qualidade de vida da população. O que se propõe, porém, é uma mudança de foco. Ao invés de analisar a cidade a partir de uma perspectiva de longe e de fora, vê-la de perto e de dentro, com base nos múltiplos e heterogêneos atores sociais da vida cotidiana (MAGNANI, 2013, p.40).

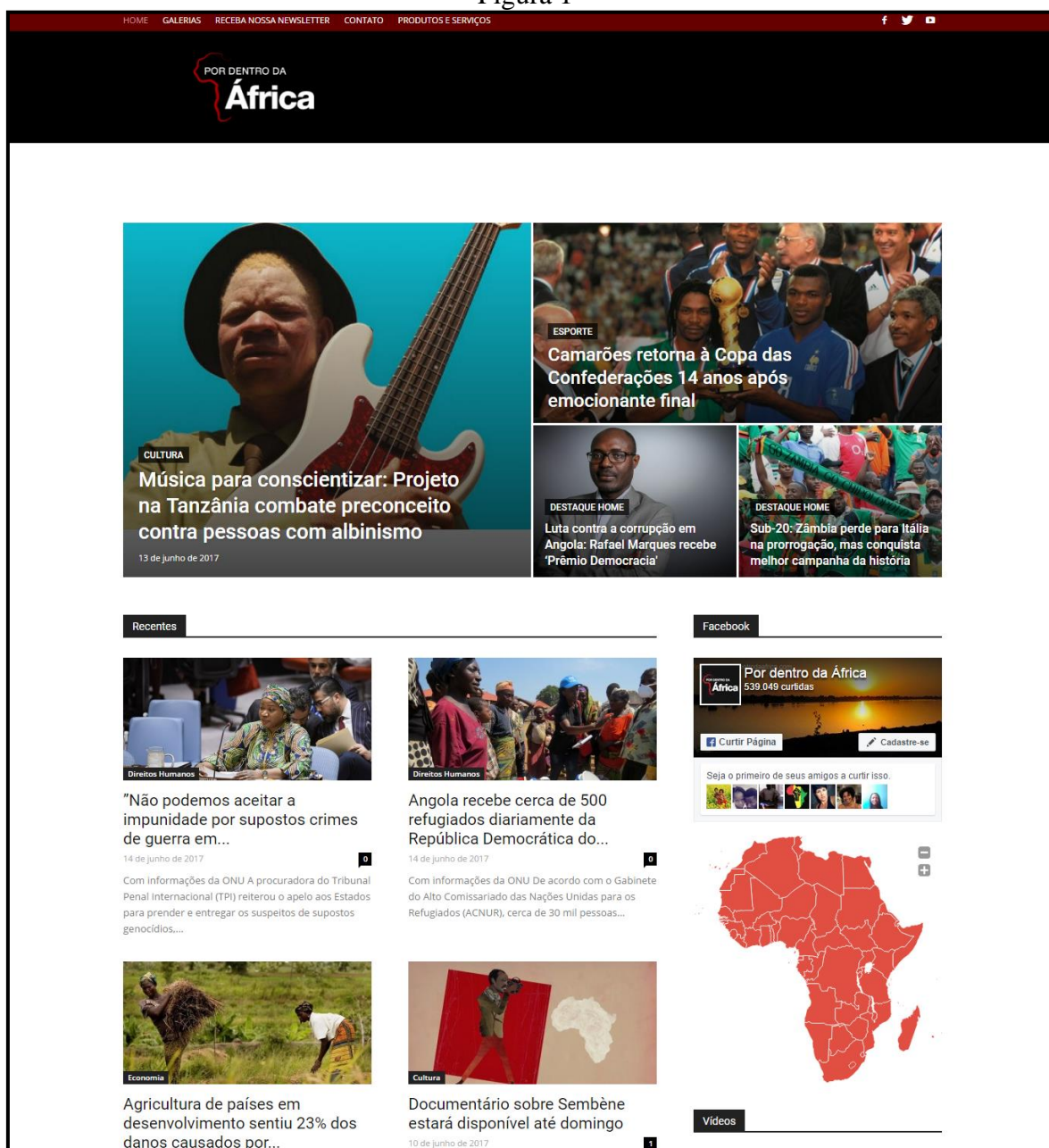
Se deslocarmos essa ideia para o *site Por Dentro da África*, percebemos que é exatamente isso que é proposto e executado. Fazendo com que os próprios africanos possam falar sobre a África e analisá-la a partir de uma perspectiva "de perto e de dentro", com base na sua complexidade e em seu dinamismo histórico e cultural. Produzindo assim uma experiência completamente diferente, tanto em termos de produção quanto em termos de consumo, daquela com a qual estamos acostumados, isto é, a perspectiva "de longe e de fora" dos meios de comunicação tradicionais.

Os veículos alternativos e, principalmente, aqueles feitos de forma voluntária e independentes são absolutamente necessários porque eles surgem a partir dessa ideia de dar o contributo à sociedade, unem compromisso e paixão. Por outro lado, fazer um trabalho como esse de forma voluntária é complicado porque você não pode se dedicar integralmente, não tem como aumentar a sua produção, acompanhar os acontecimentos com a velocidade que deveria. Em relação à África, há assunto para muitas vidas, então, seria ótimo poder me dedicar mais e recompensar os colaboradores. Em um mundo onde as grandes empresas de mídia decidem a maneira que apresentarão a notícia ao público (de acordo com os interesses de seus anunciantes e parceiros), é vital que tenhamos acesso às mídias independentes. Hoje, há algumas maneiras de financiar projetos independentes a partir de editais, apoio de instituições e

¹¹Entrevista concedida ao autor.

organizações internacionais, financiamento coletivo... Não ter governo ou empresas que possam cercear a liberdade de fazer aquilo que você acredita é crucial não apenas para o seu próprio projeto, mas para os leitores, para o mundo (DA LUZ, 2017)¹².

Figura 1



Homepage do site *Por Dentro da África* do dia 12/06/2017.

Fonte: <http://www.pordentrodafrica.com/>. Último acesso: 12/06/2017.

É importante ressaltar que apesar disso, a jornalista Natalia da Luz não está, através de seu *site*, fazendo um favor à África, dando voz a ela. Isso de maneira alguma significa que somente os africanos podem falar sobre a África, mas como o *site* serve de alerta

¹²Entrevista concedida ao autor.

contra o silenciamento e a invisibilidade do continente, funcionar como uma ferramenta de concessão da fala pode ser uma atitude tão autoritária quanto um discurso único. O objetivo do *site* é operar como uma experiência sobre a África a partir de um novo ângulo.

Eu tinha muito material e contatos por conta das visitas e coberturas que havia feito no continente africano desde 2007. Então, era só começar. Na verdade, eu precisava começar porque me incomodava muito a forma como a mídia convencional retratava a África e os africanos. Então, a minha ideia não era escrever sobre a África, mas com a África, com os africanos. Por isso, em todas as reportagens exclusivas há africanos que falam, que compartilham experiências. Hoje eu não imagino a minha vida sem o site. Ele é de todos nós e alcança tantas pessoas porque prioriza a troca! Em 2015, durante a Conferência da Paz, em Acra, Gana, o site foi premiado por conta do seu compromisso em abordar questões importantes sobre o continente africano. Eu fui a única não africana presente a ser homenageada (DA LUZ, 2017)¹³.

Ao analisar as grandes metrópoles, José Guilherme Cantor Magnani aponta também que a cidade é vista como uma entidade à parte de seus moradores:

Os moradores — que em suas múltiplas formas de sociabilidade, estilos de vida, deslocamentos e divergências são quem realmente conferem vitalidade à metrópole — acabam por se tornar praticamente invisíveis. Quando o fazem, é de forma passiva, como excluídos, nas margens, nas periferias. Mas é justamente a partir da população e de suas diversas práticas que é possível introduzir outros pontos de vista sobre a dinâmica da cidade; para além do olhar que julga o certo e o errado e dos interesses de poder, o qual decide o que é conveniente e lucrativo (MAGNANI, 2013, p.40).

De maneira similar, na mídia, muitas vezes nos deparamos com a presença de vozes que desconhecem e que nada condizem com a história e a cultura do continente africano, isto é, com histórias que não vão além das que estamos acostumados a ver e a ouvir. E assim, aqueles que deveriam ter um maior protagonismo são deixados completamente de lado. Dentro disso, o *site Por Dentro Da África* opera como um discurso alternativo que além de ajustar o foco para aqueles que produzem seu conteúdo, também ajusta seu foco no que diz respeito à audiência. Não há como negar que ao criar uma página em redes sociais como o *Facebook* ou o *Twitter*, o *site* também entra na lógica do consumo. Mas o diferencial está justamente nesse ponto. Pois ele se configura como uma maneira diferente de consumir a África, uma forma não alienante de consumi-la.

Com a sua iniciativa, a jornalista Natalia da Luz possibilita às pessoas saírem da sua condição de alienados, isto é, ela dá à sua audiência a oportunidade de ver a África muito além do que um continente de catástrofes. E tendo acesso a essa outra face da

¹³Entrevista concedida ao autor.

África, cabe a cada uma das pessoas que tem acesso ao *site* e seus diferentes canais, a escolha de estarem abertas a desconstruírem essa imagem negativa do continente ou então de permanecerem na ignorância, com uma história única da África. Em outras palavras, dadas coletivamente às condições de conhecer e questionar, cada um faz suas escolhas éticas individuais. O aprendizado é compartilhado, mas o livre-arbítrio é particular.

2.2. Discurso único e suas representações

Quando comparada com a cobertura de outros assuntos pelo mundo, a cobertura do continente africano na mídia brasileira é uma pauta muitas vezes ausente, com exceção de conflitos políticos, crises econômicas ou tragédias humanitárias. Em boa medida, a África é vista como um continente homogêneo, como uma coisa só. Dá-se pouca atenção às especificidades étnicas, sociais, culturais e políticas dos países e dos povos que a compõem.

Desta forma, quando os países africanos são apresentados aos brasileiros de maneira reducionista e simplificada, pode-se estar contribuindo para um fenômeno que se convencionou chamar no cenário internacional de "afro-pessimismo". O risco de compartilharmos tal imagem de África é o de, em primeiro lugar, permitir a conclusão de que os povos africanos [...] não teriam qualquer contribuição relevante a dar ao mundo ou à nossa sociedade. As representações de África e dos países africanos presentes na mídia brasileira deixam transparecer os diferentes tipos de coações, preconceitos [...] que as compõem, muitas vezes meramente reproduzindo um discurso [...] que chega até nós sem filtro, através das agências de notícias, ou seja, "um retrato feito por empréstimo" (SOARES, BARBOSA & CARVALHO, 2009, p.2).

Um dos motivos que favorecem a reprodução desse imaginário de África é o fato de que o continente não é o destino mais cotado dentre os jornalistas brasileiros correspondentes no exterior. E isso é facilmente percebido em diferentes veículos de comunicação. Normalmente quando se aborda o continente africano, os correspondentes encontram-se em outros países, normalmente europeus, o que resulta numa ausência de cobertura que aborde aspectos diferentes dos que estamos acostumados.

[...] essa situação pode explicar, também, a ausência de cobertura de muitos aspectos da vida africana, que não se tornam notícia pela ótica do jornalismo feito no Brasil e que poderiam ser do nosso interesse. O que vemos, na maioria dos casos, são matérias produzidas e selecionadas segundo critérios que provavelmente melhor se aplicariam aos interesses da audiência de países de origem das grandes agências de notícias internacionais (SOARES, BARBOSA & CARVALHO, 2009, p.4).

E sendo os meios de comunicação atores importantes e um dos grandes responsáveis pela construção de imagens que se tornam públicas, que chegam ao alcance

de milhões de pessoas através da sua influência, a própria mídia contribui para que se construam ideias e valores simplistas sobre o continente africano. Muito do que é veiculado e divulgado acaba se tornando uma verdade, uma história única para aqueles que leem, assistem, enfim para todos que têm acesso a esse conteúdo. Por essa visão simplificada e reducionista, toda diversidade, todas as particularidades presentes entre os 54 países que compõem o continente e as mais de um bilhão de pessoas que lá vivem são ignoradas.

Nem tudo o que é notícia aparece no noticiário internacional. O noticiário não constrói um retrato do mundo com determinado grau de exatidão. Muita coisa que será vista no futuro como de capital importância histórica é diariamente deixado de lado. E, ao mesmo tempo, certos temas sem importância histórica nenhuma acabam virando notícia porque interpelam a mitologia de nosso mundo cotidiano (NATALI *apud* SOARES, BARBOSA & CARVALHO, 2009, p.4).

Essa ideia de África se tornou algo tão repetido e disseminado que acabou-se tomando imediatamente como uma verdade, mesmo conhecendo muito pouco sobre a realidade (dissimulada) que é reproduzida. É claro que não se pode negar que existam problemas no continente africano, sem dúvida eles existem. Mas é preciso ter consciência de que muitos países não se encontram em uma situação perene de guerra ou miséria. Quando se passa a desconstruir essa imagem, é possível enxergar o continente como algo além de um lugar primitivo, caótico e de acontecimentos trágicos, como muitas vezes é mostrado.

E para entender com maior clareza as questões que giram em torno da cobertura midiática sobre o continente africano, que reforçam uma história única, é preciso que se dê alguns exemplos concretos disso. Como é o caso da pequena matéria *Confrontos entre grupos étnicos deixam pelo menos 29 mortos no Mali*, publicada no dia 22 de Março de 2017, no portal de notícias G1, que fala sobre violentos confrontos ocorridos entre dois grupos étnicos rivais na cidade de Diabaly, localizada na parte central do Mali e que deixou ao menos 29 pessoas mortas.

Pastores nômades fula entraram em confronto com caçadores dozos. O conflito só se encerrou depois da intervenção do Exército do Mali. Ao menos 20 fulas morreram, segundo as fontes. Esse tipo de enfrentamento é frequente na região central do Mali, mas costuma envolver agricultores da etnia bambara contra pastores e caçadores. No mês passado, um confronto entre dois dos grupos deixou pelo menos 15 mortos. Além das tradicionais disputas por terra, a religião tem sido motivo de conflito na região. Os bambara acusam os fula de terem vínculos com o grupo radical

Frente de Libertação de Macina, liderado pelo jihadista Amadou Kouffa (G1, 22/03/2017)¹⁴.

Outro caso é o da matéria *Ataque do Boko Haram deixa mortos e feridos no nordeste da Nigéria*, também publicada no portal de notícias G1, no dia 8 de Junho de 2016, que fala a respeito de um ataque do grupo extremista na cidade de Maiduguri, localizada no nordeste da Nigéria, que deixou onze pessoas mortas.

De acordo com a polícia local, três atentados suicidas coordenados mataram dez pessoas [...]. A outra vítima morreu em um tumulto, tentando fugir dos agressores no bairro de Jiddari Polo, explicou o delegado do estado de Borno, Damian Chukwu, à agência France Presse. Um dos três suicidas se explodiu no bairro de Goni-Kachallari, depois que fiéis muçulmanos saíram da mesquita, onde dezenas de fiéis estavam reunidos para as orações do Ramadã (G1, 08/06/2016)¹⁵.

O texto conta ainda que o exército do país promoveu inúmeros ataques ao *Boko Haram*, na tentativa de combater seu avanço e para recuperar parte do território conquistado pelo grupo terrorista no nordeste do país, onde os *jihadistas* pretendem estabelecer um estado que seja regido pela *sharia* ou pela lei islâmica.

O grupo terrorista, debilitado pelos avanços do Exército, recorreu de forma crescente aos atentados suicidas contra civis, alvos mais fáceis que os militares ou as sedes do Governo. Desde o início da sua campanha em 2009, o terrorismo do Boko Haram tirou a vida de mais de 20 mil pessoas e obrigou mais de duas milhões de pessoas a deixarem seus lares na região, segundo números de organizações humanitárias internacionais. Milhões de pessoas sofrem neste momento com escassez de comida no nordeste da Nigéria, devido à seca e aos efeitos da atividade terrorista (G1, 08/06/2016)¹⁶.

E por último, a matéria *Fome pode levar a 'mortes em massa' na África e ao aumento do fluxo migratório, diz entidade da ONU*, publicada no portal online do Estado de São Paulo, no dia 11 de Abril de 2017, fala sobre como os cortes de auxílio da Organização das Nações Unidas (ONU) podem trazer sérias consequências para alguns países do continente africano.

Sem dinheiro, a ONU alerta que a fome na África está à beira de registrar um cenário de "mortes em massa" e está causando um fluxo de refugiados sem precedentes nessas regiões. No total, o problema atinge milhões de pessoas no Chifre da África, no norte da Nigéria e mesmo no Iêmen. A entidade teme que os números de morte na atual

¹⁴Disponível em: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/confrontos-entre-grupos-etnicos-deixam-pelo-menos-29-mortos-no-mali.ghtml>. Último acesso: 11/06/2017.

¹⁵Disponível em: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/ataque-do-boko-haram-deixa-mortos-e-feridos-no-nordeste-da-nigeria.ghtml>. Último acesso: 12/06/2017.

¹⁶Id. Ib.

crise possam superar os de 2011, quando 260 mil pessoas não sobreviveram à fome na África (ESTADÃO, 11/04/2017)¹⁷.

De acordo com o texto, 1,1 milhão de pessoas são afetadas pela fome no Sudão do Sul, enquanto que na Nigéria, 7 milhões de pessoas encontram-se em situação de insegurança alimentar.

Sem alimentos, sem recursos e sem ajuda, muitos estão deixando seus países. A ONU já prevê que 180 mil pessoas no Sudão do Sul cruzem em 2017 a fronteira com o Sudão. Em Uganda, devem ser outros 400 mil. A guerra no Sudão do Sul, seca, colheitas fracassadas e a violência na Somália são os principais motivos da crise. Mas o resultado, segundo a ONU, é uma taxa de má-nutrição de crianças que, em algumas regiões, chegam a 79%, como no sul da Etiópia (ESTADÃO, 11/04/2017)¹⁸.

A entidade admite que já iniciou os cortes no auxílio a diversos países. No Djibouti, por exemplo, a ajuda foi reduzida à 12%, em países como Etiópia, Tanzânia e Ruanda, os cortes vão de 20% até os 50%, enquanto que em Uganda, o caso mais crítico, a redução dos gastos chega na casa dos 75%. Além da crise na área alimentar, de acordo com a matéria, há também uma outra preocupação, que está relacionada à área da educação em alguns países.

Outro impacto tem sido nas escolas, com milhares de crianças abandonando os estudos. No Quênia, 175 mil estudantes deixaram de frequentar as escolas em áreas onde a seca é mais aguda. Na Etiópia, cerca de 600 escolas fecharam suas portas. Para a ONU, um total de 5 milhões de crianças poderiam ser afetadas pela África dentro dos próximos meses (ESTADÃO, 11/04/2017)¹⁹.

O objetivo aqui não é dizer que notícias como as citadas acima são inconvenientes ou mentirosas, ou ainda que elas não deveriam ser publicadas. Muito pelo contrário, pois situações como essas encontram-se presentes no continente africano e devem, sim, ser denunciadas, uma vez que elas ocorreram e continuam ocorrendo e tiram a vida de muitas pessoas. O grande problema é quando somente notícias desse tipo, isto é, com caráter redutor e depreciativo, são veiculadas nos meios de comunicação. Notícias que não trazem uma contextualização para sua audiência, que julgam os acontecimentos baseadas apenas em impressões generalizantes e superficiais e que não permitem entender a complexidade dos fatos que lá ocorrem.

¹⁷Disponível em: <http://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,fome-pode-levar-a-mortes-em-massana-africa-e-ao-aumento-do-fluxo-de-refugiados-alerta-onu,70001734556>. Último acesso: 12/06/2017.

¹⁸Disponível em: <http://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,fome-pode-levar-a-mortes-em-massana-africa-e-ao-aumento-do-fluxo-de-refugiados-alerta-onu,70001734556>. Último acesso: 12/06/2017.

¹⁹Id. Ib.

E que, nesse sentido, só contribuem para reforçar uma visão da África como um lugar condenado às barbáries e às piores atrocidades que o ser humano pode cometer. Como se isso fosse algo inerente ao continente africano. Não se trata também de cair no maniqueísmo, isto é, encarar a mídia tradicional como a grande e perversa vilã da história e o portal *Por Dentro Da África* como a salvação no meio disso tudo. Mas mostrar que é, sim, possível romper com um fluxo de informações negativas que permeia os grandes veículos da mídia brasileira e que reforçam apenas um lado de uma história tão rica e diversa como a do continente africano.

Os estereótipos são maneiras de definir algo a partir de um único aspecto, sem profundidade, sem senso crítico. O *site* aborda assuntos importantes. Direitos humanos, cultura, história, política... Tudo isso é importante. Nesses temas, há muitos avanços e também fragilidades. O site fala sobre essas fragilidades com dados, com vozes de africanos e de pessoas que vivenciam tais questões. Reforçar estereótipos é apresentar a África sob o ponto de vista do exótico, do selvagem, da tragédia, da epidemia de HIV. Até hoje eu ouço frases como: "A África é tão pobre", "África é um grande safári", "África é um continente que não evolui", "África tem tanta fome"... Para cada uma dessas frases (carregadas de preconceito e ignorância), tenho uma resposta desde o crescimento de países da África Subsaariana, passando por obesidade de crianças na África do Sul até a criação do maior radiotelescópio do mundo, que está sendo desenvolvido por 9 países africanos (DA LUZ, 2017)²⁰.

O que se pretende com o último capítulo deste trabalho, através de uma análise de viés conteudista, é justamente mostrar como o *site* da jornalista Natalia da Luz, por meio de diversas reportagens — que abordam diferentes assuntos que dizem respeito à ciência, à cultura e à política, por exemplo — consegue ir por um caminho que busca desconstruir um estereótipo historicamente construído desse continente e mostrar que a África é também um lugar onde há sim muito progresso e muitas coisas positivas.

Um bom exemplo disso, é a matéria *Tecnologia na África: Irmãos nigerianos criam navegador para celular*, publicada no dia 27 de Setembro de 2015, no *site Por Dentro da África*, que fala sobre os irmãos Osine e Anesi Ikhianosime, que aos 14 e 15 anos, respectivamente, desenvolveram um aplicativo chamado *Crocodile Browser Life*, que consiste em um programa feito para o sistema operacional *Android* e que fornece aos usuários uma melhor navegação e interação entre diferentes *sites*. "Este é o melhor *browser* móvel que eu já usei na minha vida. A interface de usuário é excelente e é

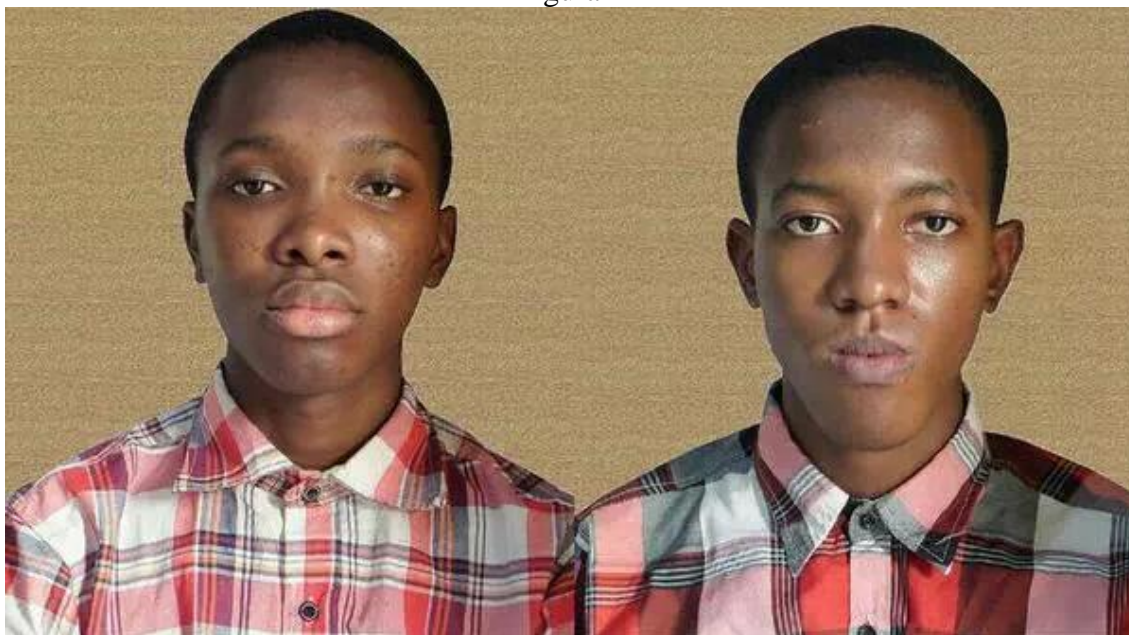
²⁰Entrevista concedida ao autor.

tão fácil de abrir e fechar abas diferentes... — disse Osine, em entrevista exclusiva ao Por dentro da África, sobre o navegador" (POR DENTRO DA ÁFRICA, 27/09/2015)²¹.

Osine conta também que ele e seu irmão demoraram nove meses para concluir o desenvolvimento da primeira versão do aplicativo, e que, embora no início do projeto o número de usuários não fosse muito grande, em 2015, mais de 67 mil pessoas já haviam feito o *download*. Segundo Anesi, "o objetivo é alcançar as pessoas que ainda não têm acesso à internet. Nos projetos que estamos desenvolvendo, contamos com ajuda dos nossos pais, amigos e de pessoas de fora para aprimorar esses programas" (POR DENTRO DA ÁFRICA, 27/09/2015)²².

Nas horas vagas, Osine gosta de tocar piano, violino e de jogar futebol, enquanto Anesi prefere passar o tempo com os livros. Entre uma partida e outra, entre um livro e outro, eles trabalham em diferentes projetos voltados para comunicação como o *CrocChat*, que está em fase de teste. No futuro, eles desejam frequentar o Instituto de Tecnologia de Massachusetts, nos Estados Unidos, referência para os estudos da tecnologia da informação (POR DENTRO DA ÁFRICA, 27/09/2015)²³.

Figura 2



Osine e Anesi Ikhianosime.

Fonte: <http://www.pordentrodaafrica.com/ciencia/tecnologia-na-africa-adolescentes-nigerianos-criam-navegador-para-celular>. Último acesso: 15/06/2017.

²¹Disponível em: <http://www.pordentrodaafrica.com/ciencia/tecnologia-na-africa-adolescentes-nigerianos-criam-navegador-para-celular>. Último acesso: 15/06/2017.

²²Disponível em: <http://www.pordentrodaafrica.com/ciencia/tecnologia-na-africa-adolescentes-nigerianos-criam-navegador-para-celular>. Último acesso: 15/06/2017.

²³Id. Ib.

A matéria faz ainda uma pequena contextualização, através de um breve histórico, a respeito do país de origem dos meninos.

Os irmãos que chamaram a atenção da indústria da tecnologia com o "Crocodile" nasceram e cresceram no país mais populoso da África. Por muito tempo, a nação de cerca de 177 milhões de habitantes (de acordo com o Banco Mundial) foi a sede de inúmeros reinos e impérios. O país que conquistou a independência da Inglaterra em 1960, é habitado por mais de 500 grupos étnicos, como os hauçás, igbos e yorubas. Ele tem sido identificado como uma potência regional no continente africano, apesar de 46% da população viver na pobreza (segundo o Banco Mundial). Em 2013, o seu Produto Interno Bruto (PIB) se tornou o maior da África, com mais de 500 bilhões de dólares, ultrapassando a economia da África do Sul (POR DENTRO DA ÁFRICA, 27/09/2015)²⁴.

Conforme conta Osine na entrevista, a maior parte dos usuários que fizeram *download* do aplicativo, não reside na Nigéria; do total, aproximadamente 20% são nigerianos. Os demais encontram-se distribuídos em países fora do continente africano ou em outros países da África. Segundo a matéria, "atualmente, há mais de 7 bilhões de linhas de celulares no mundo, um número impressionante, principalmente, quando comparado ao ano 2000, quando eram apenas 738 milhões" (POR DENTRO DA ÁFRICA, 27/09/2015)²⁵. De tal forma que:

Essa quantidade de celulares é um incentivo para a criação de novas ferramentas e de *softwares* para atender pessoas do mundo inteiro, principalmente, do continente africano. Com o crescimento de usuários, de acordo com o relatório de junho de 2015 do Groupe Speciale Mobile (GSM), 80% das 800 milhões de pessoas da região subsaariana devem ter acesso a celulares até o final da década (POR DENTRO DA ÁFRICA, 27/09/2015)²⁶.

O texto termina com uma fala significativa dos irmãos sobre a importância de que casos como o deles sirvam não apenas como incentivo para outros africanos, mas também para que seu continente passe a ser visto de maneira diferente. "Nós pensamos que, uma vez que as pessoas sigam fazendo coisas grandes (para impactar na vida de muitas pessoas), a percepção geral da África vai mudar e nós vamos começar a ver mais sobre as nossas invenções na mídia" (POR DENTRO DA ÁFRICA, 27/09/2015)²⁷.

²⁴Disponível em: <http://www.pordentrodaafrica.com/ciencia/tecnologia-na-africa-adolescentes-nigerianos-criam-navegador-para-celular>. Último acesso: 15/06/2017.

²⁵Id. Ib.

²⁶Id. Ib.

²⁷Id. Ib.

3. NOVAS MÍDIAS COMO ROTAS DE FUGA

A partir dos conceitos de opinião pública, poder e estereótipo, o que se pretende com este capítulo é analisar os reflexos da pós-modernidade nos meios de comunicação tradicionais e de que maneira isso contribui para que esses veículos reproduzam e reforcem cada vez mais um discurso único sobre certos acontecimentos — em especial os que dizem respeito ao continente africano. Mostrando de que forma as novas mídias — com foco no *site Por Dentro da África* — vêm desempenhando um papel fundamental para a prática jornalística na contemporaneidade, através de uma maior pluralidade de vozes e de versões e apontando para a importância de se enxergar esses novos modelos como rotas de fuga às formas de produção convencionais.

3.1. Opinião pública

Para se pensar na questão do discurso único a respeito do continente africano e na sua reprodução através da mídia, é interessante também que se pense na ideia de construção de uma opinião pública, "entendida, por séculos, como aquilo que se propaga, ou se deseja propagar, por um único interlocutor ou um grupo, na tentativa de alcançar e convencer o maior número de pessoas possível a partir de um mesmo discurso" (JUSTEN, 2013, p. 20).

[A opinião pública] É um complexo de ideias, dos sentimentos, das tendências, que segundo determinações especiais das faculdades superiores, induz um considerável grupo de homens a reagirem e agirem identicamente diante de certos fatos da atualidade, conexos aos problemas da vida social (MORLION *apud* CARVALHO, 2012, p.38).

Ela não é aquilo que está essencialmente vinculada ao fenômeno das relações sociais, para a formação de uma opinião pública é preciso que se considere também o sujeito pessoal e coletivo que se comunica com o objetivo de disseminar aquilo que se pretende tornar público, conhecido e compreendido, ou ainda que seja apropriado por determinado grupo da sociedade. Para isso, faz-se necessário a existência de mecanismos que façam com que este processo se estenda o mais rápido possível e que atinja um número de pessoas cada vez maior, que consequentemente viram o alvo dessa comunicação.

Para pensar no conceito de opinião pública é importante pensar na opinião separadamente. O que vem a ser opinião, no que exatamente ela consiste. O sociólogo francês Jean-Gabriel de Tarde, no fim do século XIX e começo do XX, já pensava nesse termo e apontava para a importância de não se cometer exageros na hora de reconhecer o seu papel:

Tratemos de circunscrever seu domínio. Ela não deve ser confundida com duas outras parcelas do espírito social que ao mesmo tempo a alimentam e a limitam, que estão com ela em perpétua disputa de fronteiras. Uma é a tradição, resumo condensado e acumulado do que foi a opinião dos mortos, herança de necessários e salutareis preconceitos, frequentemente onerosos para os vivos. A outra é o que me permitirei chamar, com um nome coletivo e abreviativo, de razão. [...] Bem antes de ter uma opinião geral e sentida como tal, os indivíduos que compõem uma nação têm consciência de possuir uma tradição comum e submetem-se de bom grado às decisões de uma razão julgada superior. Assim desses três ramos do espírito público, o último a se desenvolver, mas também o mais apto a crescer a partir de um certo momento, é a *opinião*; e ela cresce às custas dos outros dois (TARDE, 1992, p.80-81).

Diante disso, Gabriel Tarde define a opinião como "um grupo momentâneo e mais ou menos lógico de juízos, os quais, respondendo a problemas atualmente colocados, acham-se reproduzidos em numerosos exemplares em pessoas do mesmo país, da mesma época, da mesma sociedade" (TARDE, 1992, p. 83). E a partir dessas condições é possível compreender de que maneira uma opinião particular aos poucos vai se tornando uma opinião geral, tendo como fio condutor, o surgimento da imprensa:

Ora, para que a consciência dessa semelhança de ideias exista entre os membros de uma sociedade, não é acaso preciso que essa semelhança tenha por causa a manifestação pela palavra, pela escrita ou pela imprensa de uma ideia a princípio individual, depois gradativamente generalizada? A transformação de uma opinião individual numa opinião social, na "opinião", foi devida à palavra pública na Antiguidade e na Idade Média, à imprensa nos dias de hoje (TARDE, 1992, p.83).

Para Tarde, a formação da opinião pública passou a ganhar corpo a partir de um outro pilar: a conversação, que ele define como "todo diálogo sem utilidade direta e imediata, em que se fala sobretudo por falar, por prazer, por distração, por polidez." (TARDE, 1992, p.95). Mas a conversação é intensificada pelo surgimento da imprensa, principalmente com os jornais, e é aí que ela passa a ter mais valor.

A partir destas multidões dispersas, em contato íntimo, ainda que distante, por sua consciência da simultaneidade e da interação criadas pela notícia, o jornal criará uma multidão imensa, abstrata e soberana, a que se chamará opinião. O jornal completou assim a obra ancestral iniciada pela conversação, estendida pela correspondência, mas que sempre permaneceu em um estado de esboço disperso e insinuado: a fusão das opiniões pessoais nas opiniões locais, e destas na opinião nacional e mundial, a grandiosa unificação da mente pública... este é um poder enorme que só pode aumentar, porque a necessidade de estar de acordo com a opinião faz-se mais forte e irresistível à medida que o público se torna mais numeroso, a opinião mais imponente e a necessidade se satisfaz mais amiudamente. (TARDE *apud* HOHLFELDT, 2001, p.228).

Com a imprensa periódica, tudo aquilo que se encontrava na esfera local, foi trazido para a esfera nacional; apenas a partir desse momento foi possível trazer à tona o que antes teria permanecido desconhecido ou limitado a um pequeno grupo: "são os jornais que inflam a vida nacional, que excitam os movimentos de conjunto dos espíritos e das vontades em suas flutuações grandiosas cotidianas" (TARDE, 1992, p.93).

Nesse sentido, há uma certa proximidade entre o surgimento da opinião pública e o advento dos meios de comunicação. É possível perceber aí o começo de uma relação que viria a se tornar íntima entre opinião pública e mídia. E trazendo para um cenário mais atual, isto é, o da já enunciada pós-modernidade, de acordo com a teoria do filósofo Jean Baudrillard, é necessário pensar com outros olhos a ideia de uma opinião pública, pois:

[...] neste momento em que vivemos, de transição entre uma comunicação centralizada, unidirecional e vertical para uma comunicação de relativa interatividade e multimidialismo, essa noção de opinião pública passa a implicar, também, uma expansão das rígidas fronteiras entre emissor e receptor das mensagens, tornando complicado estabelecer pólos esquemáticos de fluxos de informação. [...] Classificada como mutante e efêmera, a opinião, por natureza, carrega o peso da instantaneidade, selando um pacto quase perfeito com o cenário do imediatismo atual, que [...] é amnésico, acelerado e autista, cujos objetos produzidos são para fins de consumo necessitando rapidamente de substituição. Em confluência com a lógica da eficácia, indo de encontro às regras do sistema econômico vigente (o capitalismo, que traz como pano de fundo o mundo globalizado) e à ideia dos simulacros — uma vez que disseminada, torna-se apenas imagem de imagem de imagem, indicando, em alta potência, uma replicação viral —, a opinião pública consolida um paradoxal vínculo sócio-identitário, de forma quase estrutural, com as atividades da imprensa: a partir dela segmentam-se audiências, nichos urbanos, categorias profissionais etc., o que a coloca em posição cobiçada de mercadoria com poderoso valor agregado (JUSTEN, 2013, p.20).

Diante de um contexto de potencialização do consumo, em que a informação se encontra cada vez mais influenciada por uma lógica industrial, percebe-se que a opinião pública também acaba sendo influenciada por essa lógica. Sendo assim, a informação, como substrato midiático, se apresenta como uma simples imagem dos acontecimentos e consequentemente vira matéria-prima para a construção da opinião pública acerca de um determinado tema. Pois a informação traz em si não apenas uma determinada visão de mundo, mas carrega consigo também a subjetividade e as impressões daqueles que a enunciam. Mais do que isso, é preciso ter em mente que cada veículo tem sua diretrizes políticas, sociais e econômicas, por meio das quais promove-se a construção de consensos, sejam eles amplos ou segmentados.

Os *media* possuem uma função estratégica na produção de um consenso público diante de diferentes posições. E dentro dessa estratégia dos *media*, são trabalhados os enquadramentos que mais lhes são interessantes, por meio de uma elaboração e de uma interpretação de discursos que estejam de acordo com interesses pré-determinados na formação da opinião pública. Dessa forma, "não há aí uma *influência* sobre a realidade, mas ao contrário a *constituição* de uma realidade" (SODRÉ, 2006, p.99). O fazer jornalístico, encontra-se, assim, cada vez mais de acordo com o que propõe o tal discurso pós-moderno, se tornando uma prática muito eficaz para a construção dessa forma de pensar a contemporaneidade. O que se tem de resultado é uma obsolescência e uma efemeridade cada vez maior no que diz respeito às notícias.

E a partir do momento em que o imediatismo se apresenta como modelo vigente, é conferido ao jornalismo uma posição cada vez mais privilegiada de mediador da atualidade, adquirindo uma certa autoridade para imprimir e impor um discurso. "Os meios de comunicação, para essa produção de significados, realizam 'trabalhos de memória', classificando o mundo para o público, selecionando e ordenando a realidade social, tornando-se, dessa forma, 'senhores da memória' da sociedade" (BARBOSA *in* FREIRE FILHO & VAZ, 2006, p.158).

Em meio a um fluxo de informação tão intenso, em que somos bombardeados por diversos estímulos, que apresentam cada vez menos sentido, a apreensão daquilo que é "atirado" em nossa direção se torna um processo fragmentado e extremamente precário, resultando em uma consequente automatização do saber. Fazendo com que questões complexas acabem sendo abordadas de maneira mecânica e simplista. Assim, "a grande maioria conhece cada vez mais coisas, mas sabe delas e as compreende cada vez menos" (GORZ, 2003, p.81).

Basta pensarmos, por exemplo, no papel que possuem as agências de notícias — como a Reuters, fundada em 1851, momento em que começava a se instaurar o modelo clássico da *indústria da informação* — que constituem um dos principais conglomerados midiáticos, responsáveis por selecionar um incontável volume de dados, sobre os mais diversos assuntos ao redor do mundo, que serão distribuídos e abastecerão uma rede de clientes e consumidores, servindo de orientação para um mercado que se encontra espalhado por boa parte do mundo.

Basta consultar o site corporativo (http://about.reuters.com/brazil/sobre_nos) para saber que seus escritórios em 220 cidades de 97 países distribuem eletronicamente, a 53 mil clientes, informações

financeiras atualizadas mais de oito mil vezes por segundo. Ao todo, são 30 mil manchetes e oito milhões de palavras diariamente em 26 idiomas. A Reuters armazena e atualiza três bilhões de dados e registros, dos quais 150 milhões sobre 960 mil ações, títulos e papéis de 40 mil empresas, negociadas em 244 bolsas de valores e mercados de todos os continentes. O sistema online é acessado, em média, por 511 mil usuários profissionais (MORAES, 2003 p. 195-196).

Diante de tal situação, já não é mais possível para o indivíduo acessar o real de maneira direta, isto é, sem intermediários. Desta forma, é preciso que a interação seja agora mediada e, partindo do pressuposto de que os meios de comunicação carregam consigo as condições para a construção de uma representação que o sujeito possui sobre algo, a mídia acaba se tornando uma ponte de ligação entre esse indivíduo e o real. Com todo o seu aparato tecnológico de reprodução, ganha extrema importância na construção de uma agenda pública. E em meio a uma ditadura da informação, "rapidez é a palavra de ordem" (BARBOSA, 2007, p.23).

Os veículos de comunicação tomam a posse das formas de sociabilidade e através disso, travestidos de ideais como a neutralidade e a objetividade, numa tentativa de aproximação com o método científico, condicionam o público aos seus discursos — em muitos casos, como, por exemplo, o do continente africano, um discurso único. Envolto pelas exigências e tendências do mercado, todos os esforços são feitos para que se caminhe na direção de um negócio lucrativo. E, neste negócio, a busca por furos de reportagens normalmente acaba ganhando maior importância, em detrimento de uma apuração cautelosa.

Como construção retórica referencial, a notícia trata das aparências do mundo. Conceitos que expressam subjetividade estão excluídos. É também axiomática, isto é, afirma-se como verdadeira: não argumenta, não conclui nem sustenta hipóteses. Do ponto de vista técnico, a notícia não é avaliada por seu conteúdo moral, ético ou político; o que importa é se de fato aconteceu aquilo ou, no caso de uma entrevista, se o entrevistado disse realmente aquilo. Não basta ser verdadeiro; é preciso parecer verdadeiro (LAGE, 2006, p.26-27).

A produção de notícias em ritmo acelerado e cada vez mais robotizado ou automatizado busca também um certo ineditismo. É necessário produzir para atrair a atenção e consequentemente despertar o interesse, ou, melhor ainda, a fidelidade de seu público alvo, independente dos recursos que forem utilizados para atingir esse objetivo. Mas, nesse processo, em grande parte, acaba havendo apenas um retorno a questões já abordadas, há somente uma reinvenção e repetição dos mesmos assuntos, isto é, produz-se mais do mesmo para sua audiência.

Diante desse panorama, podemos pensar naquilo que Muniz Sodré (2006) chamou de *instrumentalização do afeto* pelas mídias, pois "aqui têm lugar o que nos permitimos designar como estratégias sensíveis, para nos referirmos aos jogos de vinculação dos atos discursivos às relações de localização e afetação dos sujeitos no interior da linguagem" (SODRÉ, 2006, p.10):

servindo de estratégia para recrutamento de público, mas gerando em contrapartida, como resultante de forças, um profundo desinteresse, prostração e desengajamento das causas e movimentos sociais. O hiperestímulo e a gama de emoções fáceis provocam uma apatia crônica por extasiar demais (JUSTEN, 2013, p.20).

E ainda dentro disso, quando pensamos no continente africano e na forma como ele é reproduzido nos meios de comunicação tradicionais, e que acabam reforçando uma história única, é possível falar em uma *iconografia do sofrimento* (SONTAG, 2003, p.37), que surge no século XIX com as fotografias de guerras e que atualmente, não raro, estampam as capas de exemplares de jornais e revistas, ou ainda as páginas dos portais de notícias *online*. "A consciência do sofrimento que se acumula em um elenco seleto de guerras travadas em terras distantes é algo construído. Sobretudo na forma como as câmeras registram, o sofrimento explode, é compartilhado por muita gente e depois desaparece de vista" (SONTAG, 2003, p.21).

Persuadir, emocionar, abrir os canais lacrimais do interlocutor por meio do apelo desabrido à banalidade são recursos centrais da retórica propagandística, aperfeiçoada pela publicidade e pelo marketing de hoje. A diferença para com o passado é que, agora, sob a égide da mídia, o sismógrafo também produz o abalo "sísmico", ou seja, a mídia não se define como mero instrumento de registro de uma realidade, e sim como dispositivo de produção de um certo tipo de realidade, espetacularizada, isto é, primordialmente produzida para a excitação e gozo dos sentidos. Com a mídia, o sismógrafo e o sismo são a mesma coisa (SODRÉ, 2006, p.79).

Isso em muito se relaciona com o que o escritor francês Guy Debord nomeou de *sociedade do espetáculo*, onde "o espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediatizada por imagens" (DEBORD, 2003, p.9). E dessa maneira, os indivíduos, num processo quase que letárgico, acabam recebendo uma quantidade inesgotável de estímulos, que muitas vezes não são absorvidos, ou são absorvidos, mas de maneira inconsciente.

As imagens fluem desligadas de cada aspecto da vida e fundem-se num curso comum, de forma que a unidade da vida não mais pode ser restabelecida. A realidade considerada parcialmente reflete em sua própria unidade geral um pseudo mundo à parte, objeto de pura

contemplação. A especialização das imagens do mundo acaba numa imagem autonomizada, onde o mentiroso mente a si próprio. O espetáculo em geral, como inversão concreta da vida, é o movimento autônomo do não-vivo (DEBORD, 2003, p.9).

Os estímulos visuais funcionam, portanto, como artifícios de manipulação que se mostram extremamente eficazes, e que, imbuídos de uma suposta inocência, chocam e convencem, mas acima de tudo: vendem. E assim, funcionam como substrato para um fazer jornalístico — que se preocupa acima de qualquer coisa com uma produção voraz, alucinante — e que sem muito esforço, são capazes de orientar a opinião pública. É, portanto, nesse território movediço e repleto de turbulências e incertezas — extremamente propício e com as condições ideais para criar e reproduzir o chamado discurso único ou, como define a escritora nigeriana Chimamanda Adichie, uma história única — que se forma a opinião pública.

Entre representações e simulacros, já sem (ou com muito pouco) fundamento, vivemos mediados. Entre nós e o Real, a mídia. E acessamos a mídia — acessamos a vida, o bios — pelo consumo. [...] Em troca da Verdade, a verossimilhança. Em troca dos acontecimentos, a informação. As identidades se perdem em meio a multiplicidade de facetas e sujeitos num relativismo exacerbado, desnortado. [...] As conquistas materiais estão aí, perceptíveis a olhos nus e até mesmo desatentos, prontas para serem atualizadas em prol do progresso da ciência e das faculdades humanas, deixando disponíveis a nós inúmeras possibilidades de (des)construção (JUSTEN, 2013, p.31).

A ideia aqui não é ser extremista ou apocalíptico, ao ponto de objetivar que o público não seria capaz de emancipar-se diante de tal panorama, ou que esse público seria facilmente manipulável, e, portanto, incapaz de fazer juízos sobre as questões que se apresentam a ele. Pois isto significaria dizer que os indivíduos viveriam robotizados na sociedade e que suas visões não seriam necessariamente suas, mas de uma "entidade externa" — nesse caso, a mídia — que o comanda.

O que se pretende é chamar a atenção para o fato de que por estar imerso nesse mundo, muitas vezes esse público acaba perdendo o controle de seus interesses comuns, digamos, de sua própria vontade ou de sua consciência, mas esse mesmo público também tem o potencial e as ferramentas para se reformar, e se tornar consciente de suas próprias interdependências.

É preciso, portanto, trabalhar em cima dessas possibilidades, que mesmo diante desse contexto, mesmo inseridas nele, se apresentam como novas formas de produção, como modelos promissores para uma renovação do fazer jornalístico. As novas mídias,

com uma postura cada vez mais engajada, começam a se mostrar eficientes na concorrência com os meios tradicionais, também no que toca a formação de uma opinião pública.

Sem dúvida alguma, elas se encontram ainda num estágio embrionário. É fato que existem muitos problemas e dúvidas que envolvem o mundo digital e suas virtudes. Por isso é preciso ter cautela para apontar suas potencialidades e suas limitações, que podem variar dependendo das circunstâncias, especialmente no que diz respeito à democratização ao seu acesso. Há sim muito o que se ponderar nessa questão, não se pode cair ou se deixar levar por determinismos levianos e ingênuos.

Mas é justamente por pensarem em novas formas de atingir os consumidores, por terem a coragem de caminhar na contra-mão de um fluxo que vigora há muito tempo, por essa razão é que se deve trabalhar em cima dessas novas formas de produção no universo jornalístico — como é o caso, por exemplo, do portal *Por Dentro Da África*.

Este é o caminho para se perceber a dimensão da transmissão de um fato em suas deformações e distorções, mas também em suas representações mais fiéis. Nesta história, não existe certo ou errado, apenas pontos de vista, que variam mediante circunstâncias e atores sociais. A valorização da multiplicidade do mundo enquanto tal, da vida, dos indivíduos e de suas faculdades clama por uma igual pluralidade de versões, não para dizer que todas se equivalem e, sim, para experimentar as tensões existentes entre elas, empenhando-se na ação — ação de informar, ação de transmitir, ação de reinterpretar. É pelo conjunto de possibilidades do acontecimento que nos aproximamos dele. Cabe a nós zelar para que esta diversidade se fortaleça e assuma, por direito, lugar cativo em meio ao fazer jornalístico, seja ele exercido em vias independentes ou corporativas (JUSTEN, 2013, p.55).

É certo que os *mass media*, munidos de uma questionável isenção de opiniões e julgamentos, com o intuito apenas de informar, são ainda responsáveis, ao estabelecerem uma comunicação unidirecional, por produzir uma versão hegemônica do mundo exterior, e, portanto, de uma realidade (aparente). Porém, ela não é totalitária, é preciso considerar a existência de uma contra-hegemonia emergente, que vem sendo feita através das mídias alternativas, e que mesmo tendo, ao contrário dos veículos tradicionais, pouca potencialidade de massa, vem tentando romper, por meio de um jornalismo em rede e multipolarizado, barreiras que em muitos momentos parecem intransponíveis. São elas que, "diante das atuais circunstâncias, traçam projeções um tanto quanto promissoras, apresentando ao público e aos próprios repórteres, que agora se revezam entre emissores e receptores das mensagens, diferentes meios de se produzir e distribuir notícias." (JUSTEN, 2013, p.55).

3.2. Poder e resistência

Um outro aspecto muito importante para se pensar como se dá a questão do discurso único, no que diz respeito à África e à forma como ela é retratada nos meios de comunicação, é falando sobre poder:

É impossível falar sobre a história única, sem falar de poder. Há uma palavra, uma palavra Igbo²⁸ em que penso, sempre que penso a respeito da estrutura do poder no mundo. É "*nkali*". É um substantivo que se pode traduzir por "ser maior do que o outro". Tal como os nossos mundos econômico e político, histórias também se definem pelo princípio do "*nkali*": como são contadas, quem as conta, quando são contadas, quantas histórias são contadas, estão realmente dependentes do poder. O poder é a capacidade não apenas de contar a história de outra pessoa, mas torná-la a história definitiva dessa pessoa (ADICHIE, 2009)²⁹.

Discurso e poder são duas concepções que se encontram intimamente ligadas ao longo da história. Dessa forma, tendo como embasamento e como ponto de partida algumas das obras do filósofo francês Michel Foucault como, por exemplo, *Ordem do Discurso* e *Microfísica do Poder*, é possível compreender como funcionam as relações de poder em nossa sociedade: os lugares de fala, a legitimidade dos discursos e a disseminação de verdades por meio de uma deflagração de enunciados sociais.

Ainda que a questão do poder esteja presente de alguma forma nas obras de Foucault é interessante perceber que:

Foucault nunca dedicou um livro ao poder. Esboçou várias vezes seus delineamentos essenciais; explicou-se incansavelmente; não foi avaro de advertências e de esclarecimentos. Ao contrário, estudou seu funcionamento, seus efeitos, seu "como", em numerosas análises históricas que pode realizar sobre os hospícios, a loucura, a medicina, as prisões, a sexualidade, o "policiamento". A questão do poder se espraia, pois, ao longo de todas essas análises, forma um só todo com elas, é-lhes imanente e, por isso mesmo, é-lhes indissociável (FONTANA & BERTANI *In* FOUCAULT, 2005, p. 331).

²⁸"O igbo é uma língua falada na Nigéria por cerca de 20-25 milhões de pessoas, os igbos, especialmente na região sudeste, anteriormente conhecida como Biafra e em partes da região sul-sudeste da Nigéria. É escrita em alfabeto latino. O igbo é uma língua tonal, como o ioruba ou o chinês. Existem centenas de dialetos diferentes e línguas Igboídes incluídas na língua igba, tais como os dialetos ikwerre enuane e o ekpeye. O igbo é uma das únicas línguas do mundo em que os sons podem ser produzidos de forma ingressiva, isto é, por meio da entrada de ar dentro do organismo" (LÍNGUA IGBO, 2017). Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/L%C3%ADngua_igbo. Último acesso: 22/05/17.

²⁹Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=D9Ihs241zeg>. Último acesso: 22/05/2017. Tradução do autor. Original em inglês: "It is impossible to talk about the single story, without talking about power. There is a word, an Igbo word, that I think about whenever I think the power structures of the world, and it is "*nkali*". It's a noun that loosely translates to "to be greater than another". Like our economic and political worlds, stories too are defined by the principle of "*nkali*": how they are told, who tells them, when they are told, how many stories are told, are really dependent on power. Power is the ability not just to tell the story of another person, but to make it the definitive story of that person."

Na aula de 14 de Janeiro de 1976, no curso do *Collège de France*, Foucault aborda justamente essa questão — a do poder — que permeia sua obra, declarando:

O que eu tentei percorrer, desde 1970-1971, era o "como" do poder. Estudar o "como do poder", isto é, tentar apreender seus mecanismos entre dois pontos de referência ou dois limites: de um lado, as regras de direito que delimitam formalmente o poder, de outro lado, a outra extremidade, o outro limite, seriam os efeitos de verdade que esse poder produz, que esse poder conduz e que, por sua vez, reconduzem esse poder (FOUCAULT, 2005, p.28).

Pois bem, para pensar sobre a ideia de poder em Foucault faz-se necessário pensar também em outro ponto bastante presente na obra do filósofo: a verdade. Foucault põe em jogo a importância das relações de poder no que diz respeito a uma busca pela verdade. Por ser uma questão historicamente construída e sustentada, a ligação entre o poder e essa busca pela verdade teve como consequência uma apropriação dos procedimentos pelos quais se instauram os discursos, como forma de produzir mecanismos de controle.

O importante, creio, é que a verdade não existe fora do poder ou sem poder [...]. A verdade é deste mundo; ela é produzida nele graças a múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados de poder. Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua "política geral" de verdade: isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, a maneira como se sanciona uns e outros; as técnicas e os procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade; o estatuto daqueles que têm o encargo de dizer o que funciona como verdadeiro (FOUCAULT, 2016, p.51-52).

Para Foucault, a verdade não deve ser entendida como uma coisa em si, mas como algo que adquire legitimidade de fala, no interior de um discurso, de uma determinada prática discursiva ou ainda de um *regime de verdade*. O que existe são *efeitos de verdade* (não encarados aqui como verdadeiros ou falsos), produzidos e distribuídos por meio do poder e que servem da mesma forma, como num processo de retroalimentação, para também reproduzi-lo. Desta forma, é necessário “ativar saberes locais, descontínuos, desqualificados, não legitimados, contra a instância teórica unitária que pretenderia depurá-los, hierarquizá-los, ordená-los em nome de um conhecimento verdadeiro” (FOUCAULT, 2016, p. 268).

A partir dessa discussão é possível pensar no que Foucault (1999) fala sobre as relações de um discurso com a verdade ou com o verdadeiro, pois para o filósofo através do que ele chama de *vontade de verdade*, essa vontade acaba pondo em confronto o verdadeiro e o falso. É por meio do discurso que se distingue o verdadeiro do falso, e assim o verdadeiro é normalmente aquele que se encontra instituído no poder do discurso.

Enquanto que, por outro lado, aquele que não corresponde ao poder e que não se encontra imbuído de poder, é excluído, justamente para que ocorra a manutenção do poder.

Separação historicamente constituída, com certeza. Porque, ainda nos poetas gregos do século VI, o discurso verdadeiro – no sentido forte e valorizado do termo –, o discurso verdadeiro pelo qual se tinha respeito e terror, aquele ao qual era preciso submeter-se, porque ele reinava, era o discurso pronunciado por quem de direito e conforme o ritual requerido; era o discurso que pronunciava a justiça e atribuía a cada qual sua parte; era o discurso que, profetizando o futuro, não somente anunciava o que ia se passar, mas contribuía para a sua realização, suscitava a adesão dos homens e se tramava assim com o destino (FOUCAULT, 1999, p.14-15).

E sendo essa *vontade de verdade* um sistema de exclusão, Foucault aponta para o fato de que como qualquer outro sistema, a forma pela qual ela se sustenta se dá através de diferentes instituições e, assim, essa vontade compõe a própria criação, classificação e agrupamento dos saberes, códigos, signos e significados. Ela é

ao mesmo tempo reforçada e reconduzida por todo um conjunto de práticas como a pedagogia, é claro, como o sistema dos livros, da edição, das bibliotecas, como as sociedades de sábios outrora, os laboratórios hoje. [...] Enfim, creio que essa vontade de verdade assim apoiada sobre um suporte e uma distribuição institucional tende a exercer sobre os outros discursos — estou sempre falando de nossa sociedade — uma espécie de pressão e como que um poder de coerção (FOUCAULT, 1999, p.17-18).

O que é possível perceber diante disso é que discurso e poder são elementos que se encontram fortemente imbricados. Têm entre si uma forte correlação e, porque não, interdependência. E, assim, devemos atentar para o fato de que:

Por mais que o discurso seja aparentemente bem pouca coisa, as interdições que o atingem revelam logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e com o poder. Nisto não há nada de espantoso, visto que o discurso — como a psicanálise nos mostrou — não é simplesmente aquilo que manifesta (ou oculta) o desejo; é, também, aquilo que é o objeto do desejo; e visto que — isto a história não cessa de nos ensinar — o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar (FOUCAULT, 1999, p.10).

Pois então, a partir do momento que o poder é entendido como algo que opera no campo do desejo, é preciso pensá-lo como uma rede produtiva que permeia todo o meio social. "Ou seja, o indivíduo não é o outro do poder: é um de seus primeiros efeitos. O indivíduo é um efeito do poder e simultaneamente, ou pelo próprio fato de ser um efeito, seu centro de transmissão. O poder passa através do indivíduo que ele constituiu" (FOUCAULT, 2016, p.285).

Sendo dessa forma muito além de uma instância de caráter negativo, que opera apenas como uma ferramenta de repressão. "Se o poder fosse somente repressivo, se não fizesse outra coisa a não ser dizer não, você acredita que seria obedecido?" (FOUCAULT, 2016, p. 44).

Pois se o poder só tivesse a função de reprimir, se agisse apenas por meio da censura, da exclusão, do impedimento, do recalcamento, à maneira de um grande superego, se apenas se exercesse de um modo negativo, ele seria muito frágil. Se ele é forte, é porque produz efeitos positivos a nível do desejo [...].O enraizamento do poder, as dificuldades que se enfrenta para se desprender dele vêm de todos esses vínculos. É por isso que a noção de repressão, à qual geralmente se reduzem os mecanismos do poder, me parece muito insuficiente, e talvez até perigosa (FOUCAULT, 2016, p.238-239).

Partindo então de um viés positivo acerca do poder exposto por Foucault, é possível pensar também que na contemporaneidade nos encontramos diante de novos contornos, em que a verdade é percebida "não mais como um termo pleno, coercitivo e de função corretiva" (JUSTEN, 2013, p.5), pelo contrário, "o que está em jogo aqui é a difusão de discursos, instrumentos capazes de coibir, reduzir e manipular, mas também de gerar conhecimento. São, antes de tudo, mecanismos de poder, cuja dinamicidade indica uma interlocução ramificada" (JUSTEN, 2013, p.5).

Agora, justamente sobre essa noção foucaultiana positiva de poder, podemos pensar na chegada de um novo paradigma, no que tange a questão da verdade. Um novo modelo que começa a se estabelecer, não de uma verdade única (ou de uma história única), mas o das verdades.

Vivemos em uma sociedade que, em grande parte, marcha ao "compasso da verdade" — ou seja, que produz e faz circular discursos que funcionam como verdade, que passam por tal e que detêm por esse motivo poderes específicos. A produção de discursos "verdadeiros" (e que, além disso, mudam incessantemente) é um dos problemas fundamentais do Ocidente. A história da "verdade" — do poder próprio aos discursos aceitos como verdadeiros — está totalmente por ser feita (FOUCAULT, 2016, p.346).

E como forma de trazer isso para um cenário mais próximo do que se quer analisar aqui, isto é, pensando na relação das novas mídias emergentes com os meios de comunicação tradicionais e como forma de se propor alternativas ao chamado discurso único da problemática pós-modernidade, é possível perceber que

Estendendo a ideia de fato para além do acontecimento em si, mas acoplando à sua conformação também suas versões proliferadas por uma mídia gradativamente mais plural, impulsionada pela popularização do acesso à internet e pelas tecnologias móveis de acesso remoto, chegamos a um *outro sistema* (e não a um *fora do sistema*), onde o discurso das

grandes empresas jornalísticas tido como oficial, pode ser questionado e complementado — o que complexifica e valoriza a percepção dos fatos, ao contrário de restringi-la e dicotomizá-la (JUSTEN, 2013, p.18).

Por mais que em larga escala o poder do discurso seja delegado, quando pensamos no mundo jornalístico, à mídia considerada tradicional, é preciso perceber que, como qualquer outra instituição ou organismo detentor de poder, ela apresenta tanto mecanismos para reprimir quanto para capacitar e, mais importante, incentivar e incitar novas formas de produção. Pois "o público, não mais percebido em sua passividade extrema, exige conteúdo, o produz e o reitera" (JUSTEN, 2013, p.17).

Tão logo é preciso encarar o poder não como uma espécie de artifício global de dominação, muito menos uma substância, algo que se possui. Foucault aponta que o poder está presente em todo lugar, é possível encontrá-lo em toda parte.

Em outros termos, o poder não se aplica aos indivíduos, passa por eles. Não se trata de conceber o indivíduo como uma espécie de núcleo elementar, átomo primitivo, matéria múltipla e inerte que o poder golpearia e sobre o qual se aplicaria, submetendo os indivíduos ou estraçalhando-os. Efetivamente, aquilo que faz com que um corpo, gestos, discursos e desejos sejam identificados e constituídos enquanto indivíduos é um dos primeiros efeitos de poder (FOUCAULT, 2016, p.284-285).

Assim, do mesmo lugar que surge o poder, do mesmo local de onde ele emana, existem também os diversos pontos de resistência, que representam o outro lado das relações de força, significação e (re)apropriação. O poder deve ser visto não com uma estrutura, mas, segundo Foucault, como "uma situação estratégica complexa numa sociedade determinada" (FOUCAULT, 1988 p.89). E, dessa forma, as resistências encontram-se presentes em nossa sociedade e mais do que isso, elas são

possíveis, necessárias, improváveis, espontâneas, selvagens, solitárias, planejadas, arrastadas, violentas, irreconciliáveis, prontas ao compromisso, interessadas ou fadadas ao sacrifício; por definição, não podem existir a não ser no campo estratégico das relações de poder. [...] Elas são o outro termo nas relações de poder; inscrevem-se nestas relações como o interlocutor irredutível (FOUCAULT, 1988, p.91-92).

Pois se o poder não é uma substância, da mesma forma não o pode ser a resistência. É preciso encará-la não como um fenômeno anterior ao poder com o qual ela se encontra em choque, mas como algo que funciona como uma extensão do poder e que é, portanto, complementar, interdependente ou até mesmo contemporânea. Para Foucault (2016), não se deve pensar no poder como um mecanismo de aprisionamento, isto é, nós enquanto indivíduos não somos aprisionados pelo poder, mas somos produzidos por ele.

Ainda que em muitos momentos isso não fique evidente ou que não seja possível fazer tal constatação, há sempre maneiras de modificar o cenário que, muitas vezes, as relações de poder tentam impor e exercer sobre nós, a partir de certas condições e de acordo com estratégias específicas. Dessa forma é preciso chamar a atenção para o fato de que "a partir do momento em que há uma relação de poder, há uma possibilidade de resistência" (FOUCAULT, 2016, p.360). E é essencial

[...] não tomar o poder como um fenômeno de dominação maciço e homogêneo de um indivíduo sobre os outros, de um grupo sobre os outros, de uma classe sobre as outras; mas ter bem presente que o poder — desde que não seja considerado de muito longe — não é algo que se possa dividir entre aqueles que o possuem e o detêm exclusivamente e aqueles que não o possuem e lhe são submetidos. O poder deve ser analisado como algo que circula, ou melhor, como algo que só funciona em cadeia. Nunca está localizado aqui ou ali, nunca está nas mãos de alguns, nunca é apropriado como uma riqueza ou um bem. O poder funciona e se exerce em rede. Nas suas malhas os indivíduos não só circulam mas estão sempre em posição de exercer este poder e de sofrer sua ação; nunca são o alvo inerte ou consentido do poder, são sempre centros de transmissão (FOUCAULT, 2016, p.284).

A resistência, portanto, encontra-se espalhada em nossa sociedade sob um aspecto disforme, ela se pulveriza e permeia os diferentes tipos sociais, as diferentes categorias individuais e, dessa maneira, é da própria sociedade que emanam esses focos ou pontos de resistência que provocam diferentes formas de reação na coletividade e na singularidade de cada um.

Também são, portanto, distribuídas de modo irregular: os pontos, os nós, os focos de resistência disseminam-se com mais ou menos densidade no tempo e no espaço, às vezes provocando levante de grupos ou indivíduos de maneira definitiva, inflamando certos pontos do corpo, certos momentos da vida, certos tipos de comportamento (FOUCAULT, 1988, p.92).

Percebe-se, ainda, que há uma certa transitoriedade dos focos de resistência: eles se dão através de constantes deslocamentos e produzem “clivagens que se deslocam, rompem unidades e suscitam reagrupamentos, percorrem os próprios indivíduos, recortando-os e os remodelando, traçando neles, em seus corpos e almas, regiões irredutíveis” (FOUCAULT, 1988, p.92).

Nesse sentido, podemos pensar a respeito das chamadas mídias alternativas, que vêm se caracterizando cada vez mais por constituírem uma forma de se repensar e de se reconfigurar o fazer jornalístico a partir de novos paradigmas. E como uma forma de resistência, elas vêm ocupando cada vez mais espaços que antes pertenciam

exclusivamente aos meios de comunicação tradicionais, que muitas vezes limitados e condicionados à amarras de diferentes ordens, acabam tendo suas atividades prejudicadas.

Sobre essa visão de Foucault, no que toca as relações que envolvem o poder e suas formas de resistência depreende-se, portanto, que

a resistência se dá, necessariamente, onde há poder, porque ela é inseparável das relações de poder, assim, tanto a resistência funda as relações de poder, quanto ela é, às vezes, o resultado dessas relações; na medida em que as relações de poder estão em todo lugar, a resistência é a possibilidade de criar espaços de lutas e agenciar possibilidades de transformação em toda parte (REVEL, 2005, p.74).

E ainda diante desse contexto, a *parresia* (do grego *parrhêsia*) — conceito explorado por Foucault em suas últimas aulas ministradas no *Collège de France* — surge como um grande desafio para o filósofo francês. Esta prática que historicamente se apresenta desde os gregos clássicos ao período no qual nos encontramos, se insere também nas relações de poder, como por exemplo: o penitente e o confessor, o doente e o médico, o paciente e o psicanalista. E ela pode ser entendida como o *dizer-a-verdade-de-si*, ou como um elemento qualificador de outro indivíduo, num campo em que dizer a verdade sobre si se torna uma obrigatoriedade. "A parresia é, portanto, em duas palavras, a coragem da verdade naquele que fala e assume o risco de dizer, a despeito de tudo, toda a verdade que pensa, mas é também a coragem do interlocutor que aceita receber como verdadeira a verdade ferina que ouve" (FOUCAULT, 2011, p.13).

Ao estudar esse conceito, Foucault tem como objetivo examinar de que maneira funcionam os pilares que sustentam os discursos que se apresentam como verdadeiros ou que são recebidos como verdadeiros. A verdade se apresenta como a capacidade de compreender e questionar de cada indivíduo. Para Foucault, a parresia "é, primeiro, fundamentalmente, uma noção política" (FOUCAULT, 2011, p. 9). Pois, por em prática a parresia significa assumir um risco, o risco de desafiar as regras do jogo de poder e os lugares de fala legitimados; é, portanto, o risco da violência, o risco de por-se fora da própria vida. Para que haja parresia "é preciso que, dizendo a verdade, se abra, se instaure e se enfrente o risco de ferir o outro, de irritá-lo, de deixá-lo com raiva e de suscitar de sua parte algumas condutas que podem ir até a mais extrema violência" (FOUCAULT, 2011, p. 12).

Ela pode ser vista como um instrumento de libertação de um indivíduo, procedimento pelo qual este indivíduo busca tomar pra si a direção das formas de se construir uma nova verdade e de se constituir uma outra moral, que não necessariamente as

desenhadas pelo poder normativo. Mesmo que caminhe para se transformar num discurso que procura acima de tudo desafiar as relações de poder já existentes, que nos impõem ou tentam nos impor uma determinada maneira de agir ou de ver o mundo, é evidente que não se deve considerar a parresia como uma verdade absoluta. Muito pelo contrário, pois a verdade daquele que pratica a parresia, somente pode ocorrer por meio de sua relação com aquele com quem se conversa, com o seu interlocutor — é, então, uma *verdade particular*.

Portanto, ao mesmo tempo em que a parresia consiste em uma relação pessoal com a verdade, para que ela faça sentido é preciso que haja também uma relação sólida com o outro e com si próprio, um vínculo. O dizer daquele que pratica a parresia se dá através do embate entre, digamos assim, o seu dizer, um dizer individual, e o mundo externo, fazendo com que suscite neste indivíduo a vontade e a capacidade para criticar, questionar e rejeitar as estruturas externas que se encontram em posição de domínio ou de legitimidade, mesmo que isso acarrete um risco para si próprio.

Neste sentido, quando pensamos na prática da parresia, em que é preciso haver uma ligação entre o dizer a verdade e a coragem para se dizê-la, podemos pensar em uma certa ética em se dizer a verdade. Pensando, pois, acerca da ética sob esse ponto de vista, podemos inferir que a parresia se constitui em um:

tipo de ato pelo qual o sujeito, dizendo a verdade, se *manifesta* e com isso quero dizer: representa a si mesmo e é reconhecido pelos outros como dizendo a verdade. Não se trata de modo algum, de analisar quais são as formas do discurso tais como ele é reconhecido verdadeiro, mas sim: sob que forma, em seu ato de dizer a verdade, o indivíduo se constitui e é constituído pelos outros como sujeito que pronuncia um discurso de verdade, sob que forma se apresenta, a seus próprios olhos e aos olhos dos outros, quem diz a verdade, [qual é] a forma do sujeito que diz a verdade (FOUCAULT, 2011, p. 4).

É preciso que se faça apenas uma ressalva, uma importante observação, pois ainda que o termo tenha adquirido diversos significados e sentidos ao longo da história, é preciso que se diferencie parresia de retórica, mesmo que em muitos momentos sejam feitas algumas relações entre essas duas concepções. É preciso compreender que elas se distinguem em natureza, intencionalidade e manifestação.

Na retórica, entendida aqui como uma técnica da “falação”, aqueles que a proferem podem dizer qualquer coisa, mesmo que não acreditem naquilo que estão pronunciando; aquele que se utiliza da retórica, pode dizer algo que vai totalmente contra aquilo que ele acredita ou que ele sente. Seu principal objetivo é convencer, a qualquer custo, o seu interlocutor, sem quaisquer preocupações virtuosas (belo, bom, justo ou verdadeiro).

Mesmo não possuindo uma relação forte com o que ele está dizendo, ele pretende, sobretudo, aprimorar sua relação de domínio ou sujeição com aquele com quem está se comunicando. Não há, portanto um vínculo real, apenas efeitos.

A retórica funciona como um jogo, como uma maneira estratégica de agir em relação ao outro que se quer atingir. Já os que praticam a parresia, por outro lado, precisam possuir uma relação concreta com a verdade que está expondo, ele tem a coragem de enunciá-la mesmo que isso tenha como consequência perder o vínculo com o outro ponto dessa comunicação, com a pessoa com quem ele se direciona. Diferentemente da retórica, na prática da parresia não ocorre a redução da verdade à meras fórmulas, a relação consigo mesmo e com o outro jamais é preterida aqui.

Mas podemos dizer de modo geral que a *parresía* não pode simplesmente se definir, no interior do campo da retórica, como um elemento pertencente à retórica. Por um lado porque, como vocês viram, a *parresía* se define fundamentalmente, essencialmente e primeiramente como o dizer-a-verdade, enquanto a retórica é uma maneira, uma arte ou uma técnica de dispor os elementos do discurso a fim de persuadir. Mas que esse discurso diga a verdade ou não, não é essencial à retórica. [...] Não há forma retórica específica da *parresía*. E, principalmente, na *parresía* não se trata tanto de persuadir, ou não se trata necessariamente de persuadir (FOUCAULT, 2010, p.53).

Pois, então, feita essa importante consideração e, tendo em mente o atual panorama midiático, isto é, a ascensão das novas mídias em contraponto às técnicas da mídia tradicional, pode-se pensar, no contexto da prática jornalística, principalmente no que diz respeito às novas formas de produção, como é o caso do portal *Por Dentro da África*. A partir da noção de parresia, é possível pensar em um fazer jornalístico que preze por uma postura mais coerente, que se comprometa a refletir e a expor diferentes versões e visões acerca de um fato ou de um determinado acontecimento.

Nesse sentido, apresentam-se novas possibilidades de se discutir a ética por meio da parresia e de sua coragem da verdade, suscitam-se novas formas de abordagem por parte daqueles que se encaixam na categoria de novos produtores e que se tornam cada vez mais fundamentais no cenário no qual nos encontramos atualmente. Afinal de contas, para por em prática a parresia, é preciso que se tenha não apenas um compromisso com a verdade (ou como aqui se quer mostrar, com as verdades, com a sua pluralidade), mas também que se assuma de maneira coerente os diferentes lugares de fala que se apresentam possíveis.

De acordo com a noção de parresia, quando pensamos mais especificamente no caso do site *Por Dentro Da África*, podemos compreender como isso se dá na prática, pois,

por meio de seu portal, a jornalista Natalia da Luz assume um compromisso em transmitir para seus interlocutores, aqui na posição de internautas, uma outra visão do continente africano, uma outra história, sob um novo ponto de vista diferente do que se vê muitas vezes nos veículos tradicionais.

Ao mesmo tempo, por meio de sua proposta, ao dar espaço para que os próprios africanos, que também produzem conteúdo para o *site*, possam falar sobre a África, há a possibilidade de eles "assumirem o risco", de porem-se fora da própria vida, desafiando e confrontando as normas e os lugares de fala legitimados e hegemônicos dos meios de comunicação tradicionais. Constituindo-se, dessa forma, num fazer jornalístico mais engajado e que se apresenta como

destruidor das evidências e das universalidades, que localiza e indica nas inércias e coações do presente os pontos fracos, as brechas, as linhas de força; que sem cessar se desloca, não sabe exatamente onde estará ou o que pensará amanhã, por estar muito atento ao presente (FOUCAULT, 2016, p.362).

É por esse motivo, portanto, que se deve enxergar em tal prática, o surgimento de novos modelos de produção no jornalismo, que procuram avançar por caminhos distintos dos que há muito tempo já se encontram solidificados em nossa sociedade — e que em muitos momentos acabam reproduzindo reflexões de mundo bastante específicas e que somente reforçam uma história única, reduzindo identidades, culturas e formas de sociabilidade. Diante do contexto contemporâneo, é preciso que se acredite e que se invista nesses novos mecanismos, ainda que eles se apresentem como um grande desafio ou que, para isso, seja preciso correr riscos.

3.3. Estereótipos

O terceiro ponto a ser destacado e que remete diretamente à questão da história única do continente africano diz respeito aos estereótipos, como também enfatiza a escritora nigeriana Chimamanda Adichie:

A história única cria estereótipos. E o problema com os estereótipos, não é que eles sejam mentiras, mas que eles sejam incompletos. Eles fazem uma história se tornar a única história. Claro que a África é um continente repleto de catástrofes. Há as enormes, como os terríveis estupros no Congo. E há as deprimentes, como o fato de cinco mil pessoas se candidatarem a uma única vaga de emprego na Nigéria. Mas há outras

histórias que não são sobre catástrofes. E é muito importante, é igualmente importante, falar sobre elas (ADICHIE, 2009)³⁰.

O termo estereótipo apresenta diversas conceituações e pode ser compreendido, por exemplo, como "uma crença rígida, excessivamente simplificada, não raro exagerada, aplicada tanto a uma categoria inteira de indivíduos como a cada indivíduo na mesma" (JOHNSON, 1997, p. 93). Ou ainda como uma "cristalização de um 'tipo', baseada em julgamento qualitativo assentado no preconceito e, portanto, *anterior* à experiência pessoal" (AMARAL, 1994, p. 264-265). Porém, mais importante do que a sua definição, é interessante perceber que

Os estereótipos são estruturados por crenças que são construídas, transmitidas, apreendidas e modificadas ao longo do percurso de socialização e aprendizagem social dos indivíduos, principalmente por meio das interações com seus grupos de pertença e ou referência. É por meio do processo de transmissão e troca de experiências entre os indivíduos e seus agrupamentos de identificação que os conteúdos mentais dos estereótipos vão se moldando (LEITE In BATISTA & LEITE, 2011, p. 224).

Em diferentes ocasiões é possível perceber que muitas das simplificações resultantes dos estereótipos estão de fato presentes em nossas relações cotidianas, eles não são um fator completamente externo às nossas experiências sociais ou às nossas vivências. Porém, mesmo diante dessa percepção, não podemos nos deixar acreditar que são retratos fiéis ou inteiramente verdadeiros de algo ou de alguém, uma vez que eles consistem em padrões normativos e carregam em si um forte caráter pejorativo e depreciativo para aqueles que são as vítimas dessa tipificação. Sendo assim, por mais que produzam efeitos de uma aparente realidade e ainda que tenham um grande impacto na maneira como percebemos determinados tipos sociais, os estereótipos devem ser tratados sempre com desconfiança e com uma postura crítica e combativa.

Há diferenças significativas entre o entendimento dos estereótipos como *esquemas simplificadores* e sua definição como *representações falsas* da realidade. O entendimento dos estereótipos como distorção e falsidade pressupõe que exista uma fronteira bem delineada entre a estereotipia e a própria realidade. Isto é, as simplificações colocadas em curso pelos estereótipos estariam em contradição com a realidade de fato, que aqui poderíamos tomar, provisoriamente, como algo equivalente à vivência concreta dos indivíduos e grupos sociais quando afastada de imagens

³⁰Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=D9Ihs241zeg>. Último acesso: 30/05/2017. Tradução do autor. Original em inglês: The single story creates stereotypes. And the problem with stereotypes is not that they are untrue, but that they are incomplete. They make one story become the only story. Of course Africa is a continent full of catastrophes. There are immense ones, such as the horrific rapes in Congo. And depressing ones, such as the fact that five thousand people apply for one job vacancy in Nigeria. But there are other stories, that are not about catastrophe. And it is very important, it is just as important, to talk about them.

equivocadas. Dito de outra forma, entender que os estereótipos são distorções equivale a vê-los como uma espécie de nuvem de fumaça que impede o acesso à realidade, mas que, ainda que fique impregnada por algum tempo aos objetos, poderá ser afastada (BIROLI, 2011, p.76).

Ainda que funcionem no sentido de corroborar certos aspectos de diferentes grupos sociais, é preciso ter em mente que os estereótipos não têm a capacidade de atingir uma realidade que é inteiramente ou suficientemente verdadeira. Pois, o que ocorre na verdade é a produção de uma experiência que, ao funcionar como um mecanismo de interpelação de indivíduos, consequentemente produz uma realidade aparente que, ao ser verificada e confirmada em certas ocasiões e além disso potencializadas pelos estereótipos, acabam passando a impressão de que representam uma realidade total e absoluta.

Não há, portanto, uma distinção entre as deformações de sentido que os estereótipos produzem e as referências que cada pessoa adquire de suas relações sociais e que resultam na sua maneira de organizar, enxergar e agir sobre determinados contextos. O que existe são conflitos ou tensões e deve-se analisá-los como parte de uma certa continuidade ou de uma complementaridade entre as interações sociais adquiridas ao longo da vida: os padrões que são criados social e culturalmente pelos ditos *regimes* e *efeitos de verdade* foucaultianos e que acabamos mentalizando e incorporando, fazem com que certos comportamentos sejam enquadrados sob o esquema de imagens estereotipadas.

Sendo assim, inúmeros são os fatores que contribuem para a formação de estereótipos como, por exemplo, as pessoas com quem convivemos e os locais que frequentamos; eles encontram-se presentes em diferentes segmentos de nossa vida social. Porém, é preciso destacar o fato de que essas representações padronizadas que criamos acerca de certas questões, também encontram-se fortemente reproduzidas nos meios de comunicação de massa.

as crenças compartilhadas (estereótipos) e suas mobilizações positivas e negativas são, supostamente, em um plano interindividual transmitidas e reforçadas pelos grupos de referência dos indivíduos (família, amigos, escola, entre outros); enquanto numa perspectiva mais ampla elas seriam difundidas pelos meios de comunicação, ou seja, pelos produtos discursivos da cultura da mídia [...], levando à constituição lenta e inexorável do que poderia ser denominado de repertório coletivo dos estereótipos (PEREIRA *apud* LEITE *In* BATISTA & LEITE, 2011, p.225).

Quando pensamos no contexto da pós-modernidade, em que a prática jornalística, por meio de constantes avanços técnicos, se encontra cada vez mais inserida numa lógica de consumo e, consequentemente, a informação acaba ganhando status de mercadoria, não

são raros os casos em que se percebe a reprodução de diversos estereótipos. Pois se por um lado o desenvolvimento de novas tecnologias ampliou consideravelmente o número de informações veiculadas nos meios de comunicação de massa, por outro lado é notável que, no que toca a questão da qualidade, a percepção já não é mais a mesma.

É preciso pensar nos estereótipos não como sendo, necessariamente, um retrato falso ou irreal de um determinado tema, mas como um conjunto de características superficiais, que em meio a um fluxo de notícias incessante e cada vez maior, acabam virando uma espécie de atalho para que se chegue ao objetivo principal — nesse caso, a produção de notícias — de maneira mais rápida, rentável e eficaz. Dessa forma, conscientemente ou não, são produzidos certos julgamentos a partir de uma concepção pré-estabelecida, que passam uma sensação de aproximação com o que nos é apresentado e que, baseada em referências prévias, orientam a forma como se olha e se encara aquilo com o que nos deparamos.

Nesse sentido, o que acontece, portanto, é uma descaracterização ou uma diminuição da complexidade na maneira como é feita a leitura acerca de uma situação, o que é de grande importância para que se chegue a um verdadeiro conhecimento daquilo com o que entramos em contato. Resultando, assim, em reflexões extremamente previsíveis e redundantes, que pela falta de uma maior profundidade no momento de análise e apuração, acabam definindo e explicitando visões pouco elaboradas de comportamentos e relações, enfim, de um contexto específico.

De tal modo que a mídia tradicional acaba se tornando uma das principais ferramentas através da qual ocorre a propagação de uma impressão homogênea e uniforme, que em muitos casos não condiz com a total realidade dos fatos abordados ou condiz apenas com aquilo que interessa dessa realidade “fatiada”. E uma vez que os meios de comunicação tradicionais são ainda os grandes detentores dos instrumentos de difusão das informações, muitas vezes as generalizações e representações simplistas produzidas sobre um determinado acontecimento acabam fazendo com que essa abordagem seja percebida por aqueles a quem ela se dirige como uma verdade acerca de um dado tema.

E uma vez que na contemporaneidade as formas de interação e de sociabilidade dos indivíduos se encontram cada vez mais imersas e conseqüentemente reguladas pela mídia — *bios virtual* — percebe-se que ao difundir certos estereótipos, ela desempenha um papel fundamental e atua diretamente não só na construção de visões de mundo reducionistas, mas também na naturalização das mesmas, fazendo com que essas visões se sobressaíam

em detrimento — ou na ausência — de outras, que são tão importantes quanto as que são disseminadas.

Os estudiosos no campo da comunicação já há muito tempo apontam que os meios de comunicação não se colocam como um espelho da sociedade, mas como um espaço onde se elaboram, se negociam e se difundem os discursos, os valores e as identidades. É o espaço do comum mediático, ou seja, o espaço por onde circulam as representações que fundamentam o imaginário social, mas também por onde se manifestam e circulam os valores e os interesses da estrutura social. Um espaço datado no tempo histórico, mas que tem, na atualidade e no uso generalizado de ferramentas e dispositivos técnicos, motivação que muitos agregam para se denominar a própria sociedade, não só como mediatizada, mas de uma sociedade cuja centralidade estaria hoje na comunicação (SOUSA *In* BATISTA & LEITE, 2011, p.7).

É certo que os meios de comunicação de massa possuem uma grande capacidade de atuar na forma como seu público alvo recebe e interpreta uma determinada realidade que lhes é apresentada. Porém, não se deve apontar na mídia ou nas novas formas de sociabilidade por ela reguladas, a origem dos estereótipos. Mas tendo em vista o grande poder de alcance e de impacto que esses mesmos meios de comunicação possuem, é preciso considerar que eles são atualmente um dos principais responsáveis, se não o principal, pela reprodução desses estereótipos.

Com efeito, é sobre essa estrutura que os estereótipos sociais podem ser edificados, validados, fixados e modificados pelas instâncias de interações sociais dos indivíduos em suas dimensões locais, grupos de referência através da transmissão de informações, observação de comportamento e posterior imitação; e globais, meios de comunicação por meio dos jornais, do rádio, da televisão [...] (LEITE *In* BATISTA & LEITE, 2011, p.226).

Ao disseminarem para uma enorme quantidade de pessoas representações tão simplistas, o discurso da mídia muitas vezes acaba se tornando o referencial de compreensão acerca de uma categoria e consequentemente contribui para a permanência das mesmas. E em uma sociedade espetacularizada na qual nossa relação com o mundo é cada vez mais influenciada e mediada por imagens, onde as relações pessoais se encontram ainda mais mediatizadas e as práticas jornalísticas difundidas em proporções industriais, nos encontramos em meio a um panorama extremamente favorável para a perpetuação dos estereótipos em diversos sentidos.

Pois muitos dos estereótipos dizem respeito a uma realidade que não nos é próxima e, por esse fato, a única maneira pela qual é possível termos contato com certos grupos de indivíduos ou com certos acontecimentos é, justamente, através dos meios de

comunicação, sejam eles quais forem. E, dessa forma, ainda que existam outras perspectivas ou outros modelos de interação em nossa sociedade, muitas vezes não nos parece ser possível fazer tal constatação. E, assim, como num ciclo vicioso, acabamos nos orientando pela mídia e retornando à própria mídia para entrar em contato com questões que não nos são próximas.

a reprodução dos estereótipos corresponde à naturalização de características e competências. [...] Os meios de comunicação participam desse processo de naturalização dos pertencimentos e das exclusões. A centralidade dos meios de comunicação nas sociedades contemporâneas está relacionada ao fato de que nossa experiência é hoje, em grande parte, mediada por aparatos técnicos que difundem conteúdos de forma massiva. O acesso a informações sobre eventos que não presenciamos e o compartilhamento de referências entre indivíduos que se desconhecem – mas que têm acesso aos mesmos conteúdos midiáticos – estão no centro da experiência social contemporânea (BIROLI, 2011, p.86).

Não se deve ser leviano ou cair no extremismo de considerar que os meios de comunicação como um todo, por meio das informações que veiculam, dirigem-se, sem exceções, para uma mesma e única forma de compreensão sobre diferentes acontecimentos ou que, por meio dos conteúdos que transmitem, sempre tendem a compartilhar um entendimento restrito a respeito de algo. Não se pode achar também que o impacto daquilo que veiculam será igual no público a quem ele se dirige. Mas não se pode negar a força e a importância que os meios de comunicação exercem na propagação das muitas conceituações de mundo partilhadas e predominantes em nossa sociedade.

Por mais que não se deva achar que as abordagens dos meios de comunicação caracterizam-se exclusivamente por sua homogeneidade e uniformidade, ou que a forma como o público as recebe seja de inteira passividade, muitas vezes o que se constata é justamente o contrário. Diante disso, no contexto em que nos encontramos, em que somos frequentemente bombardeados por inúmeros estímulos e por uma quantidade exacerbatante de informações que carecem de sentido, fica cada vez mais difícil se chegar ao verdadeiro conhecimento de um fato, fazendo com que se torne comum a circulação e a reprodução sistemática de um mesmo discurso — ou ainda, segundo a autora Chimamanda Adichie, de uma história única — relativo a uma determinada questão.

Mas, parece-nos inegável que, quando tratamos da imprensa construída para atingir um grande público e com forte caráter comercial, suas ferramentas de convencimento acabam por reproduzir imagens já esperadas pelo público [...], em um movimento de concordância e sedimentação de crenças e olhares, ou seja, em um duplo sentido, os *mass media* refletem e projetam as representações recorrentes de um grupo sobre um determinado objeto ou assunto, ao mesmo tempo em que se

confundem com o próprio imaginário coletivo, revelando os mecanismos de invenção da memória coletiva (OLIVA, 2008, p.150).

Pensando ainda na prática jornalística, é interessante tocar em um outro ponto que também é importante nessa dinâmica de produção e reprodução dos estereótipos e que diz respeito à própria figura dos jornalistas, que são os responsáveis por produzir aquilo que é veiculado. Pois, assim como qualquer outra pessoa, eles também possuem suas referências prévias, fruto de seu convívio social e de suas experiências e, conseqüentemente, também têm interiorizados certos estereótipos em relação a determinados assuntos ou até mesmo com relação a si próprios.

E quando essa questão se junta à lógica vigente no fazer jornalístico atualmente, isto é, de uma produção incessante de notícias, que devem estar de acordo com as necessidades de um mercado voraz e condizentes com as famigeradas linhas editoriais, o que se tem de resultado são recortes que em muitos casos não refletem ou não condizem com a complexidade de um determinado acontecimento. Mas que diante de tal panorama, se caracterizam por serem extremamente eficazes. "Os fatos ganham saliência em uma causalidade e segundo definições e valorações cristalizadas. [...] É nesse sentido que os estereótipos são peça-chave para que essas narrativas cristalizadas tenham eficácia." (BIROLI, 2011, p.90).

A seleção das temáticas presentes no noticiário envolve, assim, o recurso a narrativas por meio das quais essas temáticas fazem sentido. É razoável, por tudo que foi dito anteriormente sobre estereótipos e enquadramentos, que essas narrativas atendam a padrões simplificadores e que estes, por sua vez, envolvam rotulações e distinções. Isso está menos relacionado a formas de manipulação ou distorção estrategicamente impetradas do que aos discursos e estereótipos "disponíveis" — que ganham peso e legitimidade em uma configuração específica das relações de poder e das práticas jornalísticas, em um dado contexto (BIROLI, 2011, p. 90-91).

E uma vez que "as narrativas que conferem sentido aos temas e personagens ancoram-se significativamente nos estereótipos vigentes" (BIROLI, 2011, p. 91):

Pode-se assumir que existe uma espécie de "memória compartilhada" entre os jornalistas, que é produto de suas práticas, de sua ética e de sua posição objetiva em relação a outros campos. Ela os leva a dar maior atenção a determinados atributos, a destacar alguns aspectos do comportamento dos atores em detrimento de outros, a estabelecer correlações previsíveis entre o evento abordado e outros eventos (em esferas variadas), assim como a definir de maneira relativamente estável os ângulos em que as imagens são produzidas. E parte importante dessa dinâmica consiste na evocação de imagens-típicas para construir narrativas que funcionam como atalhos cognitivos para uma realidade que é complexa (BIROLI, 2011, p. 91-92).

Diante de tudo isso, quando deslocamos essa questão para o que diz respeito ao continente africano, o cenário se demonstra muito semelhante. Quando pensamos na África, as primeiras imagens que nos vêm à cabeça normalmente estão relacionadas às cenas de guerras e desordem, de miséria, fome, de um continente primitivo, e quando não, estão relacionadas ao aspecto exótico de sua natureza. É vista, portanto, como "exótica, terra selvagem, como selvagem são os animais e pessoas que nela habitam: miseráveis, desumanos, que se destroem em sucessivas guerras fratricidas, seres irracionais em meio aos quais assolam doenças devastadoras. Enfim, desumana" (ZAMPARONI *apud* OLIVA, 2008, p.147). Essas imagens parecem apontar também para uma espécie de imaginário que se criou ao longo da história acerca do continente africano e que sem dúvida alguma se encaixam numa visão estereotipada que temos acerca desse continente.

É claro que esse imaginário que se tem do continente africano não é algo recente. Essa forma de olhar para a África, como dito anteriormente, vêm sendo construída ao longo da história e não se pode dizer que os meios de comunicação seriam os responsáveis pela criação de tal imagem. A escola e os livros desempenham papel fundamental nesse aspecto, já que normalmente quando se fala de África, somos ensinados e consequentemente acostumados, desde a infância, à relacionar a história do continente à assuntos como o tráfico de escravos ou a colonização europeia, por exemplo.

Na balança que permite a visualização dos componentes que participam da formação do imaginário coletivo brasileiro acerca dos africanos, a imprensa — escrita e televisiva — contribuiu, e ainda contribui, de forma decisiva, para a veiculação e a vinculação da África às imagens das tragédias e dos conflitos. Já no outro peso dessa balança, na escola, pouco tem sido feito para se desarticular ou desconstruir esse imaginário (OLIVA, 2008, p.147).

Muito do que aprendemos a seu respeito remete a abordagens superficiais e a generalizações, que acabam resultando em uma visão negativa ou pessimista. E dessa forma, criamos desde muito cedo uma visão extremamente estereotipada sobre a África e que muitas vezes não nos permite enxergar o continente em sua real complexidade e diversidade. No entanto, no contexto atual, em que as relações encontram-se cada vez mais reguladas pelos meios de comunicação, especialmente as que dizem respeito à uma realidade distante da nossa, a mídia tradicional acaba desempenhando função primordial, ao reproduzir e, consequentemente, potencializar a naturalização de apenas um lado da história.

nossa postura mental referente à África é influenciada pelos desconhecimentos, pelos estereótipos e pelos tecidos históricos

relacionais, compartilhados com a África e construídos em um longo, médio ou curto espaço de tempo. Neste caso, seria justo observar o papel desempenhado pela imprensa [...] na formulação e na perpetuação desse conjunto de imagens, seja acerca de um certo tema/objeto — a África — ou das referências que carregamos sobre heterogêneos e multifacetados grupos de pessoas — os africanos (OLIVA, 2008, p.142).

A partir do momento em que a forma como vemos o mundo atualmente passa pela mediação dos meios de comunicação, é inegável que a forma como compreendemos e interpretamos certos acontecimentos passará sistematicamente pela própria mídia. E dado o frenesi pelo qual a atividade jornalística vem constantemente sendo influenciada, em que as notícias são cada vez mais descartáveis, o que se tem é o entendimento, não raro, equivocado de uma realidade. Cujo o embasamento se dá através da reprodução de uma visão construída em cima de estereótipos, e que são assim incapazes de transmitir um conhecimento aprofundado sobre certos assuntos.

O estereótipo não é uma simplificação porque é uma falsa representação de uma dada realidade. É uma simplificação porque é uma forma presa, fixa, de representação que, ao negar o jogo da diferença (que a negação através do Outro permite), constitui um problema para a *representação* do sujeito em significações de relações psíquicas e sociais (BHABHA *apud* LEITE In BATISTA & LEITE, 2011, p.227).

E isso em muito se relaciona com o caso que aqui interessa, que é o do continente africano. Pois as imagens que estamos habituados a receber sobre a África, normalmente possuem um enquadramento que de tanto se repetirem acabam apenas reforçando a noção negativa que temos sobre a mesma. De tal maneira que "o continente africano é ainda apresentado como o símbolo do fracasso da humanidade. Suas características principais reúnem universos isolados, povos bárbaros, governantes corruptos e genocidas, doenças, tragédias e flagelos" (OLIVA, 2008, p.176-177).

É claro que não se pode negar — como bem pondera Chimamanda em seu discurso — que essas mazelas não estejam de fato presentes no continente e é claro, também, que é necessário que se evidencie todas elas. Porém, não podemos achar que a história da África e dos próprios africanos se resume única e exclusivamente a esse aspecto trágico e pessimista. O objetivo aqui não é, de modo algum, tapar os olhos para essas questões, que são certamente de extrema importância e seriedade, muito menos afirmar que "algumas das realidades descritas não existam ou não tenham caracterizado certas regiões ou experiências africanas" (OLIVA, 2008, p.177). O que se quer aqui é mostrar que "resumir a África e a sua história a tais mecanismos explicativos é um perigoso equívoco intelectual e analítico" (OLIVA, 2008, p.177).

Nesse sentido, quando pensamos novamente no campo jornalístico, percebe-se que os meios de comunicação tradicionais são ainda os principais donos dos mecanismos que permitem um maior alcance em termos de público, o que consequentemente faz com que seus discursos sejam ainda os de maior circulação em nossa sociedade. E detentores desse poder, são eles que muitas vezes definem e atribuem, através desses discursos, realidades que muitas vezes — devido a fatores condicionantes e limitadores do fazer jornalístico — não são constatadas em sua integridade e que contribuem para imprimir e reforçar estereótipos. Como é o caso, por exemplo, do continente africano.

Mas ainda assim, é preciso que se reconheça também que está havendo de fato uma mudança nesse panorama, ainda que seja um fenômeno recente, e que esteja começando a ganhar corpo. É preciso chamar atenção para o fato de que novos espaços têm surgido, novos caminhos vêm sendo traçados através das chamadas mídias alternativas. Por meio de novas visões, de novas formas de produzir e pensar as práticas jornalísticas, elas se apresentam como rotas de fuga e passam a ocupar as brechas deixadas pelos meios de comunicação tradicionais.

Como é o caso do *site Por Dentro da África*, que a partir de olhares e de perspectivas diferentes das do senso comum, tem procurado desmistificar o imaginário e romper com os estereótipos criados ao longo da história e intensificados nos dias atuais pelos *mass media*, que contribuem para a permanência da história única acerca do continente africano. Através de matérias que contribuam para mostrar outras realidades da África, que não estejam relacionadas a crises humanitárias ou à tragédias.

4. AJUSTANDO O FOCO

Neste último capítulo, o objetivo é trazer exemplos de matérias que demonstrem uma África muito além da que estamos acostumados a ver nos meios de comunicação tradicionais. A partir de temas como Ciência, Cultura e Política, selecionados de acordo com as seções do *site Por Dentro da África*, o que se quer aqui é apresentar histórias que não reforcem a percepção negativa que temos do continente e do povo africano, mas que proponham um novo olhar sobre a África; que nos permitam, portanto, enxergar suas diferentes tonalidades. Assim, ressaltamos como o projeto da jornalista Natalia da Luz trabalha para desconstruir esse imaginário pessimista e cristalizado acerca do continente africano e como ele de fato se apresenta como uma alternativa a um discurso único.

4.1. Ciência

A primeira matéria selecionada *Legalização do aborto em Moçambique: "A nova lei visa a assegurar os direitos sexuais e reprodutivos"*, diz ativista, de 14 de Abril de 2015, fala a respeito da aprovação da lei que legalizou o aborto em Moçambique e fez com que o país se tornasse o quarto do continente africano — depois de Cabo Verde, África do Sul e Tunísia — a conceder o direito às mulheres de realizarem o aborto até a 12ª semana de gestação.

A decisão ocorreu após longo debate entre organizações feministas na busca por reduzir a mortalidade das mulheres. Por ano, pelo menos, 11% das mulheres que se submetem ao aborto morrem devido às complicações causadas pela interrupção da gravidez em centros clandestinos, de acordo com dados de ONGs de saúde que atuam no país (POR DENTRO DA ÁFRICA, 14/04/2015)³¹.

Segundo o texto, em dezembro do ano de 2014, o então presidente de Moçambique, Armando Guebuza, publicou oficialmente o novo Código Penal do país, no qual foi liberada a interrupção voluntária da gravidez. A matéria destaca ainda que essa importante conquista foi resultado de uma parceria entre o movimento feminista do país e de médicos como, por exemplo, o diretor do hospital central, Mário Machungo, e Fernanda Machungo, autora de diversos estudos a respeito do aborto clandestino e suas consequências para a saúde das mulheres de Moçambique.

Essas pesquisas foram aliadas fortes para que o movimento de mulheres tivesse conhecimento de causa. Rosalina, vice-presidente do Movimento Feminista Jovem de Moçambique e comunicadora da Marcha Mundial das Mulheres em Moçambique, conta que a maioria da população ainda

³¹Disponível em: <http://www.pordentrodafrica.com/ciencia/legalizacao-do-aborto-em-mocambique-a-nova-lei-visa-assegurar-os-direitos-sexuais-e-reprodutivos-diz-ativista>. Último acesso: 09/06/2017.

recorre aos hospitais de referência para ter acesso ao aborto seguro dentro das 12 semanas (POR DENTRO DA ÁFRICA, 14/04/2015)³².

Para a ativista moçambicana Rosalina Nhachote, entrevistada pelo site, há ainda um longo caminho a ser percorrido para que o código penal e a questão dos direitos sexuais e reprodutivos sejam debatidos e encarados como direitos humanos. Segundo ela, "em Moçambique, é importante realçar o papel desempenhado pela rede de direitos sexuais e reprodutivos nesta luta, que inclui organizações da sociedade civil. Esta rede trabalhou bastante para influenciar mudanças no Código Penal" (POR DENTRO DA ÁFRICA, 14/04/2015)³³.

Ela destaca ainda que por ser recente, esse novo Código Penal precisa ser trabalhado e melhor desenvolvido para que haja um acesso mais seguro e mais facilitado por parte da população feminina. Outro ponto levantado por Rosalina é o fato de que falar sobre aborto no país continua sendo um tabu. A forte influência da religião acaba prejudicando as discussões e os debates acerca do tema.

Ainda é tabu, uma vez que o Código Penal ainda não foi popularizado e a população das zonas rurais, majoritariamente analfabeta, recorre aos meios inseguros com base em conhecimentos locais (plantas, raízes e outros produtos). Com certeza, essa nova lei pode influenciar, tendo em conta os direitos sexuais e reprodutivos — disse Rosalina. (POR DENTRO DA ÁFRICA, 14/04/2015)³⁴.

Mesmo assim, Rosalina acredita que a nova lei em Moçambique representa uma grande vitória não só por ser um progresso em termos de direitos humanos, mas também pelo fato de a legalização do aborto significar um avanço no sentido de conscientizar as futuras gerações do país. Mostrando o quanto é importante e necessário que o Estado exerça o seu papel de garantir a prestação e o acesso a serviços fundamentais para a população. E para concluir, a matéria apresenta o caso da África do Sul, como um dos principais e melhores exemplos quando o assunto é aborto (diferentemente do Brasil, por exemplo). A constituição do país, do ano de 1996, é considerada a mais avançada do continente africano e ela concede às mulheres o direito de realizarem o aborto.

A partir de 1996, a lei (*Choice on Termination of Pregnancy – número 92 de 12 de novembro de 1996*) deu às mulheres sul-africanas o direito de escolher pela interrupção da gravidez. Ela ratifica os direitos de cada um sobre decisões reprodutivas e determina que homens e mulheres devem

³²Disponível em: <http://www.pordentrodaafrica.com/ciencia/legalizacao-do-aborto-em-mocambique-a-nova-lei-visa-assegurar-os-direitos-sexuais-e-reprodutivos-diz-ativista>. Último acesso: 09/06/2017.

³³Id.Ib.

³⁴Id.Ib.

ter acesso a procedimentos seguros e eficazes (POR DENTRO DA ÁFRICA, 14/04/2015)³⁵.

Não só isso, pois, de acordo a matéria, caso as gestantes não tenham condições financeiras para arcar com o procedimento, é possível realizá-lo de maneira gratuita. Já aquelas que tiverem a possibilidade de custear os gastos, contam com diversas clínicas particulares que são autorizadas a realizarem o serviço. E devido a isso

A África do Sul está no grupo dos países com as leis mais liberais sobre o tema, ao lado da França, Alemanha, Grécia, Bélgica, Itália, Espanha, Inglaterra, Estados Unidos, México, Canadá e Austrália. O Brasil está no grupo das legislações mais conservadoras, ao lado de Senegal, Iraque, Palestina, Iêmen e El Salvador. (POR DENTRO DA ÁFRICA, 14/04/2015)³⁶.

Já a matéria "*Criamos a primeira impressora africana 3D a partir da reciclagem*", diz inventor do Togo, de 4 de Novembro de 2013, fala sobre o caso do geógrafo Afate Gnikou, de 34 anos, que a partir de alguns materiais retirados de um lixão em Lomé, capital do Togo, conseguiu construir uma impressora 3D, a primeira feita apenas com objetos reciclados no continente africano.

Esta máquina pode imprimir um monte de coisas como utensílios de cozinha, brinquedos de plástico, ferramentas para artesãos e próteses para hospitais. É a primeira impressora africana obtida a partir da reciclagem e, simultaneamente, uma solução na luta contra a poluição — disse, em entrevista exclusiva ao Por dentro da África, Afate Gnikou (POR DENTRO DA ÁFRICA, 04/11/2013)³⁷.

Um ponto interessante e que vale a pena ser destacado é que logo de início a matéria aponta para fato de que

O estereótipo de um continente "atrasado" vai de encontro ao desenvolvimento e às pesquisas de africanos que avançam fazendo uso das alternativas e possibilidades de que dispõem, como Afate, que resgata peças do lixo eletrônico lançado pelos países de "Primeiro Mundo" na costa ocidental da África (POR DENTRO DA ÁFRICA, 04/11/2013)³⁸.

De acordo com a matéria, Afate começou a produzir a impressora no início do ano de 2013, em uma oficina de montagem na cidade de Lomé, a maior cidade do Togo, país que conta com uma população de aproximadamente sete milhões de pessoas e que faz fronteira com países como Benin, Gana e Burkina Faso. Sua inspiração veio de um modelo

³⁵ Disponível em: <http://www.pordentrodaafrica.com/ciencia/legalizacao-do-aborto-em-mocambique-a-nova-lei-visa-assegurar-os-direitos-sexuais-e-reprodutivos-diz-ativista>. Último acesso: 09/06/2017.

³⁶Id. Ib.

³⁷Disponível em: <http://www.pordentrodaafrica.com/ciencia/criamos-a-primeira-impressora-africana-3d-a-partir-da-reciclagem-e-uma-solucao-contra-a-poluicao-diz-inventor-do-togo>. Último acesso: 09/06/2017.

³⁸Id. Ib.

de impressora chamado *Prusa Mendel*, muito popular nos Estados Unidos e na Europa, que, na edição de 2012 de um encontro de Arquitetura e Tecnologias realizado no Togo, chamado "ARCHICAMP", ele teve a oportunidade de montar. E assim, "diante do seu desejo e da ausência de matéria-prima para uma *Prusa Mendel*, Afate se perguntou: '*Por que não fazer uma impressora 3D com outros materiais?*' Então, ele recolheu alguns itens e complementou a sua criação" (POR DENTRO DA ÁFRICA, 04/11/2013)³⁹.

O número de impressoras que podemos fazer com o lixo é ilimitado. Há uma grande quantidade de resíduos de computadores em Lomé que chegam diariamente... As máquinas que não funcionam são lançadas nos depósitos, e outras são rejeitadas depois de sua utilização. Portanto, é no lixo eletrônico que vou pegar minhas peças — contou Afate. (POR DENTRO DA ÁFRICA, 04/11/2013)⁴⁰.

Para que ele pudesse concluir seu projeto foi preciso contar com a ajuda de uma campanha de arrecadação de fundos realizada em uma plataforma *online*. Dessa forma, através de doações de diferentes locais do mundo, ele conseguiu financiar a parte final do projeto de sua máquina, que foi batizada de *W.afate*.

Os recursos (cerca de 4 mil euros) foram utilizados para comprar cartões eletrônicos que constituem o cérebro da máquina e para trazer da França um especialista em 3D, que nos ensinou muitas coisas. Após a saída dele, eu continuei a desenvolver a máquina e, finalmente, terminei! — contou Afate ao portal (POR DENTRO DA ÁFRICA, 04/11/2013)⁴¹.

Para o togolês, seu modelo de impressora se diferencia das demais justamente pelo fato dela ser produzida a partir das sobras de outras impressoras, o que faz com que ao mesmo tempo ela seja uma iniciativa pioneira, por resultar de um processo de reciclagem, e também porque se apresenta como uma ferramenta ou como uma solução promissora no combate à poluição. E justamente por acreditar que sua criação pode promover melhorias na vida dos africanos, Afate faz questão de salientar que seu produto não é patenteado e que os desenhos de fabricação encontram-se disponíveis na internet. E segundo a matéria

A versão togolesa foi projetada para atender às preocupações africanas. Nesse sentido, ela abraça o projeto chamado "*3D.print Internet África Cafés*" com objetivo de equipar os cafés de impressora 3D, dando aos clientes a oportunidade de baixar e imprimir objetos em modo real. [...] De acordo com Afate, durante a montagem da impressora, não há necessidade de conhecimento técnico. O usuário precisa apenas seguir as instruções da colocação dos cartuchos ou do material, abrir um programa

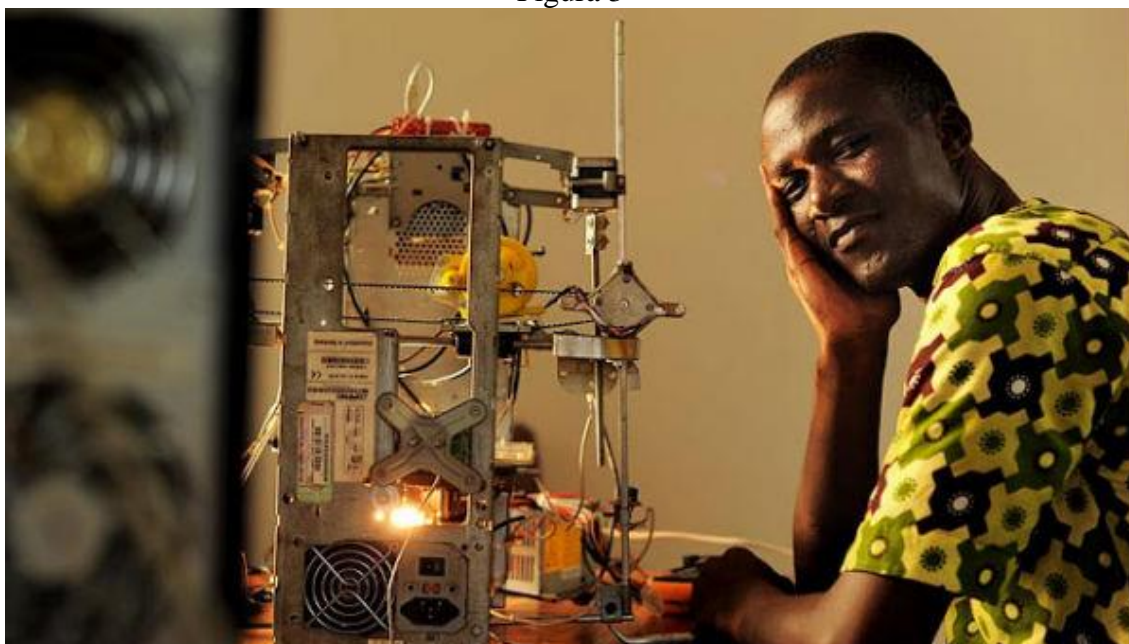
³⁹Disponível em: <http://www.pordentrodaafrica.com/ciencia/criamos-a-primeira-impressora-africana-3d-a-partir-da-reciclagem-e-uma-solucao-contra-a-poluicao-diz-inventor-do-togo>. Último acesso: 09/06/2017.

⁴⁰Id. Ib.

⁴¹Id. Ib.

compatível e mandar para a impressora, exatamente como é feito para imagens e texto (POR DENTRO DA ÁFRICA, 04/11/2013)⁴².

Figura 3



Afate Gnikou em seu laboratório com a impressora 3D.

Fonte: <http://www.pordentrodaafrica.com/ciencia/criamos-a-primeira-impressora-africana-3d-a-partir-da-reciclagem-e-uma-solucao-contr-a-poluicao-diz-inventor-do-togo>. Último acesso: 09/06/2017.

Para Afate, tecnologias como as impressoras 3D dão esperança para os africanos no sentido de possibilitarem a criação de coisas das quais eles precisam e que conseqüentemente alteram as formas de produção já existentes. Ele acredita também que ao perceberem oportunidades como essa, os africanos produzem suas próprias estratégias para que consigam materializar o desejo de desenvolver algo.

Todo mundo pode fazer a sua própria impressora. Assim, deixamos de depender das grandes indústrias, mudamos o método de fabricação e buscamos um impacto positivo em nosso desenvolvimento. Esperamos que as pessoas apoiem o W.Afate: a primeira impressora 3D feita na África! [...] Não somos mais escravos de grandes indústrias que produzem coisas em série. A impressora 3D vai ajudar estudantes africanos a colocarem a teoria em prática, com a criação de objetos reais que são caros e difíceis de encontrar... Desta forma, a África deixará de ser condenada a consumir e se tornará produtora — afirmou ele (POR DENTRO DA ÁFRICA, 04/11/2013)⁴³.

A matéria termina apontando para o fato de que exemplos como os de Afate são importantes para os países e para o continente africano, uma vez que casos de sucesso nas

⁴²Disponível em: <http://www.pordentrodaafrica.com/ciencia/criamos-a-primeira-impressora-africana-3d-a-partir-da-reciclagem-e-uma-solucao-contr-a-poluicao-diz-inventor-do-togo>. Último acesso: 09/06/2017.

⁴³Id. Ib.

novas tecnologias, assim como na política e na democracia, também são muito importantes para que a África venha a assumir uma condição de maior destaque em uma escala global.

Por último, a matéria *Africanos em prol da ciência: Conheça o nigeriano que quebrou recorde acadêmico em universidade do Japão*, do dia 17 de Setembro de 2015, conta a história de Uffy Ufot Ekong, um jovem que com apenas 18 anos se mudou da Nigéria para estudar no Japão, após sua mãe ficar viúva e decidir investir todo seu dinheiro na educação dos filhos, mandando quatro (de sete) deles para estudar no exterior.

[...] ele deixou a Nigéria rumo ao Japão para realizar um sonho. No caminho, descobriu e concretizou outros tantos. Depois de um voo de 23 horas, Uffy Ufot Ekong pegou um trem-bala enquanto ouvia uma língua que não fazia sentido para ele. Em um ano, o idioma estranho já era fluente, o que lhe abriu caminho para conseguir uma bolsa de estudos na Universidade de Tokai, em Tokyo. Não foi apenas isso. O estudante, hoje [2015] com 24 anos, conseguiu solucionar uma equação que estava sem resultado há 30 anos e alcançou a maior nota dos últimos 50 anos da sua universidade (POR DENTRO DA ÁFRICA, 17/09/2015)⁴⁴.

Conforme conta a matéria, foram várias as dificuldades que o nigeriano passou, a falta de dinheiro foi um dos principais problemas que ele teve que enfrentar no Japão. Para se sustentar financeiramente, foi preciso arranjar um emprego. Enquanto não conseguia um local para trabalhar ele resolveu estudar ainda mais a língua do país, até que após inúmeras entrevistas e tentativas, ele conseguiu enfim uma vaga em uma companhia de navegação e outra em um restaurante de *fast food*.

Trabalhei 365 dias, até mesmo no dia de Natal. Em 2009, quando eu ganhei o concurso de oratória em língua japonesa, fui informado de que, se eu completasse a escola de línguas com os melhores resultados, eu teria uma bolsa de estudos! Eu estava motivado. Então, tive que estudar mais para permanecer no topo da classe. Mais uma vez, eu não podia me dar ao luxo de falhar — contou ele em entrevista ao site (POR DENTRO DA ÁFRICA, 17/09/2015)⁴⁵.

Quando questionado sobre a realidade do Japão, Uffy Ufot Ekong diz que acha o país muito organizado e com muitos avanços tecnológicos e vai além, ao dizer que acredita que, um dia, o continente africano como um todo irá atingir o mesmo nível de desenvolvimento do país asiático.

Há algo que o dinheiro não pode comprar, mesmo que tenhamos petróleo, gás e tudo isso. As instituições e as pessoas certas fazendo as coisas certas e nos levando na direção certa é mais importante! Estou certo de

⁴⁴Disponível em: <http://www.pordentrodaafrica.com/ciencia/africanos-em-prol-da-ciencia>. Último acesso: 09/06/2017.

⁴⁵Id. Ib.

que, na próxima década, a África será diferente (POR DENTRO DA ÁFRICA, 17/09/2015)⁴⁶.

E mesmo sofrendo com a discriminação e com o preconceito no Japão, o nigeriano conseguiu manter seu foco. Completando seu curso de japonês em 2010 e se destacando como o melhor aluno da turma, conseguiu uma bolsa de estudos que lhe permitiu iniciar sua graduação em engenharia elétrica. Quando indagado se o fato de ter ganho prêmios em sua universidade contribuiu no combate ao preconceito que sofria, o jovem não demonstrou preocupação com isso.

Algumas pessoas falam bem de você, outras, mal de você... Com os prêmios, eu percebi que quando você é o melhor ou está no topo de tudo o que faz, as pessoas só têm que aceitar e respeitar você! Eu estava sempre cansado demais para me preocupar com essas discussões. No meu segundo ano, eu resolvi uma equação matemática que não tinha sido solucionada por muitos anos. Foi lindo e minhas outras pesquisas foram fazer progresso (POR DENTRO DA ÁFRICA, 17/09/2015)⁴⁷.

Figura 4



Uffy Ufot Ekong.

Fonte: <http://www.pordentrodaafrica.com/ciencia/africanos-em-prol-da-ciencia>. Último acesso: 09/06/2017.

Dentre os pontos abordados pela matéria, certamente o mais importante se dá quando é tratada justamente a questão que diz respeito ao fato de casos como os de Uffy

⁴⁶Disponível em: <http://www.pordentrodaafrica.com/ciencia/africanos-em-prol-da-ciencia>. Último acesso: 09/06/2017.

⁴⁷Id. Ib.

Ufot Ekong não virarem notícia na mídia tradicional. Uma vez que, como destacado na matéria, "em todo o mundo, estudantes africanos estão trabalhando duro e realizando grandes feitos, mas, infelizmente, o espaço na mídia para África ainda é depreciado com relação às notícias sobre inovação no continente" (POR DENTRO DA ÁFRICA, 17/09/2015)⁴⁸.

E ao ser questionado sobre se essa questão de que a veiculação de notícias que mostrassem também coisas boas sobre a África poderia contribuir no sentido de desconstruir uma visão pessimista e estereotipada que se tem do continente, o nigeriano diz que as "pessoas mudam a mentalidade na medida em que buscam mais esclarecimento. A verdade é que as pessoas não entendem que a mídia é um negócio também! A mídia só mostra o que as pessoas esperam ver ou querer assistir." (POR DENTRO DA ÁFRICA, 17/09/2015).⁴⁹

4.2. Cultura

A matéria *Nollywood: o cinema da Nigéria que criou a sua própria identidade*, do dia 16 de Março de 2013, fala sobre o crescimento da indústria de cinema nigeriana — que junto com *Hollywood* e *Bollywood* (indústria cinematográfica indiana), se destaca como uma das maiores indústrias do mundo — e sobre como ela vem influenciando a produção audiovisual de outros países do continente africano.

Quando uma crise econômica atingiu o país na década de 80 prejudicando a indústria audiovisual, os nigerianos não se abateram. Eles foram em busca de um novo formato de produção e, em 20 anos, se transformaram na segunda maior indústria cinematográfica em produção do mundo, levando ao mercado interno e externo cerca de 200 filmes por mês. De todas as particularidades de *Nollywood*, que é hoje um exemplo para todo o continente africano e para o mundo, a democracia ao acesso é o seu pilar central (POR DENTRO DA ÁFRICA, 16/03/2013)⁵⁰.

Segundo a matéria, apesar de *Hollywood* ter servido de inspiração para o nome, que nasceu no ano de 2002, as motivações de *Nollywood* não são exatamente as mesmas da indústria cinematográfica estadunidense. Sua proposta é abordar, exclusivamente, a Nigéria e o continente africano, fontes de muita diversidade, mostrando de maneira autêntica suas particularidades. E justamente por causa disso, não são produzidos apenas conteúdos em inglês, mas também em diferentes línguas locais como o *yoruba* ou o *igbo*.

⁴⁸Disponível em: <http://www.pordentrodaafrica.com/ciencia/africanos-em-prol-da-ciencia>. Último acesso: 09/06/2017.

⁴⁹Id. Ib.

⁵⁰Disponível em: <http://www.pordentrodaafrica.com/cultura/nollywood-o-cinema-da-africa-que-surpreendeu-o-mundo>. Último acesso: 10/06/2017.

Um fator que faz com que *Nollywood* se diferencie da indústria cinematográfica mundial e que seja um sucesso não só na África como também em outras regiões do mundo como o Caribe, por exemplo, é a relação com a tecnologia empregada. Não é preciso que as pessoas produtoras de conteúdo tenham necessariamente um domínio técnico sobre os equipamentos utilizados, que também não são tão caros ou sofisticados quanto os de outros países. A principal motivação dos cineastas é contar histórias.

"Há muito o que aprender sobre Nollywood, onde filmes que custam aproximadamente US\$15 mil dólares são produzidos em 10 dias e viram grandes *hits*" (POR DENTRO DA ÁFRICA, 16/03/2013)⁵¹. Como relata o professor da *Universidade de Long Island* em Nova Iorque, Jonathan Haynes, entrevistado na matéria e que há décadas se dedica ao estudo do cinema nigeriano: "É um modelo democrático onde é possível produzir. É barato de operar, aproveita as condições econômicas da Nigéria e usa como matéria-prima uma população enorme, cheia de ótimas histórias para contar" (POR DENTRO DA ÁFRICA, 16/03/2013)⁵².

Um ponto destacado na matéria que também se caracteriza como uma particularidade de *Nollywood* é o fato de a produção ser, em sua maioria, voltada para a televisão e para o mercado de *Home Video*, e não para o cinema propriamente dito, como normalmente é feito em grande parte dos países produtores de filmes.

O *start* para *Nollywood* foi seguinte à crise econômica que atingiu em cheio os cinemas nigerianos. [...] as salas [*de cinema*] começaram a fechar, e muitas se tornaram igrejas e outros estabelecimentos. Brevemente, os nigerianos encontraram uma saída que abrangia a produção para a TV e para o vídeo. A demanda para os cinemas estava abalada, mas não a demanda para a TV e para o vídeo-cassete, na época (POR DENTRO DA ÁFRICA, 16/03/2013).⁵³

Como na Nigéria o ingresso do cinema tem um preço muito elevado para sua população — e além disso, de acordo com a matéria, o país possui apenas 12 cinemas multiplex, com quatro salas para exibição —, o DVD acabou se tornando a principal forma pela qual a população consome aquilo que é produzido na indústria cinematográfica e, curiosamente, as ruas acabaram se tornando um dos meios mais efetivos para os produtores divulgarem os seus filmes para o público. "Ainda hoje, a preços acessíveis (cerca de US\$2

⁵¹Disponível em: <http://www.pordentrodaafrica.com/cultura/nollywood-o-cinema-da-africa-que-surpreendeu-o-mundo>. Último acesso: 10/06/2017.

⁵²Id. Ib.

⁵³Id. Ib.

dólares), os filmes são vendidos nas ruas e em locadoras" (POR DENTRO DA ÁFRICA, 16/03/2013)⁵⁴.

Em um país onde a maioria das famílias tem mais aparelhos de DVDs do que refrigeradores, e onde ficar em casa é uma opção mais segura e barata do que sair às ruas para ir ao cinema (cerca de 70% da população vivem com menos de US\$2 dólares por dia e não podem pagar um ingresso de cerca de US\$10 dólares), *Nollywood* cresceu, criou raízes e uma regra: levar os filmes para os mais de 170 milhões de habitantes! (POR DENTRO DA ÁFRICA, 16/03/2013)⁵⁵.

Zeb Ejiro, diretor do filme *Domitilla*, grande sucesso de *Nollywood*, lançado no ano de 1996 e Chris Obi Rapu, diretor da obra *Living in Bondage*, lançado em 1992, são alguns exemplos de nomes conhecidos do cinema nigeriano. O filme deste último é inclusive considerado o primeiro *blockbuster* produzido por *Nollywood* exibido em vídeo e premiado pela Academia Africana de Cinema, além de ter contribuído para a construção da estética da indústria cinematográfica nigeriana.

Já a matéria *Zimbábue: O poder da comunicação com os ancestrais pelo som do mbira* de 21 de Agosto de 2013, fala sobre um instrumento musical chamado *mbira*, que para o povo *shona* no Zimbábue, é peça importante de um ritual cuja função é encorajar, fortalecer e conversar com a alma dos que participam dele. "De acordo com a crença dos *shona*, durante algumas cerimônias, as pessoas evocam os espíritos para responder alguns de seus questionamentos. O som do *mbira* faz com que os convidados entrem em transe para que os espíritos assumam o corpo dos *shonas*" (POR DENTRO DA ÁFRICA, 21/08/2013)⁵⁶.

"Tocamos *mbira* para chamar os nossos ancestrais. Ele é frequentemente usado em cerimônias religiosas, rituais e eventos sociais importantes para a nossa cultura" (POR DENTRO DA ÁFRICA, 21/08/2013)⁵⁷, contou o músico do Zimbábue e líder do grupo *The Black Stars*, Nathan Chakuchichi, entrevistado na matéria, e que vive na cidade de Johannesburgo — junto com os outros membros do grupo, Innocent Mutero, Lucky Thembo e Shack Dick.

[...] o *mbira* é um instrumento de metal que, colocado dentro de um *calabash*, produz um som que vibra, que emociona, que enriquece a música. Sozinho, o *calabash* ou cabaça (frutos de plantas da família

⁵⁴Disponível em: <http://www.pordentrodaafrica.com/cultura/nollywood-o-cinema-da-africa-que-surpreendeu-o-mundo>. Último acesso: 10/06/2017.

⁵⁵Id. Ib.

⁵⁶Disponível em: <http://www.pordentrodaafrica.com/cultura/especial-zimbabue-o-poder-da-comunicacao-com-os-ancestrais-pelo-som-do-mbira>. Último acesso: 10/06/2017.

⁵⁷Id. Ib.

das cucurbitáceas) cria uma variedade de sons de percussão imprescindíveis para as danças tradicionais africanas. Para acompanhar a música, há um guia especial: um chocalho feito de pequenas cabaças e sementes que dão contorno ao ritmo para que o som da *mbira* não fique nem muito rápido, nem muito lento! — contou Nathan ao site (PORDENTRO DA ÁFRICA, 21/08/2013)⁵⁸.

Figura 5



Grupo *The Black Stars* em performance.

Fonte: <http://www.pordentrodafrica.com/cultura/especial-zimbabue-o-poder-da-comunicacao-com-os-ancestrais-pelo-som-do-mbira>. Último acesso: 10/06/2017.

Ainda segundo o músico, existem muitos tipos de *mbira*, e normalmente são compostos "por cerca de 22 a 28 'chaves' construídas a partir de metal quente ou a frio preso a uma base de madeira. O dedo mínimo da mão direita é colocado através de um furo no canto inferior direito da placa de som para que os outros possam ficar livres" (PORDENTRO DA ÁFRICA, 21/08/2013)⁵⁹. Um dos aspectos mais interessantes sobre o instrumento é que ele se destaca por ser inteiramente africano, de tal forma que só pode ser encontrado em locais habitados por africanos e por seus descendentes. E conforme relatado na matéria, um dos grandes responsáveis pela popularização do *mbira* foi o músico zimbabuano Thomas Mapfumo, cujas performances são feitas com esse instrumento.

Thomas é conhecido como "The Lion of Zimbabwe" (O Leão do Zimbábue) e "Mukanya" (o nome do louvor de seu clã na língua *Shona*) por sua imensa popularidade e pelo significado político de suas músicas, que contêm ácidas críticas ao governo do presidente Robert Mugabe. Com o aumento da popularidade do *mbira* na América do Norte,

⁵⁸Disponível em: <http://www.pordentrodafrica.com/cultura/especial-zimbabue-o-poder-da-comunicacao-com-os-ancestrais-pelo-som-do-mbira>. Último acesso: 10/06/2017.

⁵⁹Id. Ib.

Europa e Japão, nas últimas décadas, os fabricantes do Zimbábue ajustaram seus instrumentos de maneira mais uniforme para a exportação (POR DENTRO DA ÁFRICA, 21/08/2013)⁶⁰.

A matéria traz ainda um vídeo no qual o grupo de Nathan Chakuchichi, cujas músicas sempre procuram abordar temas que se inspiram no cenário político e social do Zimbábue, com um olhar esperançoso e positivo, fala um pouco sobre o *mbira* e faz uma apresentação ao vivo com o instrumento. "O nosso som é espiritual. Quando temos um problema, nós tocamos e cantamos. Essa comunicação com os nossos ancestrais nos deixa mais corajosos e mais preparados para enfrentar os obstáculos, que não são poucos" (POR DENTRO DA ÁFRICA, 21/08/2013)⁶¹, contou ele. A matéria termina falando um pouco sobre a história do próprio povo *shona*, para quem o *mbira* é um instrumento sagrado e por quem, mesmo presente em outros países da África, ele é tocado com mais frequência e profissionalismo.

Com cerca de 15 milhões de habitantes, o Zimbábue é um país da África Austral que faz fronteira com a Zâmbia, Moçambique, África do Sul e Botsuana. O povo *shona* (que representa a etnia majoritária do Zimbábue — cerca de 10 milhões) é formado por um grupo de povos de línguas bantas. Eles são conhecidos e respeitados por suas notáveis habilidades com o ferro, cerâmica e música. Na agricultura, o destaque fica para o cultivo do feijão, amendoim, milho, abóboras e batata doce (POR DENTRO DA ÁFRICA, 21/08/2013)⁶².

Por fim, a matéria *As múltiplas influências do jazz na música da África do Sul*, do dia 5 de Outubro de 2016, aborda a relação que a música popular de comunidades negras dos Estados Unidos tem com os diversos estilos musicais oriundos da África do Sul e como ele passou a ser incorporado aos gêneros do país a partir da década de 60 do século passado.

A música sul-africana é o retrato da diversidade cultural de um país que possui 11 línguas oficiais, de múltiplas etnias, estilos, ritmos. Ao longo dos dois últimos séculos, essa riqueza foi moldada e teve um componente especial agregado. Em qualquer canto das cidades sul africanas, é possível escutar o jazz mesclado aos estilos tradicionais (POR DENTRO DA ÁFRICA, 05/10/2016)⁶³.

De acordo com a matéria, estilos como o *marabi*, os corais gospel, o *mbube* e a música *afrikaner* já eram predominantes no início do século XX. Em 1950 essas vertentes

⁶⁰Disponível em: <http://www.pordentrodaafrica.com/cultura/especial-zimbabue-o-poder-da-comunicacao-com-os-ancestrais-pelo-som-do-mbira>. Último acesso: 10/06/2017.

⁶¹Id. Ib.

⁶²Id. Ib.

⁶³Disponível em: <http://www.pordentrodaafrica.com/afrika-do-sul-musica/as-multiplas-influencias-do-jazz-na-musica-da-afrika-do-sul>. Último acesso: 10/06/2017.

mais tradicionais passaram a ganhar um espaço maior nas rádios que contribuíam para estimular a produção das populações nativas. Já na década seguinte, a chegada de novos gêneros como o *soul* e o *jazz*, por exemplo, começou a se popularizar na África do Sul. Além de outros estilos como *reggae* e *rock*, que também vieram a ganhar notoriedade entre os sul africanos.

Entre os nomes destacados na matéria, que foram responsáveis por mesclar o jazz estadunidense com a música sul-africana, estão Miriam Makeba, nascida em 1932 e que

começou sua carreira musical como vocalista no *Manhattan Brothers*, em 1954. Quando ela participou do documentário *antiapartheid 'Come Back, Africa'*, teve o passaporte anulado e passou a viver em exílio nos Estados Unidos, onde gravou “Pata Pata” (sucesso regravado em todo o mundo em diferentes línguas). O seu retorno à África do Sul só aconteceu em 1980, ainda durante o *apartheid* (POR DENTRO DA ÁFRICA, 05/10/2016)⁶⁴.

Além dela, também são citados Hugh Masekela, trompetista, compositor e vocalista, considerado um dos gigantes do jazz na África do Sul. "Ele começou a carreira tocando na banda Epístolas, em 1950. No período do *apartheid* viveu em exílio e, quando retornou para a África do Sul, em 1990, aumentou ainda mais a sua legião de fãs" (POR DENTRO DA ÁFRICA, 05/10/2016)⁶⁵. E também o pianista e compositor Abdullah Ibrahim, que teve igualmente forte influência da vanguarda do jazz dos anos 60.

Após gravar a sua obra-prima, "Manenberg" (a música que também dá nome a uma *township* da Cidade do Cabo), ele conquistou a vaga entre os maiores músicos da África do Sul. O trabalho de Abdullah reflete muitas das influências musicais durante a sua infância em áreas multiculturais da Cidade do Cabo (POR DENTRO DA ÁFRICA, 05/10/2016)⁶⁶.

O texto destaca também que a África do Sul conta com vários festivais realizados todos os anos e que ajudam a manter essa tradição musical tão rica e histórica no país e que proporcionam grandes encontros como, por exemplo, o *Cape Town Internacional Festival*. Conhecido por lá como o " 'Maior Encontro da África', o festival [...] se orgulha de ser o maior evento musical da África Subsaariana. Todos os anos, mais de 40 artistas do continente e de fora dele se apresentam para mais de 40 mil pessoas" (POR DENTRO DA ÁFRICA, 05/10/2016)⁶⁷.

⁶⁴Disponível em: <http://www.pordentrodafrica.com/africa-do-sul-musica/as-multiplas-influencias-do-jazz-na-musica-da-africa-do-sul>. Último acesso: 10/06/2017.

⁶⁵Id. Ib.

⁶⁶Id. Ib.

⁶⁷Disponível em: <http://www.pordentrodafrica.com/africa-do-sul-musica/as-multiplas-influencias-do-jazz-na-musica-da-africa-do-sul>. Último acesso: 10/06/2017.

4.3. Política

A matéria *Guiné-Bissau comemora 42 anos de independência*, publicada no dia 26 de Setembro de 2013 e atualizada em 2015, fala sobre a importância da data de celebração do processo de independência da Guiné-Bissau, país de aproximadamente 1,6 milhão de habitantes, onde cerca de 45% da população é muçulmana e falante de português, fula e mandinga.

Localizada na Costa Ocidental da África e banhada pelo Oceano Atlântico, a Guiné-Bissau foi a primeira colônia portuguesa na África a ter reconhecida a sua independência. Há 42 anos, em 24 de setembro de 1973, uma nova trajetória começava a ser construída para o país (POR DENTRO DA ÁFRICA, 26/09/2015)⁶⁸.

Um dos entrevistados na matéria, o guineense Mamadu Baldé, que veio para o Brasil no ano de 2009 estudar Letras na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), conta que "este dia é um marco na história do meu país. Felizmente, com esta data, passamos a ser os donos do nosso próprio nariz, deixamos de ser escravos dentro do nosso território" (POR DENTRO DA ÁFRICA, 26/09/2015)⁶⁹. Ele conta também que a independência do país só foi reconhecida de fato um ano após a sua conquista, no dia 10 de Setembro de 1974. E de acordo com a matéria:

Nesse período, acontecia na antiga metrópole, a Revolução dos Cravos, um momento da história posterior ao golpe de Estado, de 25 de abril de 1974, que depôs o regime ditatorial do Estado Novo, vigente desde 1933. A derrubada de Marcelo Caetano, sucessor de Antonio Salazar, representava o fim da ditadura. Em quase todas as colônias portuguesas africanas — Moçambique, Angola, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe e Cabo Verde — surgiam movimentos separatistas, que resultariam, em grande parte, nas guerrilhas armadas (POR DENTRO DA ÁFRICA, 26/09/2015)⁷⁰.

O texto traz um pouco da história do país que, antes da chegada dos portugueses, tinha grandes proporções de seu território pertencentes ao reino de Gabu, cuja independência se deu após o declínio do Império Mali (1230-1600).

A colonização teve início em 1558, com a fundação da Vila de Cacheu. A princípio, somente as margens dos rios e o litoral foram exploradas. Mais tarde, no século XIX, os colonizadores partiram para o interior. A Vila de Bissau foi fundada em 1697, como base militar. Posteriormente elevada à cidade, tornou-se a capital

⁶⁸Disponível em: <http://www.pordentrodaafrica.com/cultura/guine-bissau-comemora-41-anos-de-independencia>. Último acesso: 11/06/2017.

⁶⁹Id. Ib.

⁷⁰Id. Ib.

colonial, estatuto que manteve após a independência de Portugal (POR DENTRO DA ÁFRICA, 26/09/2015)⁷¹.

Delmar Lopes, estudante de Arquitetura e Urbanismo na UFRJ, e que também nasceu na Guiné-Bissau, foi outro entrevistado, e ressalta a importância do líder Amílcar Cabral no processo de independência do país. Ele conta que:

em 1956, Amílcar (que estava no exílio na Guiné Conacri) e mais cinco correligionários fundaram o Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC). O PAIGC iniciou a luta armada de guerrilha e consolidou o domínio do território em 1973. No mesmo ano, Amílcar Cabral foi assassinado em Conacri, tendo sido substituído pelo irmão Luís de Almeida Cabral. [...] O nosso povo tem a esperança de que um dia tudo mudará para melhor, e Amílcar sempre estará no nosso coração... Vamos continuar a cantar Guiné-Bissau e (para nós que estamos longe dela) a chorar por ela, lembrando e parabenizando os nossos valentes combatentes que se sacrificaram para que hoje sejamos livres... Viva Amílcar Cabral, o nosso patriota! (POR DENTRO DA ÁFRICA, 26/09/2015)⁷².

Os dois jovens guineenses, como também destaca a matéria, acreditam que a educação é o caminho mais eficiente para um futuro melhor em seu país, onde a "taxa de analfabetismo que, em 1974, era de 95% foi reduzida para 51%, de acordo com o governo" (POR DENTRO DA ÁFRICA, 26/09/2015)⁷³. No entanto, o texto aponta que "apesar do avanço, ainda é preciso mais, muito mais para melhorar o cenário que coloca o país na 176ª posição (dentre 186 nações) no Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), segundo as Nações Unidas" (POR DENTRO DA ÁFRICA, 26/09/2015)⁷⁴. E por esse motivo, Mamadu Baldé acredita que "a prioridade e a maior dificuldade para o nosso desenvolvimento está na educação, nos estudos. É nela que os homens se tornam verdadeiros seres humanos" (POR DENTRO DA ÁFRICA, 26/09/2015)⁷⁵.

Já a matéria *Tatah Mentan: "O povo africano precisa de batismo ideológico pan-africanista"*, publicada no dia 26 de Maio de 2014, fala sobre o processo histórico de independência do continente africano e também sobre a importância do movimento Pan-Africanista para a libertação dos africanos.

Em 25 de maio de 1963, quando a Organização da Unidade Africana foi criada, a celebração foi cercada pelo sentimento de liberdade em meio à sequência de independência vivida em todo o continente

⁷¹Disponível em: <http://www.pordentrodaafrica.com/cultura/guine-bissau-comemora-41-anos-de-independencia>. Último acesso: 11/06/2017.

⁷²Id. Ib.

⁷³Id. Ib.

⁷⁴Id. Ib.

⁷⁵Id. Ib.

e ao sentimento de valorização da cultura, com o movimento Pan-Africanista liderado por Kwame Nkrumah. Hoje, 51 anos depois, esta data conhecida como o Dia da África, é um convite à reflexão sobre a libertação plena da África (POR DENTRO DA ÁFRICA, 26/05/2014)⁷⁶.

O cientista político e pesquisador camaronês Immanuel Tatah Mentan, entrevistado na matéria, e cujo trabalho — que conta com diversos artigos e livros publicados — é focado justamente no movimento pan-africanista, conta que

historicamente, o Dia da Libertação Africana foi criado em abril de 1958 pelo primeiro então presidente de Gana Kwame Nkrumah, na Primeira Conferência dos Estados Independentes Africanos, realizada em Accra, capital de Gana, com a participação de oito Estados africanos livres. Na ocasião, o 15 de abril foi declarado "Dia Africano da Liberdade" para marcar o progresso do movimento de libertação na África e para simbolizar a determinação dos Povos da África contra a dominação estrangeira (POR DENTRO DA ÁFRICA, 26/05/2014)⁷⁷.

A matéria faz também um relato sobre a história do Dia da África e sobre sua importância como parte do Movimento Pan-Africanista Revolucionário, na luta dos países africanos contra o imperialismo da época.

No dia 25 de maio de 1963, 31 chefes africanos foram convocados para fundar a Organização de Unidade Africana (OUA). Nesta cimeira, o Dia Africano da Liberdade foi renomeado Dia da Libertação Africana, e a sua data foi alterada para 25 de maio. Como a OUA foi criada para construir uma estrutura para a unidade de todos os Estados Africanos, o Dia da Libertação Africana foi novamente confirmado como parte do Movimento Pan-Africanista Revolucionário (POR DENTRO DA ÁFRICA, 26/05/2014)⁷⁸.

O ano de 1960 foi de grande importância no processo de independência do continente africano, já que 17 países se tornaram independentes naquele ano. E um dos fatores que mais contribuiu e que foi fundamental para a conquista desses países, foi certamente o Pan-Africanismo. Que como relatado na matéria se trata de

uma ideologia que propõe a união de todos os povos de África e fora de África, entre os descendentes dos escravos africanos que foram levados para as Américas até ao século XIX e dos emigrantes mais recentes. É um movimento político, filosófico e social que promove a defesa dos direitos do povo africano e da unidade do continente no âmbito de um

⁷⁶Disponível em: <http://www.pordentrodaafrica.com/cultura/o-povo-africano-precisa-de-batismo-ideologico-pan-africanista-para-embarcar-na-segunda-onda-de-libertacao-disse-tatah-mentan-2>. Último acesso: 11/06/2017.

⁷⁷Id. Ib.

⁷⁸Id. Ib.

único Estado soberano, para todos os africanos, tanto na África como em diáspora (POR DENTRO DA ÁFRICA, 26/05/2014)⁷⁹.

A matéria destaca também um dos mais importantes nomes do movimento, o ganhês Kwame Nkrumah (1909-1972), que foi um dos fundadores do Pan-Africanismo e uma das grandes lideranças políticas do continente africano nesse período histórico.

Em 1945, ele ajudou a organizar o sexto Congresso Pan-Africano em Manchester, Inglaterra. Depois disso, começou a trabalhar para a descolonização da África. Na independência de Gana, em 1957, Nkrumah foi declarado o *Osagyefo* (líder vitorioso) e primeiro-ministro (POR DENTRO DA ÁFRICA, 26/05/2014)⁸⁰.

E foi justamente Kwame Nkrumah quem convocou a primeira conferência pan-africana realizada em território africano desde o ano de 1900, quando surgiu o movimento — que em Julho daquele ano ocorreu na capital da Inglaterra, Londres. Como relata o professor Immanuel Tatah Mentan:

Em retrospectiva histórica, em 15 de abril de 1958, o Primeiro Congresso dos Estados Africanos Independentes foi convocado em Acra, Gana, por Kwame Nkrumah, primeiro presidente daquele país. Milhares de representantes de organizações revolucionárias em toda a África participaram dessa conferência organizada para marcar o progresso do movimento de libertação na África e para simbolizar a determinação do povo da África (POR DENTRO DA ÁFRICA, 26/05/2014)⁸¹.

A matéria termina com uma fala de Tatah Mentan, na qual ele ressalta a importância da data de comemoração da liberdade da África e também do Movimento Pan-Africanista, não só para o continente, mas para o próprio povo africano.

Na África, foi um dia de unidade e solidariedade. Na arena de educação política, organização e luta, o Dia da Libertação Africana demonstra que os africanos não obtiveram sua libertação integral. África ainda é desunida, e seu povo ainda é vítima de opressão de classe e gênero. Esses africanos nunca irão superar os obstáculos se não se permitirem atingir o Pan-africanismo — ponderou (POR DENTRO DA ÁFRICA, 26/05/2014)⁸².

A última matéria, *Cheick Oumar Sissoko: "Os cineastas devem usar aspectos positivos do passado para construir o futuro do continente"*, de 21 de Junho de 2014, tem como foco a figura do cineasta Cheick Oumar Sissoko e fala sobre sua importância não só para o cinema africano, mas também para a história de seu país de origem, o Mali.

⁷⁹Disponível em: <http://www.pordentrodaafrica.com/cultura/o-povo-africano-precisa-de-batismo-ideologico-pan-africanista-para-embarcar-na-segunda-onda-de-libertacao-disse-tatah-mentan-2>. Último acesso: 11/06/2017.

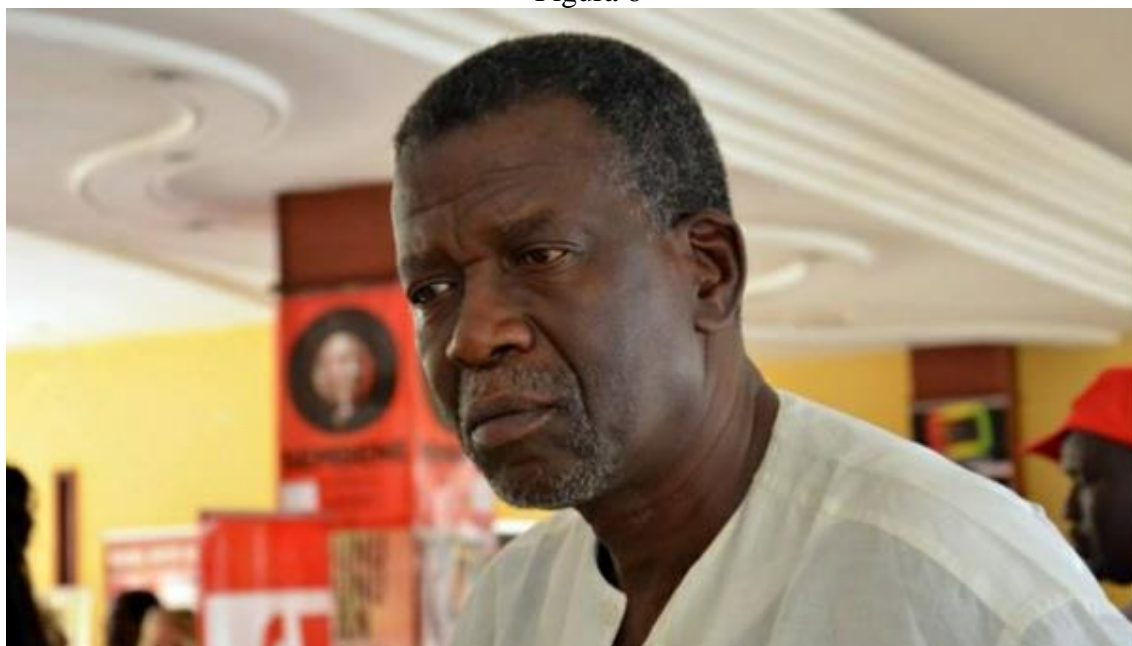
⁸⁰Id. Ib.

⁸¹Id. Ib.

⁸²Id. Ib.

Com mais de 30 anos dedicados ao cinema e ao patrimônio cultural de seu povo, Cheick Oumar Sissoko tem papel fundamental na história contemporânea do Mali e do cinema africano. Renomado cineasta, político e incansável estudioso, ele faz um convite para a reflexão sobre a importância do cinema e clama os cineastas a usarem aspectos positivos do passado africano para construir o futuro do continente (POR DENTRO DA ÁFRICA, 21/06/2014)⁸³.

Figura 6



Cheick Oumar Sissouko.

Fonte: <http://www.pordentrodaafrica.com/cultura/cheick-oumar-sissoko-os-cineastas-devem-usar-aspectos-positivos-passado-para-construir-o-futuro-continente>. Último acesso: 11/06/2017.

Cheick Oumar Sissoko estudou em Paris e se formou em "História e Cinema pela *École des Hautes Études en Sciences Sociales*. Em seu retorno ao Mali, assumiu o *Centre National de la Production Cinématographique* (CNPC), onde dirigiu *Sécheresse et Exode Rural* (Seca e Êxodo Rural)" (POR DENTRO DA ÁFRICA, 21/06/2014)⁸⁴. Alguns dos principais filmes do diretor destacados na matéria são *The Garbage Boys* (*Nyamanton, la leçon des ordures*) de 1986 e *Guimba* (*The Tyrant*), do ano de 1995.

Já no que diz respeito à sua trajetória política, conforme consta na matéria, Cheick Oumar Sissoko fundou em 1996 o *Solidariedade Africano para a Democracia e Independência* (SADI). Em Outubro de 2002, assumiu o cargo de Ministro da Cultura no governo do primeiro-ministro Ahmed Mohamed Hamani, sob qual ele se manteve, inclusive, no governo sucessor de Issoufi Maïga Ousmane. Além disso, assumiu também o

⁸³Disponível em: <http://www.pordentrodaafrica.com/cultura/cheick-oumar-sissoko-os-cineastas-devem-usar-aspectos-positivos-passado-para-construir-o-futuro-continente>. Último acesso: 11/06/2017.

⁸⁴Id. Ib.

cargo de Ministro da Educação Nacional em agosto de 2007. A matéria traz ainda um pouco da história do Império do Mali (1230-1600),

que hoje abrange regiões do Senegal, Costa do Marfim, Gâmbia, Mauritânia, Guiné, Guiné-Bissau, Níger e Mali, foi fundado por Sundiata Keita e se tornou conhecido pela riqueza de seus governantes, especialmente Mansa Musa (1280 - 1337), que embarcou em um grande programa de construção de mesquitas e madressas em Timbuktu e Gao. A Sankore Madrasah ou Universidade de Sankore foi construída durante o seu reinado. No final do século XIV, o Império Songhai ganhou a independência do Império Mali, abrangendo a extremidade oriental deste império. Sua queda foi resultado de uma invasão berbere em 1591(POR DENTRO DA ÁFRICA, 21/06/2014)⁸⁵.

Já durante a época colonial, "Mali ficou sob o controle francês no fim do século XIX. No início de 1959, o Mali e o Senegal se uniram e formaram a Federação do Mali, que conquistou a sua independência em 22 de setembro de 1960" (POR DENTRO DA ÁFRICA, 21/06/2014)⁸⁶. Atualmente,

O Mali faz fronteira com Argélia, Níger, Mauritânia, Senegal, Costa do Marfim, Guiné Conakry e Burkina Faso. Alguns dos seus recursos naturais são ouro, urânio e sal. Independente da França em 1960, o país elegeu Modibo Keita como o seu primeiro presidente, que estabeleceu o unipartidarismo, adotando uma orientação africana independente e socialista, de laços com a União Soviética (POR DENTRO DA ÁFRICA, 21/06/2014)⁸⁷.

Um dos pontos mais importantes da matéria, no entanto, se dá quando o cineasta fala sobre o fato de muitos filmes produzidos no Mali e em outros países africanos colonizados pela França serem franceses. O que para Sissoko é, de certa forma, incoerente:

Eu vivi na França e posso fazer um filme sobre a França, assim como os franceses podem fazer sobre a África, mas não é o mesmo resultado porque eu não tenho a cultura da França em mim, e nem eles têm a cultura malinesa dentro deles. Hoje, a maior cinemateca é francesa porque eles compram os direitos. Essa é uma questão que nos preocupa... — disse ele em entrevista ao site (POR DENTRO DA ÁFRICA, 21/06/2014)⁸⁸.

Essa fala de Sissoko corrobora exatamente com a abordagem que a matéria se propõe a fazer ao dizer que "o discurso de que a África não tinha história foi muito reproduzido por autoridades, cientistas e historiadores, principalmente europeus.

⁸⁵Disponível em: <http://www.pordentrodaafrica.com/cultura/cheick-oumar-sissoko-os-cineastas-devem-usar-aspectos-positivos-passado-para-construir-o-futuro-continente>. Último acesso: 11/06/2017.

⁸⁶Id. Ib.

⁸⁷Id. Ib.

⁸⁸Id. Ib.

Esse desconhecimento, com uma larga dose de ignorância, intensifica os estereótipos que minam a África" (POR DENTRO DA ÁFRICA, 21/06/2014)⁸⁹. Para o cineasta:

Há aqueles que se recusam a ver que temos história e que não trouxemos nada para o mundo moderno. Eles esquecem de toda a produção do Egito Faraônico, dirigido por faraós negros. São pessoas que querem nos apagar da história do mundo. [...] As pessoas que dizem isso são muito ignorantes, querem nos impedir de desempenhar o nosso papel. O mundo destruiu essa parte da nossa história do Egito, da época faraônica. O cinema e o audiovisual têm um papel político. Os criadores são militantes porque cada obra que se cria é um ato político que se levanta e fala da nossa sociedade, sonhos, atitudes e constrói um diálogo entre o autor e o público (POR DENTRO DA ÁFRICA, 21/06/2014)⁹⁰.

Apesar de a indústria cinematográfica nigeriana (*Nollywood*) ser a de maior reconhecimento no continente, a matéria salienta, a partir da visão de Sissoko, que não se pode reduzir a produção audiovisual a um único país, uma vez que a África possui muitas identidades. De tal maneira que, para Cheick Oumar, "as produções da Tunísia, África do Sul, Nigéria, Egito, Burkina Faso têm a mesma missão de compartilhar, revelar e preservar a sua história" (POR DENTRO DA ÁFRICA, 21/06/2014)⁹¹.

A matéria termina com uma fala muito significativa de Cheick Oumar Sissoko a respeito da função do cinema como uma ferramenta que permita aos próprios africanos construir e contarem sua realidade: "As sociedades falam sobre os nossos problemas, sobre a nossa dificuldade de vida. Tentamos descrever o nosso jeito de viver. A nossa luta, a nossa identidade... O cinema é absolutamente necessário para reconstruir a nação. Temos que continuar" (POR DENTRO DA ÁFRICA, 21/06/2014)⁹².

⁸⁹Disponível em: <http://www.pordentrodaafrica.com/cultura/cheick-oumar-sissoko-os-cineastas-devem-usar-aspectos-positivos-passado-para-construir-o-futuro-continente>. Último acesso: 11/06/2017.

⁹⁰Id. Ib.

⁹¹Id. Ib.

⁹²Id. Ib.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo como ponto de partida o alerta da escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie sobre os perigos de uma história única, este trabalho partiu da vontade do autor de tentar entender de que forma os meios de comunicação tradicionais contribuem para reforçar um discurso único acerca de determinados acontecimentos. Pegando como exemplo o *site Por Dentro da África*, me senti ainda mais intrigado e estimulado a tentar compreender como isso se reflete na maneira que olhamos e percebemos o continente africano — justamente por constatar que minha visão a respeito do mesmo refletia apenas um aspecto de sua natureza e, portanto, reforçava um história única e extremamente problemática.

Nesse sentido, apoiando-me na pós-modernidade sem, no entanto, deixar de combatê-la e questioná-la, procurei demonstrar o quanto ela vêm influenciando e comprometendo a prática jornalística na contemporaneidade. Sempre apontando para a emergência das chamadas novas mídias — dando foco ao *site Por Dentro da África* — como um modelo alternativo ao fazer jornalístico tradicional, tentou-se analisar primeiramente quais os artifícios disponíveis aos meios de comunicação para a formação da opinião pública, qual a relação entre esses dois fatores e em que medida é possível considerar a influência da mídia sobre a forma como vemos o mundo atualmente.

Posteriormente, a partir de uma abordagem foucaultiana sobre as relações entre poder e discurso, os esforços se concentraram na intenção de compreender de que forma certos enunciados difundidos por diferentes instituições se apresentam como verdades absolutas ou legítimas. Em cima desse ponto pode-se verificar a importância de se encarar o poder não como um mecanismo hierarquizado e unidirecional, que serve apenas para reprimir e manipular, mas como uma forma de resistência que proporciona novos tipos de comportamentos dentro do contexto no qual nos encontramos.

Além disso, pode-se identificar como os meios de comunicação participam não apenas para reforçar, mas também para perpetuar muitos dos estereótipos que encontramos incorporados em nós, como, por exemplo, o que nos despertou interesse, os do continente africano. Ao final, o que se pode constatar é que existem, sim, maneiras de proporcionar uma comunicação muito além de um discurso único. Tendo como cerne o continente africano e a forma como ele é retratado nos meios de comunicação tradicionais, este trabalho se dispôs a comprovar, por meio do portal analisado, que existem de fato alternativas à uma história única.

Influenciado pela postura da jornalista Natalia da Luz, o que se procurou com este trabalho foi mostrar que, por mais que as atuais condições sob as quais nos encontramos submetidos em muitos momentos nos causem grande descrença ou um acentuado ceticismo, é preciso acreditar que as possibilidades para promover transformações encontram-se, sim, disponíveis e ao nosso alcance. É verdade que, assim como Chimamanda se deu conta dos perigos de uma história única, ter um primeiro contato com o que consistia de fato o discurso pós-moderno, me causou grande preocupação.

Num primeiro momento, ao perceber que muito do que esse discurso enuncia pode ser percebido em nossa sociedade diariamente, me vi tentado a acreditar que não seria mesmo possível existirem alternativas à pós-modernidade. E deslocando para a prática jornalística, percebendo de que maneira esse discurso se reflete na mesma, me vi envolvido por uma dificuldade ainda maior para enxergar de que maneira poderia propor novos caminhos aos modelos tradicionais. O que tentei com este trabalho, especialmente no último capítulo, foi passar a mesma sensação que senti, ou pelo menos algo que se aproximasse, ao momento em fui apresentado ao *site Por Dentro da África*.

Procurei acima de tudo demonstrar que, por mais idealista que isso possa parecer, há sim como produzir mudanças. Pude perceber com isso o quanto é importante e cada vez mais necessário deixarmos de lado pensamentos e visões pré-concebidas, que em muitos casos, é verdade, encontram-se inseridos historicamente em nós. E que, devido a isso, também requerem um longo, porém, fundamental (é preciso sempre ressaltar) processo de desconstrução. Tenho a total consciência de que o tema aqui abordado não se encerra nesta monografia, pensar diferente disso seria pretensioso demais. Certamente ainda há muitos pontos a serem melhorados e outros tantos a serem explorados.

No entanto, encerro meu ciclo na graduação de Jornalismo na Escola de Comunicação da UFRJ na esperança de ter contribuído de alguma maneira para acrescentar novas discussões e novos olhares sobre a atividade jornalística, incitando um fazer jornalístico mais ético e mais justo, que valorize a diversidade de vozes e de visões de mundo. Enfim, por uma prática que evite, por mais trabalhoso que isso seja, reforçar uma história única sobre algo ou alguém e que preze, acima de tudo, por um maior equilíbrio das histórias.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, Lígia Assumpção. *Corpo Desviante/Olhar Perplexo*. In: Revista Psicologia USP, v. 5, n. 1/2, São Paulo, 1994, p. 245-268.

AMARAL, Marcio d'. *Sobre Tempos e História: o paradoxo pós-moderno*. In: LEÃO, Emmanuel Carneiro. *Pensamento do Brasil*, v.1. Rio de Janeiro: Hexis, 2010, p. 351-369.

BARBOSA, Marialva. *História Cultural da Imprensa (Brasil – 1900-2000)*. Rio de Janeiro: Mauad, 2007.

BAUDRILLARD, Jean. *Simulacros e Simulação*. Lisboa: Relógio D'Água, 1981.

BIROLI, Flávia. *Mídia, tipificação e exercícios de poder: a reprodução dos estereótipos no discurso jornalístico*. In: Revista Brasileira de Ciência Política, nº 6. Brasília, julho - dezembro de 2011, p. 71-98.

CARVALHO, Aloysio. *O caso Última Hora e o cerco da imprensa ao Governo Vargas*. Niterói: Editora UFF, 2012.

DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. E-Book: eBookLibris, 2003.

FONTANI, Alessandro; BERTANI, Mauro. *Situação do curso*. In: FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975/1976)*. Tradução de Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2005, p. 327-351.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

_____. *Ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

_____. *Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975/1976)*. Tradução de Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____. *A Coragem da Verdade*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

_____. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

_____. *O Governo de Si e dos Outros*. Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FREIRE FILHO, João; VAZ, Paulo (orgs.). *Construções do tempo e do outro – Representações e discursos midiáticos sobre a alteridade*. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

HOHLFEDT, Antônio (org). *Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências*. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

JOHNSON, Allan G. *Dicionário de Sociologia. Guia prático da Linguagem Sociológica*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1997.

JUSTEN, Janine Figueiredo De Souza. *Entre Representações e Simulacros: A Construção da Opinião Pública no Mundo Virtualizado*. Rio de Janeiro: UFRJ/ECO. Monografia em Jornalismo, 2013, p.20-31; p.45-55.

LAGE, Nilson. *Estrutura da Notícia*. São Paulo: Ática, 2006.

LEITE, Francisco. *Por outras expressões do negro na mídia: a publicidade contraintuitiva como narrativa desestabilizadora dos estereótipos*. In: BATISTA, Leandro Leonardo e LEITE, Francisco (orgs.). *O negro nos espaços publicitários brasileiros: perspectivas contemporâneas em diálogo*. São Paulo: Escola de Comunicação e Artes/USP: Coordenadoria dos Assuntos da População Negra, 2011, p. 223-242.

LÉVY, Pierre. *As tecnologias da Inteligência*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. *De perto e de dentro: um novo olhar sobre a cidade*. In: Revista GV-executivo, vol. 12, n. 2, São Paulo, julho-dezembro 2013, p.38-41.

MORAES, Denis. *O capital da mídia na lógica da globalização*. In: MORAES, D. (org). *Por uma outra comunicação: mídia, mundialização cultural e poder*. Rio de Janeiro, Record, 2003.

OLIVA, Anderson Ribeiro. *Notícias sobre a África representações do continente africano na revista veja (1991-2006)*. In: Revista Afro-Ásia, n. 38. Bahia: Centro De Estudos Afro-Orientais, FFCH/UFBA, 2008, p.141-178.

REVEL, J. *Michel Foucault: conceitos essenciais*. Tradução de Carlos Piovezani Filho e Nilton Milanez. São Carlos: Claraluz, 2005.

SOARES, Astréia; BARBOSA, Luiz Henrique; CARVALHO, Vanessa de. *ÁFRICA COMO NOTÍCIA*. V ENECULT - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura. Faculdade de Comunicação/UFBA, Bahia, 2009.

SODRÉ, Muniz. *As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política*. Petrópolis, Vozes, 2006.

_____. *Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede*. Petrópolis: Vozes, 2002.

SONTAG, Susan. *Diante da dor dos outros*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SOUSA, Mauro Wilton de. *Prefácio*. In: BATISTA, Leandro Leonardo e LEITE, Francisco (orgs.). *O negro nos espaços publicitários brasileiros: perspectivas contemporâneas em diálogo*. São Paulo: Escola de Comunicação e Artes/USP: Coordenadoria dos Assuntos da População Negra, 2011, p.7-8.

TARDE, Gabriel. *A Opinião e as Massas*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

Websites:

Portal de Notícias G1. *Confrontos entre grupos étnicos deixam pelo menos 29 mortos no Mali*. 22 de Março de 2017. Disponível em: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/confrontos-entre-grupos-etnicos-deixam-pelo-menos-29-mortos-no-mali.ghtml>. Último acesso: 11/06/2017.

Portal de Notícias G1. *Ataque do Boko Haram deixa mortos e feridos no nordeste da Nigéria*. 8 de Junho de 2016. Disponível em: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/ataque-do-boko-haram-deixa-mortos-e-feridos-no-nordeste-da-nigeria.ghtml>. Último acesso: 12/06/2017.

CHADE, Jamil. ESTADÃO (Portal Online do Estado de São Paulo) . *Fome pode levar a 'mortes em massa' na África e ao aumento do fluxo migratório, diz entidade da ONU*. 11 de Abril de 2017. Disponível em: <http://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,fome-pode-levar-a-mortes-em-massana-africa-e-ao-aumento-do-fluxo-de-refugiados-alerta-onu,70001734556>. Último acesso: 12/06/2017.

DA LUZ, Natalia. Por Dentro da África. *Tecnologia na África: Irmãos nigerianos criam navegador para celular*. 27 de Setembro de 2015. Disponível em: <http://www.pordentrodaafrica.com/ciencia/tecnologia-na-africa-adolescentes-nigerianos-criam-navegador-para-celular>. Último acesso: 15/06/2017.

DA LUZ, Natalia. Por Dentro da África. *Legalização do aborto em Moçambique: "A nova lei visa assegurar os direitos sexuais e reprodutivos", diz ativista*. 14 de Abril de 2015. Disponível em: <http://www.pordentrodaafrica.com/ciencia/legalizacao-do-aborto-em-mocambique-a-nova-lei-visa-assegurar-os-direitos-sexuais-e-reprodutivos-diz-ativista>. Último acesso: 09/06/2017.

DA LUZ, Natalia. Por Dentro da África. *"Criamos a primeira impressora africana 3D a partir da reciclagem", diz inventor do Togo*. 4 de Novembro de 2013. Disponível em: <http://www.pordentrodaafrica.com/ciencia/criamos-a-primeira-impressora-africana-3d-a-partir-da-reciclagem-e-uma-solucao-contr-a-poluicao-diz-inventor-do-togo>. Último acesso: 09/06/2017.

DA LUZ, Natalia. Por Dentro da África. *Africanos em prol da ciência: Conheça o nigeriano que quebrou recorde acadêmico em universidade do Japão*. 17 de Setembro de 2015. Disponível em: <http://www.pordentrodaafrica.com/ciencia/africanos-em-prol-da-ciencia>. Último acesso: 09/06/2017.

DA LUZ, Natalia. Por Dentro da África. *Nollywood: o cinema da Nigéria que criou a sua própria identidade*. 16 de Março de 2013. Disponível em: <http://www.pordentrodaafrica.com/cultura/nollywood-o-cinema-da-africa-que-surpreendeu-o-mundo>. Último acesso: 10/06/2017.

DA LUZ, Natalia; OLIVEIRA, Douglas. Por Dentro da África. *Zimbábue: O poder da comunicação com os ancestrais pelo som do mbira*. 21 de Agosto de 2013. Disponível em: <http://www.pordentrodaafrica.com/cultura/especial-zimbabue-o-poder-da-comunicacao-com-os-ancestrais-pelo-som-do-mbira>. Último acesso: 10/06/2017.

DA LUZ, Natalia. Por Dentro da África. *As múltiplas influências do jazz na música da África do Sul*. 5 de Outubro de 2016. Disponível em: <http://www.pordentrodaafrica.com/africa-do-sul-musica/as-multiplas-influencias-do-jazz-na-musica-da-africa-do-sul>. Último acesso: 10/06/2017.

DA LUZ, Natalia. Por Dentro da África. *Guiné-Bissau comemora 42 anos de independência*. 26 de Setembro de 2015. Disponível em:

<http://www.pordentrodaafrica.com/cultura/guine-bissau-comemora-41-anos-de-independencia>. Último acesso: 11/06/2017.

DA LUZ, Natalia. Por Dentro da África. *Tatah Mentan: "O povo africano precisa de batismo ideológico pan-africanista"*. 26 de Maio de 2014. Disponível em: <http://www.pordentrodaafrica.com/cultura/o-povo-africano-precisa-de-batismo-ideologico-pan-africanista-para-embarcar-na-segunda-onda-de-libertacao-disse-tatah-mentan-2>. Último acesso: 11/06/2017.

DA LUZ, Natalia. Por Dentro da África. *Cheick Oumar Sissoko: "Os cineastas devem usar aspectos positivos do passado para construir o futuro do continente"*. Disponível em: <http://www.pordentrodaafrica.com/cultura/cheick-oumar-sissoko-os-cineastas-devem-usar-aspectos-positivos-passado-para-construir-o-futuro-continente>. Último acesso: 11/06/2017.